



Joana Marcos Chissini

Reflexões sobre a (in)capacidade de estar só

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Carlos Augusto Peixoto Junior

Rio de Janeiro,
Março de 2022



Joana Marcos Chissini

Reflexões sobre a (in)capacidade de estar só

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof. Carlos Augusto Peixoto Junior
Orientador
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Carlos Alberto Plastino
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. André Martins Vilar de Carvalho
UFRJ

Rio de Janeiro, 25 de março de 2022.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Joana Marcos Chissini

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio. Possui graduação em Psicologia pela PUC-Rio (2019).

Ficha Catalográfica

Chissini, Joana Marcos

Reflexões sobre a (in)capacidade de estar só / Joana Marcos Chissini ; orientador: Carlos Augusto Peixoto Junior. – 2022.

123 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2022.

Inclui bibliografia

1. Psicologia - Teses. 2. Incapacidade de estar só. 3. Capacidade de estar só. 4. Espaço potencial. 5. Solidão. I. Peixoto Junior, Carlos Augusto. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

A minha mãe, Darlene, por ter me apresentado à psicanálise com afeto.

Ao meu pai, José Mario, por ter me mostrado a importância do conhecimento.

Ao Vitor, por estar ao meu lado me apoiando, me incentivando e construindo sonhos.

A minha avó, Darkete, por ter sempre me inspirado, com vontade de aprender.

Ao meu avô, Marcos (*in memoriam*), que me apresentou a delicadeza da escrita.

As minhas irmãs, Carolina e Suzane, por estarem firmes ao meu lado.

Ao prof. Carlos Augusto Peixoto, meu orientador de mestrado, pela paciência, pela leitura atenta e pela orientação cuidadosa.

À prof. Regina Murat, por ter me acolhido e me transmitido a vivacidade da teoria de Winnicott.

Ao prof. Decio Tenenbaum e a toda sua equipe, por ampliarem o conhecimento clínico e existencial.

A todos os meus amigos e familiares, cuja presença física ainda faz tanta falta na Pandemia.

Aos pacientes, com quem tem sido muito gratificante poder aprender.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio e a toda sua equipe de trabalho por sempre estarem disponíveis com eficiência.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 .

Resumo

Chissini, Joana Marcos; Peixoto Jr, Carlos Augusto. **Reflexões sobre a (in)capacidade de estar só**. Rio de Janeiro, 2022. 123p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho tem como objetivo investigar as bases da capacidade de um indivíduo estar só e apreender o que comprometeria a possibilidade de alguém ser, existir e de se constituir em uma unidade, alcançando o crescimento emocional e a autonomia. Para isso, foi desenvolvida uma pesquisa teórica a partir do método conceitual analítico. A investigação foi fundamentada, principalmente, no pensamento do psicanalista inglês Donald Winnicott. Em uma primeira parte, investigou-se o aspecto positivo da solidão partindo da concepção winnicottiana do estar só como uma capacidade. Na segunda parte, a capacidade de estar só foi relacionada com o espaço potencial winnicottiano, partindo da releitura e da compreensão de Thomas Ogden de que na capacidade de estar só a criança se torna capaz de gerar um espaço continente no qual ela vive. Por fim, na terceira parte desta pesquisa, refletiu-se sobre o aspecto desértico da solidão buscando apreender possíveis dificuldades no desenvolvimento emocional primitivo que inviabilizariam a vivência do estar só. Procurou-se compreender as ansiedades primitivas e os processos defensivos envolvidos nos primórdios do desenvolvimento, explorando a etiologia do falso self winnicottiano em contraponto com o gesto espontâneo do bebê.

Palavras-chave

Incapacidade de estar só; capacidade de estar só; espaço potencial; solidão.

Abstract

Chissini, Joana Marcos; Peixoto Jr, Carlos Augusto (Advisor). **Reflections on the (in)capacity to be alone**. Rio de Janeiro, 2022. 123p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present work aims to investigate the basis of an individual's capacity to be alone and to apprehend what would compromise the possibility of someone being, existing and constituting a unit, achieving emotional growth and autonomy. For this, a theoretical research was developed from the analytical conceptual method. The investigation was based mainly on the theory of the English psychoanalyst Donald Winnicott. In a first part, it was investigated the positive aspect of aloneness based on the Winnicottian conception of being alone as a capacity. In the second part, it was related the capacity to be alone with the Winnicottian potential space, starting from the reinterpretation and understanding of Thomas Ogden that in the capacity to be alone, the child becomes capable of generating a continent space in which he lives. Finally, in the third part of this research, it was contemplated the desert aspect of loneliness, seeking to understand possible difficulties in primitive emotional development that would make the experience of being alone unfeasible. It was investigated the primitive anxieties and the defensive processes involved in the beginnings of development, exploring the etiology of the Winnicottian false self in counterpoint to the baby's spontaneous gesture.

Keywords

Incapacity to be alone; capacity to be alone; potential space; loneliness.

Sumário

1	Introdução	10
2	O aspecto positivo da solidão: o estar só como uma capacidade	17
2.1	Pensando a importância da integração e da não-integração para a capacidade de estar só	19
2.2	A aquisição de vida para a capacidade de estar só: o alcance do EU SOU	22
2.3	Eu estou só: guardando você comigo	27
2.4	Capacidade de estar só: investigando seus pilares	33
2.5	Da dependência à (in)dependência	37
3	A importância da sustentação de um espaço paradoxal rumo a uma solidão madura	47
3.1	Navegando pela terceira área de experimentação: relações entre o espaço potencial e o estar só	48
3.2	A capacidade de estar só como possibilidade de gerar espaço potencial	54
3.3	A destruição criativa como paradoxo de construção das capacidades de se preocupar e de estar só	62
3.4	Entre não-comunicação, privacidade e espaço de amorfia	73
4	Reflexões sobre a impossibilidade de ser e de estar só	80
4.1	Solidão desértica	82
4.2	O falso self e a incapacidade de estar só: vivendo falsamente entre imposições e reatividades	88

4.3 O destino incerto do espaço potencial: a incapacidade do indivíduo de viver em uma área intermediária e de estar só	96
4.4 Sofrimento, não existência e solidão: investigando uma forma de dissociação	101
5 Conclusão	111
6 Referências bibliográficas	116

1 Introdução

Tanto no atendimento clínico individual quanto na experiência institucional coletiva podemos nos deparar com pessoas solitárias, incapazes de sonhar, de criar e de pensar por si próprias. Indivíduos desassossegados, altamente dependentes, desvitalizados, sem um continente. Sujeitos cujo fio que tecia a vida foi cortado, interrompido, tornando a existência sem costura, sem sentido. Pacientes sem pertencimento, estrangeiros de si, do mundo, do espaço, do tempo. Humanos, demasiadamente humanos, que possuem caos dentro de si e que buscam avidamente um amparo: um céu que os proteja do desespero da solidão.

Há situações clínicas no cenário contemporâneo de pacientes que relatam profundos sentimentos de falta de sentido na vida e de vazio, queixas de estarem ficando loucos, manifestações de estranhas sensações corporais, pensamentos persecutórios, afetos vivenciados intensamente, bem como agressões físicas infligidas contra si mesmo (Medeiros, 2020). Além disso, muitos destes pacientes buscam ajuda por apenas conseguirem fazer relações anaclíticas, de dependência. São pessoas, trazendo a analogia de Balint (2014), onofílicas que apenas podem viver vinculadas excessivamente a alguém. Indivíduos que temem grandes espaços vazios, finais de semana, férias, feriados prolongados e até mesmo receiam multidões onde se sentem isolados (Mello Filho, 1989). Neste caso, os espaços vazios podem ser considerados terríveis e ameaçadores, fazendo com que esses sujeitos se prendam aos objetos, uma vez que na ausência deles, podem se sentir inseguros, perdidos e sozinhos (Peixoto Junior, 2004).

A partir de um crescimento da quantidade de publicações e de eventos criados em relação aos limites da prática e da teoria psicanalítica na atualidade, geralmente, busca-se entender de que maneira é possível analisar pacientes que não se adequam apenas ao enquadre tradicional da psicanálise: pessoas cuja conflitualidade edípica não ocupa um lugar de destaque e cujo sofrimento se relaciona à dimensão não discursiva da experiência subjetiva. Nota-se, portanto, a busca pela compreensão da incidência de defesas rígidas e da resistência ao trabalho interpretativo em indivíduos que muitas vezes demonstram incerteza de si,

parecendo demandar a participação do analista no processo de construção de um eu que ainda não foi integrado (Klatau et al. 2016). Portanto, procura-se uma compreensão sobre casos que apresentam um núcleo de sofrimento vinculado a falhas graves no processo de integração, ao mesmo tempo que podem manifestar a construção de uma organização neurótica bem sucedida (Plastino, 2014).

Nesta perspectiva, Jordão (2007) aponta para o surgimento da solidão proveniente de fontes tão primitivas que pode impedir o sujeito de se relacionar com confiança, entrega e intimidade com o analista. Desta maneira, a solidão poderia complicar ou até mesmo impedir o próprio estabelecimento da transferência. Ultrapassando o contexto analítico, o autor também reflete sobre a manifestação da solidão na vida cotidiana: insatisfação e vazio afetivo nos relacionamentos amorosos, dificuldades de envolvimento em relacionamentos duradouros, depressão e sentimento de insuficiência, entre outros exemplos. Jordão considera que tais dificuldades podem ser oriundas da inadequação do ambiente às necessidades afetivas do bebê.

Minerbo (2017), por sua vez, observa que muitos indivíduos se lançam em atividades frenéticas ou, de forma oposta, isolam-se do convívio social, podendo se tornar dependentes de drogas, séries televisivas, aparelhos eletrônicos e outros estímulos como redes sociais. Segundo a psicanalista, a utilização destes recursos pode encobrir a sensação de uma vida vazia e sem sentido, já que quando faltam a pessoa “se sente largada de repente: cai e se esborracha brutalmente no vazio” (Minerbo, 2017, p. 54).

A partir destas considerações, acreditamos que realizar um estudo sobre as bases da capacidade de estar só assim como a inviabilização desta, levando em conta a interdependência entre o indivíduo e o ambiente, pode servir de referencial teórico para a clínica atual e para a compreensão das novas subjetividades. Poder ser capaz de estar sozinho - na presença física ou na ausência de outras pessoas – também implica em uma vida criativa em termos winnicottianos: uma existência em que o ser humano é capaz de sentir-se vivo, sentindo que a vida vale à pena de ser vivida. Se o cenário atual aponta para o oposto, isto é, para a incidência de vidas não criativas, atravessadas por um senso de insignificância e submissão ao outro, um estudo sobre o assunto torna-se extremamente relevante.

No dicionário online de português (2020), a solidão se traduz em um estado de quem vive desacompanhado, só. Neste caso, a canção Rocket Man de Elton John

(1972) talvez possa nos conduzir a esse tipo de experiência. Podemos imaginar como o homem do espaço sente-se solitário em sua falta de contato com a Terra. É possível conceber que na distância do mundo e dos outros, em um lugar longínquo e inóspito, estar só pode ser frio como um inferno. Na literatura, Charles Baudelaire (1995) nos faz pensar em uma ampliação do estar sozinho ao ir além do isolamento físico com o outro. O poeta nos diz que quem não sabe povoar a própria solidão, também não conseguirá ficar sozinho em meio a uma multidão. Mas Baudelaire nos deixa provocações: como é possível povoar a solidão? Existiria uma solidão de estar acompanhado? Que tom e significado essa solidão teria? Por que alguns indivíduos conseguem estar sozinhos, de maneira saudável, e outros não (seja no meio da multidão ou na própria companhia)? Existiria uma base para a incapacidade de estar só?

Antes de introduzir o tema do ponto de vista psicanalítico, coordenada desta pesquisa, não poderíamos deixar de lembrar que estamos atravessando uma pandemia pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2) que não nos deixa esquecer palavras como solidão e isolamento. A pandemia pode ter chegado para todos, englobando o Oriente e o Ocidente, contudo, cada indivíduo a tem experimentado de maneira única. Para aqueles indivíduos isolados do convívio social, a solidão se fez e ainda se faz presente de diferentes formas: no mar revolto (Pandemia) que se alastra, alguns barcos (pessoas) naufragaram temendo a solidão. Outros se prenderam a alguma embarcação frente à extrema insegurança e ao medo de se perderem. Alguns se mantiveram sós, reclusos, totalmente afastados de qualquer possibilidade de regresso ao cais do porto. Porém, outros ainda lutam contra as ondas, mesmo que isolados, pensando e criando novas técnicas para se adaptarem – ou ao menos poderem existir - a uma realidade pouco conhecida.

Do ponto de vista psicanalítico, a solidão não precisa necessariamente ser um desolamento como nos lembra o poeta Fernando Pessoa (1999) ou uma experiência radical de não pertencimento ao mundo, em que o homem perde a sua capacidade criativa de acrescentar algo de si mesmo ao seu redor, como nos remete a filósofa Hannah Arendt (2012). Donald Winnicott (1988a), psicanalista inglês, nos apresenta o aspecto positivo da solidão ao pensar a capacidade do indivíduo de estar só como um dos sinais mais importantes do amadurecimento do desenvolvimento emocional. Entende-se que essa sofisticada capacidade está articulada com a possibilidade do indivíduo ser, isto é, de existir e de se constituir

em uma unidade, internalizando um ambiente confiável, seguro e suficientemente bom.

Na obra winnicottiana, a base da capacidade de estar só é sustentada por um paradoxo: em um momento de dependência absoluta, o bebê, ainda não integrado, sem vínculo entre corpo e psique, somente é capaz de estar sozinho na presença confiante e sensível da figura materna. Isto é, inicialmente, a criança, ainda não consciente, apenas poderá relaxar e devanear, vindo a descobrir a sua vida pessoal própria, caso haja alguém disponível sem lhe fazer exigências. O que está implícito é uma relação ligada ao ego em que a imaturidade do ego da criança é compensada pelo apoio do ego de alguém que se oferece como um continente de acolhimento seguro às necessidades corporais, físicas e emocionais do bebê, assumindo a sua vulnerabilidade e sendo capaz de saber como ele está se sentindo (Silva, 2017). Em outras palavras, a criança poderá estar só, de forma positiva, em um estado em que não há orientação, caso haja um ambiente que não perturbe a continuidade de sua existência, permitindo-lhe ser amorfa. Portanto, o modo como o ambiente se relaciona com o infante será fundamental neste empreendimento.

Assim, Winnicott (1990d) nos mostra que a base da natureza humana em termos do desenvolvimento individual encontra-se em um estado primário de solidão essencial que, paradoxalmente, apenas pode existir em condições de dependência máxima. Se Freud (2017), ao considerar o ponto de vista do observador, concebeu um estado inorgânico do qual origina cada indivíduo, Winnicott (1990d), por sua vez, imaginou a perspectiva da experiência individual e do indivíduo nos conduzindo a um estado primitivo de solidão que não pode ser desarticulado da interação entre a mãe e o seu bebê. Nos primórdios do desenvolvimento, do ponto de vista do bebê ainda não há uma realidade não-eu, isto é, ainda não podemos considerar a criança como uma unidade. Para o psicanalista inglês, a unidade é o “conjunto ambiente-indivíduo” (Winnicott, 1990d, p. 153).

Thomas Ogden (2018) observa que apenas com Winnicott que a psicanálise desenvolveu uma concepção da mãe como a matriz psicológica do bebê. Isto é, os conteúdos psicológicos do bebê podem ser compreendidos somente em relação à matriz psicológica dentro da qual aqueles conteúdos subsistem. Para o autor americano, a conquista da capacidade de estar sozinho envolve a internalização da mãe enquanto ambiente pela criança. Ogden capta a sutilidade do que Winnicott

está propondo em seu artigo de 1958 (A capacidade de estar só) e entende que na capacidade de estar só, o bebê torna-se capaz de gerar um espaço continente no qual ele vive, chamado de espaço potencial: um espaço de relaxamento amorfo no qual brincamos, sonhamos e criamos. O indivíduo saudável, cujo ambiente pôde lhe acolher de forma suficientemente boa facilitando seus processos maturacionais, ao se encontrar sozinho, sempre estará na presença da mãe ambiental gerada por ele mesmo (Ogden, 2018).

Se, por um lado, a provisão materna, inicialmente, não é percebida pelo bebê, o rompimento dessa provisão imperceptível pode se tornar uma catástrofe, tornando-se um acontecimento visível prematuramente pela criança. A perda da mãe enquanto ambiente é um evento trágico que o bebê responde com um sentimento de perda iminente e de aniquilação de si. Nessas situações inadequadas de invasão ambiental, o bebê não será protegido do peso da realidade, sendo trazido de maneira precipitada, isto é, defensiva, à existência, tentando lidar com o desastre da situação (Ogden, 2018). A partir desta apreensão, esta pesquisa busca refletir se a incapacidade de estar só – a não possibilidade de povoar a própria solidão como nos mostra Baudelaire - surgiria pela impossibilidade do indivíduo ser, de estar acompanhado, isto é, de internalizar um ambiente seguro e de criar um espaço potencial. Entende-se que ao ter seus processos maturacionais comprometidos, defesas como um falso si mesmo surgiriam, tornando a pessoa submissa de seu meio, altamente dependente do outro e incapaz de sentir a vida como digna de ser vivida.

Considerando os pontos anteriores, será desenvolvida uma pesquisa teórica a partir do método conceitual analítico. A investigação será fundamentada, principalmente, no pensamento do psicanalista inglês Donald Winnicott.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, investigaremos o aspecto positivo da solidão partindo da concepção winnicottiana do estar só como uma capacidade. Para isso, recorreremos ao texto A capacidade de estar só (Winnicott, 1988a) elucidando a relevância desta capacidade para o amadurecimento emocional e para a clínica psicanalítica. Considerando o estar só como uma sofisticada conquista e entendendo a existência de momentos cruciais para o seu estabelecimento, exploraremos a experiência paradoxal que constitui a sua base: estar só na presença de alguém. Neste caso, será necessário investigar o desenvolvimento da dupla mãe-bebê, pensando a figura materna como matriz

psicológica do lactente (Ogden, 2018) e a sua presença como fundamental para o progresso do desenvolvimento do ego infantil (Bonaminio, 2020). Depois, refletiremos sobre a importância da internalização do ego auxiliar materno, pensando a capacidade de estar só como uma face do processo de internalização da mãe enquanto ambiente pela criança (Ogden, 2018).

Entendendo que a linguagem de Winnicott é aparentemente simples, comportando significados densos, será necessário investigar com maior profundidade os conceitos abordados, considerando a sua teoria sobre o desenvolvimento emocional primitivo. Assim, discutiremos, ainda nesta primeira parte, o crescimento emocional do indivíduo em termos da dependência em direção à independência (Winnicott, 1988d).

No segundo capítulo, relacionaremos a capacidade de estar só com o espaço potencial winnicottiano. Considerando a obra *O brincar e a realidade* (Winnicott, 1975e), buscaremos refletir sobre a importância deste espaço entre o mundo subjetivamente concebido e o mundo objetivamente percebido – entre fantasia e realidade – na vida de uma pessoa, ampliando a compreensão desse conceito, bem como investigando seus principais requisitos. Também partiremos para a releitura e para a compreensão de Thomas Ogden de que na capacidade de estar só a criança torna-se capaz de gerar um espaço continente no qual ela vive. Para isso, discutiremos o conceito de processo dialético segundo o autor, como um paradigma escolhido para entender como a atividade psicológica gera o espaço potencial. Buscaremos apreender a relação entre as capacidades de estar só e de se preocupar, considerando o processo paradoxal de destruição criativa a partir do texto de Winnicott chamado *O uso de um objeto e relacionamento através de identificações* (1975h). Por último, ainda nessa segunda parte, refletiremos sobre a importância do silêncio na conduta clínica, analisando a não-comunicação do paciente como uma contribuição positiva e saudável. Assim, procuraremos investigar no texto winnicottiano *Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos* (1988c) um núcleo do indivíduo que não se comunica com o mundo não-eu. Indo em direção ao texto *On lying fallow* de Massud Khan (1983b), buscaremos um entendimento sobre a função do indivíduo permanecer em repouso, relacionando os estados silenciosos com o espaço de amorfia.

Já no terceiro capítulo desta pesquisa, inicialmente, pretendemos discutir vinhetas clínicas contemporâneas presentes na literatura psicanalítica a fim de

refletiremos sobre o aspecto desértico da solidão. Desta forma, partiremos do artigo *The capacity to be alone: reflections on Winnicott's 1958 article* de Vincenzo Bonaminio (2020), como também do texto *A coragem de ter medo* de Stefano Bolognini (2007). Buscaremos apreender possíveis dificuldades no desenvolvimento emocional primitivo que inviabilizariam a vivência do estar só. Procuraremos compreender as ansiedades primitivas e os processos defensivos envolvidos nos primórdios do desenvolvimento, explorando a etiologia do falso self winnicottiano em contraponto com o gesto espontâneo do bebê, a partir do texto *Distorção do ego em termos de verdadeiro e falso self* (1988e). Considerando o destino incerto do espaço potencial, também discutiremos o caso clínico de Winnicott (1975i) sobre um menino que se preocupava com tudo que se associava a um cordão. Finalmente, buscando refletir sobre os estados clínicos de não existência e solidão, investigaremos o caso de uma paciente de Winnicott, presente no texto *Sonhar, fantasiar e viver* (1975j), que construiu uma vida em que tudo para ela era insignificante, apresentando uma forma de dissociação a ser desdobrada.

2

O aspecto positivo da solidão: o estar só como uma capacidade

Nosso objetivo, neste capítulo, é investigar o aspecto positivo da solidão, partindo da concepção winnicottiana do estar só como uma capacidade. Considerando a perspectiva de Winnicott sobre o desenvolvimento emocional primitivo, buscaremos apreender os requisitos necessários e fundamentais para a conquista de uma solidão madura. Para isso, pretendemos esclarecer a relevância desta capacidade tanto para o amadurecimento emocional quanto para a clínica psicanalítica.

No prefácio de *Textos Seleccionados Da Pediatria à Psicanálise*, Masud Khan (1993) aponta que ao longo de muitos anos de clínica, Winnicott deparou-se com uma vasta gama de sofrimento humano e embora tenha sentido nos outros e com o outros a desesperança, o psicanalista inglês enxergou no homem um destino esperançoso. Se Freud explorou o “coração do homem” e constatou, segundo o seu ponto de vista, que ele era um ser precário e fraco, descobrindo subterfúgio e descontentamento na cultura, Winnicott, proveniente de uma tradição cultural diferente, formulou uma concepção da natureza humana distinta, em que o humano, no ambiente de cultura, era um ser criativo com potencial para relacionar-se com os outros (Khan, 1993, p. 50).

Se bem que, sob certos aspectos, Winnicott fosse um verdadeiro solitário, era um solitário que incluía os outros para incrementar sua experiência de si mesmo, exatamente como lhes enriquecia a vida pelo encontro com ele. Não é de admirar, portanto, que nos últimos anos de sua vida, tenha dado aos dois problemas cruciais da experiência humana – solidão e preocupação – seu mais profundo carinho e atenção (Khan, 1993, p. 51)

Segundo Khan, Winnicott analisou a solidão do ser humano sob um novo ângulo, apresentando o aspecto positivo da capacidade de estar só. A literatura psicanalítica, até então, majoritariamente, contava com a realização de trabalhos sobre o estado retirado de solidão, como uma organização defensiva que envolvia

uma expectativa de perseguição (Winnicott, 1988a). Mas Winnicott, por sua vez, acabou humanizando e positivando a solidão.

Ficar realmente só não é do que estamos falando. A pessoa pode estar num confinamento solitário, e ainda assim, não ser capaz de ficar só. Quanto ela precisa sofrer está além da imaginação. Contudo, muitas pessoas se tornam capazes de apreciar a solidão antes de sair da infância, e podem mesmo valorizar a solidão como a sua possessão mais preciosa (Winnicott, 1988a, p. 32)

De acordo com Julio de Mello (1989), Winnicott evidencia a sua intuição e o seu poder de observação ao produzir o seu famoso artigo intitulado “A capacidade de estar só” (1988a). Se, inicialmente, a psicanálise havia se ocupado do desejo ou do medo de ficar só, o psicanalista inglês inaugura a noção da solidão como uma sofisticação, ou seja, como uma capacidade positiva que pode ser conquistada ao longo do desenvolvimento emocional. Realmente não é sobre literalmente ficar sozinho, fisicamente só ou retraído, que Winnicott está discutindo. Ultrapassando essa noção, ele está nos mostrando a possibilidade de apreciarmos ou até mesmo de valorizarmos a solidão como nossa possessão mais valiosa. A partir do momento que a solidão se torna uma conquista, o sujeito é capaz de relaxar e de descansar tanto de maneira compartilhada quanto na ausência de objetos ou de estímulos externos, sentindo-se vivo (Mello Filho, 1989).

Do ponto de vista clínico, em uma análise, por exemplo, um paciente pode experimentar a solidão a dois com seu analista em uma sessão silenciosa. Dirá Winnicott, ampliando a compreensão do silêncio normalmente vinculada à resistência na análise, que talvez esta seja a primeira vez que o paciente pode ter tido a capacidade de ficar realmente só:

Em quase todos os nossos tratamentos psicanalíticos há ocasiões em que a capacidade de ficar só é importante para o paciente. Clinicamente isto se pode representar por uma fase de silêncio, ou uma sessão silenciosa, e esse silêncio, longe de ser evidência de resistência, representa uma conquista por parte do paciente. Talvez tenha sido esta a primeira vez que o paciente tenha tido a capacidade de realmente ficar só (Winnicott, 1988a, p. 31)

Do ponto de vista do amadurecimento, Winnicott nos ensina que poder estar só representa um grande progresso individual já que exige muito crescimento emocional: primeiro, o indivíduo precisa se estabelecer em uma unidade integrada, repelindo o mundo externo e tornando possível o mundo interno. Depois, deve ser possível adquirir não apenas forma, mas também vida a partir de um meio protetor. E, ainda, deve ser possível apreciar a existência contínua de alguém consistentemente disponível.

Ficar só enquanto um fenômeno altamente sofisticado também dependerá da capacidade de o indivíduo lidar com os sentimentos gerados pela cena primária. Segundo Winnicott, a criança, ao perceber ou imaginar uma relação excitante entre os pais, consegue aceitar a situação, lidar com a sua raiva e aproveitá-la para a masturbação. Ser capaz de estar só, neste contexto, mostra maturidade no seu desenvolvimento erótico, “fusão de impulsos e ideias agressivas e eróticas” (Winnicott, 1988a, p. 33), e tolerância da ambivalência, sendo possível que o indivíduo se identifique com seus pais. Neste caso, segundo Abram (2000), Winnicott localiza o conceito da capacidade de estar só dentro da teoria freudiana para ser mais bem compreendido, ao trazer a possibilidade da criança ser capaz de tolerar o intercurso sexual da cena primária de Freud.

Ainda que existam processos para que um dia o indivíduo possa apreciar e ser capaz de estar só, há um que é fundamental, constituindo a sua base: é a concepção paradoxal winnicottiana do bebê estar só na presença de alguém. Um alguém confiantemente presente que se relaciona com o infante de maneira suficientemente boa nos primórdios de sua vida. É o que Winnicott chamou de um “relacionamento do ego” em contraste com o relacionamento baseado nas necessidades do id (que constitui a raiz da teoria psicanalítica). Somente quando só - na presença de um adulto - que a criança poderá descobrir a sua vida pessoal própria.

2.1

Pensando a importância da integração e da não-integração para a capacidade de estar só

Levando em consideração que a capacidade de estar só de forma madura representa um grande progresso individual, Winnicott nos mostra que, em primeiro plano, o indivíduo necessita se estabelecer em uma unidade integrada, tornando possível tanto o mundo interno quanto o mundo externo. Assim sendo, Winnicott (1988a) faz referência ao processo de integração como um fato, processo este em que a palavra Eu ganha lugar, indicando muito crescimento emocional. Para o psicanalista, “isso é simplesmente uma afirmação topográfica da personalidade

como um ser, como a organização do núcleo do ego. Neste ponto nenhuma referência é feita a viver” (Winnicott, 1988a, p. 35).

Loparic (2013) comenta que o pronome EU possui uma conotação mais topográfica, já que seria um espaço unificado dos núcleos do ego. No processo de integração egóica, o ego poderá partir de um ego corporal ainda não fortificado, múltiplo, para uma unidade mais consistente, chamada de EU. Parte-se do entendimento de que o início da personalidade humana é não-integrada, não havendo vínculo entre corpo e psique. Ainda não há uma integração em uma unidade consistente, como também ainda não há possibilidade de uma relação da criança com outras pessoas totais, isto é, de acordo com um padrão de relacionamento unificado (Loparic, 2013). Deste modo, apenas gradualmente “pequenos pedaços da técnica de cuidado infantil, rostos vistos, sons ouvidos e cheiros sentidos são reunidos em um único ser total a ser chamado mãe” (Winnicott, 1945, p. 276).

Para Winnicott (1990d), o que existe inicialmente é um conjunto anatômico e fisiológico, junto a um potencial herdado ao desenvolvimento. Para concretizar seu potencial herdado à integração e à reunião dos núcleos do ego, o bebê possui uma necessidade vital de alguém que facilite os estágios iniciais dos seus processos de desenvolvimento psicossomático. Sua personalidade imatura com potencial ao amadurecimento é dependente de um ambiente que ofereça cuidados de qualidade suficientemente boa. Uma vez que o ambiente de facilitação, humano e pessoal, é suficientemente bom, as tendências hereditárias de crescimento do bebê - sendo a principal, a tendência à integração - têm a possibilidade de alcançar resultados favoráveis, progredindo de forma espontânea.

No texto *Desenvolvimento emocional primitivo*, Winnicott (1945) apresenta a integração como um dos três processos iniciais do amadurecimento, sendo os outros dois a personalização e a realização. A integração inicia-se nos primórdios da vida, contudo, não se pode considerá-la como algo natural. Torna-se importante levá-la em consideração ao longo do desenvolvimento, observando suas flutuações.

Muitos bebês já se encontram a caminho da integração durante certos períodos de suas primeiras vinte e quatro horas de vida. Em outros, o processo é retardado ou ocorrem recaídas (...) Há longos espaços de tempo na vida de um bebê normal durante os quais não importa para ele ser muitos pedaços ou um ser inteiro, viver no rosto da mãe ou em seu próprio corpo, desde que, de tempos em tempos, ele se torne uno e sinta algo. (Winnicott, 1945, p. 276)

Compreende-se que o amadurecimento em Winnicott não é pensado em linha reta, mas há idas, vindas e sobreposições dos processos de desenvolvimento. Como já foi mencionado, inicialmente, a personalidade humana não é integrada, sendo pensada uma não-integração primária. Por mais que, ao longo da continuidade da linha de vida, o bebê humano possa alcançar maior maturidade emocional, conquistando maior consistência em termos de seus processos psicossomáticos, todo ser humano, mesmo na saúde, possui a capacidade inata “de se tornar não-integrado, despersonalizado, e de sentir que o mundo é irreal” (Winnicott, 1945, p. 276). Ou seja, em termos específicos de integração, todo bebê humano nasce com este potencial e diante dos cuidados de um ambiente suficientemente bom, o infante pode alcançar uma certa estabilidade deste processo. Contudo, nenhum ser humano, criança ou adulto, encontra-se constantemente integrado. Como Winnicott observa, uma suficiente falta de sono pode produzir aquelas condições de não-integração e de despersonalização em qualquer pessoa.

Como um dos exemplos do fenômeno de não-integração, Winnicott (1945) cita a comum experiência do paciente que fornece todos os detalhes de seu final de semana. Neste caso, no final da sessão, é possível que o analista sinta que não tenha sido feito qualquer trabalho analítico, mesmo o paciente sentindo-se satisfeito. Entende-se que o paciente precisa ser conhecido pelo analista em todos os seus “pedaços”, sendo necessário, por vezes, interpretar isso (Winnicott, 1945, p. 275), porém, não com o sentido de fornecer interpretações ao paciente, mas de “ser ininterruptamente aquele lugar humano no qual o paciente está se tornando inteiro” (Ogden, 2010, p. 125).

Ser conhecido significa sentir-se integrado pelo menos na pessoa do analista. É isso o que comumente ocorre na vida da criança muito pequena e um bebê que não teve qualquer pessoa para juntar seus pedaços começa com uma desvantagem sua própria tarefa de auto-integração e talvez não consiga empreendê-la, ou pelo menos não consiga manter sua integração com confiança (Winnicott, 1945, p. 275-276)

Também é importante considerar que a tendência a integrar pode ser auxiliada por dois conjuntos de experiência: tanto a técnica do “cuidado infantil através da qual a temperatura do bebê é mantida, ele é manipulado, banhado, embalado e nomeado” quanto “as experiências pulsionais agudas que tendem a tornar a personalidade una a partir do interior” (Winnicott, 1945, p. 276). Podemos entender que, se, de um lado, é importante considerar experiências e períodos mais

tranquilos da relação inicial mãe-bebê para o auxílio do processo de integração, também é interessante pensar na relevância do surgimento de momentos excitados, com experiências instintivas para que o bebê possa se integrar e ao mesmo tempo se diferenciar do ambiente.

Considerando os períodos de tranquilidade do bebê, Abram (2000) diz que Winnicott utiliza o termo não-integração para descrever estes estados tranquilos. A não-integração surge, inicialmente, como o oposto da integração, relacionando-se, na saúde, com o relaxamento do bebê, isto é, a possibilidade do infante de não sentir necessidade de estar integrado, uma vez que conta com o suporte egóico materno. Pode-se dizer, assim, que é a não-integração, ligada ao SER, que aparece como precursora da habilidade de relaxar.

De maneira geral, o bebê, a criança ou o adulto que são capazes de relaxar e de não-integrar-se

conhecem existencialmente a experiência de confiar e de sentir-se a salvo. Esta é uma experiência que conduz à capacidade de gozar das atividades culturais. A não-integração está associada ao ser e à criatividade. A capacidade de não integrar-se, assim, também constitui-se em uma aquisição do desenvolvimento (Abram, 2000, p. 123)

Tanto a habilidade de entregar-se como a habilidade de relaxar dependem inteiramente de um ambiente materno que possa ser totalmente confiável. Além disso, paradoxalmente, a habilidade de não-integração e de relaxar compõem-se em um sinal de maturidade e de integração.

2.2

A aquisição de vida para a capacidade de estar só: o alcance do EU SOU

No mais solitário deserto acontece a segunda metamorfose: o espírito se torna leão, quer capturar a liberdade e ser senhor em seu próprio deserto
Nietzsche

Winnicott nos ensina que para poder estar só de forma sofisticada, além do bebê necessitar se estabelecer consistentemente em uma unidade integrada, deve

ser possível que ele também adquira vida a partir de um meio protetor. Pode-se dizer, então, que depois da palavra EU, isto é, da “afirmação topográfica da personalidade como um ser” (Winnicott, 1988a, p. 35), surge a expressão “EU SOU” que representa um estágio no amadurecimento individual. Assim, o bebê, além de forma, também ganha vida.

Na sequência do amadurecimento, “a expressão ‘EU SOU’ começa a fazer sentido, incluindo um fator temporal, pois significa EU CONTINUO EXISTINDO”, e abrangendo os estados excitados, passados, presentes e futuros” (Loparic, 2013, p. 84). Apreende-se que a integração egóica possui como fundamento a continuidade da linha de vida que se inicia antes mesmo do bebê nascer realmente. Winnicott (2018a) sustenta a ideia de que tudo que é experimentado pelo indivíduo não é perdido, mesmo que isso não se torne acessível à consciência. A continuidade de ser, portanto, é a base de toda sua teoria em relação ao amadurecimento da personalidade humana. Segundo Davis & Wallbridge (1982), a experiência de continuar a ser conduz à consecução do status unitário, o EU SOU. “E está é a base a partir da qual nós, do lado de fora, reconhecemos e valorizamos a integridade pessoal do indivíduo maduro” Davis & Wallbridge, (1982, p. 52).

Para Winnicott (1990c), a característica central no desenvolvimento humano é a chegada e a manutenção segura do estágio EU SOU. Apreende-se que o EU SOU representa o momento no amadurecimento emocional em que o ser humano se torna um indivíduo, apresentando, assim, uma identidade pessoal. Será com base nesse estado que o indivíduo poderá se identificar com unidades mais amplas, se tornando parte de uma vida social cada vez mais extensa. A conquista do EU SOU associa-se ao conceito de totalidade que pode ou não se tornar um fato ao longo do desenvolvimento emocional da criança.

Podemos pensar que o processo do bebê se tornar um indivíduo parte de uma base pré-individual, em que o mundo ainda não pode ser percebido objetivamente, para uma dimensão individual mais madura, na qual o bebê pode experimentar o EU SOU. Nos primórdios, o infante concebe subjetivamente o mundo, experimentando a ilusão de onipotência de que aquilo que ele necessita é criado por ele. Neste mundo ainda não intersubjetivo, as representações ainda não fazem sentido, considerando-se, portanto, a importância das intensidades, dos afetos e do corpo. Já o EU SOU, dimensão de subjetividade e de consistência em

termos dos processos de integração, personalização e realização, dependerá primordialmente de uma experiência pré-individual - facilitada pelo ambiente - em que o bebê concebe subjetivamente o mundo. No princípio, ainda não se pode falar de um indivíduo ou de um sujeito. Como afirma Winnicott, o bebê não existe fora do cuidado materno, uma vez que o que existe é o par mãe-bebê, em que o bebê pode ser considerado como um ser em sua dimensão pré-individual que um dia alcançará – caso haja um ambiente suficientemente bom – uma dimensão individual de singularidade, o EU SOU.

Winnicott (1990c) mostra que nos primeiros momentos do estágio EU SOU o indivíduo é bastante vulnerável, cru, indefeso e potencialmente paranóide. Neste caso, há uma ansiedade inerente à chegada de cada ser humano na fase EU SOU. Como afirma em “A Capacidade de estar só” (Winnicott, 1988a), a criança apenas pode atingir este estágio pois existe um ambiente que é protetor. Caso contrário, o rompimento no apoio de adaptação nesse momento significaria uma perda da integração (Davis & Wallbridge, 1982). O surgimento de um afeto ansioso específico que tem uma expectativa de perseguição no estabelecimento do estágio EU SOU vincula-se a ideia do repúdio ao não-eu, “que acompanha a delimitação do self dentro do corpo, com a pele como membrana limitante” (Winnicott, 1983/1962, p. 60). Como mostra Winnicott (1990c), se EU SOU, eu juntei minhas partes e reivindiquei isso como EU, repudiando, assim, todo o resto como não-eu. Por repudiar o não-eu, a criança estaria insultando o mundo, devendo esperar ser atacada. Para exemplificar este tipo de ansiedade no ingresso ao EU SOU, Winnicott traz como exemplo um jogo particular nomeado “eu sou o rei do castelo”, o qual, imediatamente após esta afirmação, surge a defesa contra o ataque já esperado: “você é um patife sujo!” (Winnicott, 1990c, p. 57). De acordo com Winnicott, o poeta Horácio teria composto uma versão deste jogo infantil: “Rei será quem bem agir, quem não o fizer, não será” (Winnicott, 1975b, p. 195)

Em “Conceitos Contemporâneos de Desenvolvimento Adolescente e suas Implicações para a Educação Superior” (Winnicott, 1975d) pode ser encontrado um exame do jogo “eu sou o rei do castelo”, em que Winnicott nos transmite tanto a mensagem de que este jogo é uma conquista de crescimento emocional individual - uma afirmação de ser que implica o estabelecimento da dominância -, quanto a mensagem de que “na fantasia inconsciente, crescer é, inerentemente, um ato agressivo” (Winnicott, 1975d, p. 195). Para explicar isso, veremos na segunda parte

da dissertação que é a destruição que cria a realidade, ou seja, “é a destruição do objeto que o coloca fora da área do controle onipotente do sujeito” (Winnicott, 1975h, p. 126). Assim, o objeto está permanentemente sendo destruído na fantasia. Talvez seja por isso que Winnicott afirme que as palavras mais perigosas e agressivas em todas as línguas podem ser encontradas na afirmação EU SOU. O autor também salienta que este jogo relacionado ao EU SOU é característico do elemento masculino em meninos e meninas. Mas o que Winnicott quer dizer com isso?

Segundo Winnicott (1975a), o elemento masculino associa-se ao impulso relacionado a objetos e, conjuntamente, a voz passiva disso. Este elemento, então, transita em termos de um relacionamento ativo ou passivo, cada um deles apoiado pelo instinto. Pode-se dizer que o elemento masculino FAZ. É a partir da ideia deste elemento que o autor fala de impulso instintivo na relação do bebê com o seio e com o amamentar, “e, subsequentemente, em relação a todas as experiências que envolvem as principais zonas erógenas, e a impulsos e satisfações subsidiárias” (Winnicott, 1975a, p. 113).

De acordo com Abram (2000), o conceito winnicottiano de elemento masculino puro relaciona-se ao brincar na luta enfrentada pelo bebê para que consiga alcançar a distinção entre o eu e o não-eu. A relação de objeto do elemento masculino com o objeto pressupõe uma capacidade de diferenciação, fundada tanto sobre uma separação quanto sobre o desenvolvimento egóico.

Para Safra (2009), o elemento masculino engendra o objeto sem o uso de uma representação preexistente. Neste caso, para o autor, além de uma apercepção criativa decorrente do SER, também haveria outra apercepção criativa decorrente do gesto, relacionada ao elemento masculino. Esta acabaria permitindo que

O indivíduo tenha um acesso à realidade, mas uma realidade que é acessada subjetivamente para posteriormente ser apreendida de maneira objetiva. O indivíduo, em decorrência da experiência da apercepção criativa originada a partir do elemento masculino, pode ir em direção ao mundo na expectativa e na esperança do encontro do objeto necessitado. Nesse caso, surge a possibilidade de objetividade, mas de maneira pessoal (Safra, 2009, p. 78)

Se considerarmos que o EU SOU relaciona-se, em parte, ao elemento masculino, que faz, então não é possível deixar de lembrar que este fazer apenas pode emergir de forma saudável se for gerado a partir do SER: “ser antes de fazer” (Winnicott, 1990c, p. 33). A pessoa que conquistou o EU SOU e adquiriu vida,

além de forma unitária, pode viver criativamente já que uniu os elementos masculino e feminino à capacidade de ser e de fazer. Porém, torna-se imprescindível que primeiro surja a possibilidade de ser para depois fazer e ser feito (Abram, 2000).

Percorrendo a discussão sobre a chegada e a manutenção do estágio EU SOU no texto “SUM: I am”, proveniente de uma palestra realizada à Associação de Professores de Matemática durante a Conferência de Páscoa em Whitelands, Londres, encontramos Winnicott (1990c) discutindo o título escolhido, desvendando o mistério em torno da palavra “sum”. É importante considerar que no inglês, sua língua materna, esta palavra tanto pode ser traduzida pelo verbo “somar” quanto pelo substantivo “soma”, fazendo sentido no contexto de uma palestra proferida a professores de matemática. Contudo, o destaque da palavra não foi conferido à língua inglesa, e sim ao latim: “sum”, no latim, refere-se ao verbo ser, estar, existir. Winnicott, após realizar este trocadilho, alerta a diferença existente entre o “sum” latino do estágio EU SOU que ele quer chamar atenção e o “sum” cartesiano:

Cogito, ergo sum é diferente: sum aqui significa que eu tenho o senso de existir como uma pessoa, que na minha mente eu sinto que minha existência foi provada. Mas estamos preocupados aqui com um estado de ser não autoconsciente, à parte de exercícios intelectuais de autoconsciência (Winnicott, 1990c, p. 56)

Em Descartes, “Cogito, ergo sum” (“Penso, logo existo”) parece representar uma formulação intelectual, puramente mental e pensante por talvez exigir uma percepção consciente daquilo que está sendo afirmado. A visão dualista do Cogito cartesiano também parece desprezar a existência e importância do corpo e dos afetos já que afirma que o existir só pode ser um existir pensado. De forma bastante distinta, o EU SOU formulado por Winnicott não se caracteriza por um existir intelectual. Entende-se que o processo de individuação do bebê humano não se dá no âmbito mental. Para Loparic (2013), o relacionamento inicial do bebê humano, base para as relações futuras, possui um caráter psicossomático, elaborado imaginativamente, não sendo apenas representacional, mental ou verbal. O sujeito que se relaciona não é uma coisa pensante ou uma alma, mas

uma amostra temporal da tendência à integração, a qual acaba sendo um alguém, um EU (I, ME), quando adquire a forma da maturidade que é a unidade, a inteireza, e que, mais adiante, quando desenvolve a estrutura de personalidade ainda mais estável e complexa, torna-se um ‘existente estabelecido’ e um si-mesmo unitário (self), em condições de ‘fazer a experiência de alcançar e encontrar um objeto como um ato criativo. (Loparic, 2013, p. 84)

2.3

Eu estou só: guardando você comigo

Se, em um primeiro momento, faz-se necessário que o bebê se estabeleça em uma unidade integrada e, depois, em um segundo momento, seja preciso que ele adquira vida a partir de um meio protetor, chegando ao estágio EU SOU, veremos, neste tópico, que será preciso ainda que a criança aprecie a existência contínua de alguém consistentemente disponível para a sofisticada conquista da capacidade de estar só.

A seguir vêm as palavras “eu estou só”. De acordo com a teoria que estou expondo, esse estágio seguinte envolve uma apreciação por parte da criança da existência contínua de sua mãe. Com essas palavras não quero dizer necessariamente uma percepção com a mente consciente. Considero, contudo, que “estar só” é uma decorrência do “eu sou”, dependente da percepção da criança da existência contínua de uma mãe disponível cuja consistência torna possível para a criança estar só e ter prazer em estar só, por períodos limitados. Nesse sentido estou tentando justificar o paradoxo de que a capacidade de ficar só se baseia na experiência de estar só na presença de alguém, e que sem uma suficiência dessa experiência a capacidade de ficar só não pode se desenvolver (Winnicott, 1988a, p. 35)

Pode-se dizer que será aos poucos que o ambiente auxiliar do ego será internalizado e edificado internamente na personalidade do indivíduo, fazendo surgir a sofisticada capacidade de estar só. Neste caso, mesmo quando fisicamente só, a criança contará sempre com a figura materna inconscientemente presente, podendo ficar tranquila. Contudo, isso apenas se torna possível caso, no princípio do processo de amadurecimento, haja uma mãe protetora, segura, altamente identificada com o seu bebê e, portanto, orientada para as necessidades do ego infantil. Assim, a capacidade de estar só possui como fundamento um paradoxo, que é a experiência de estar só, como bebê ou criança pequena, na presença de outra pessoa.

Segundo Abram (2000), a experiência de estar só na presença do outro possui suas raízes na relação primordial mãe-bebê, que Winnicott nomeia de “afinidade egóica” (ou “relacionamento com o ego”), conceito que será melhor explorado no próximo tópico. Neste caso, segundo a autora, uma das vias teóricas que Winnicott explora a natureza da afinidade egóica, em seu trabalho sobre a capacidade estar só, é pela teoria kleiniana do objeto interno bom. Estar só

implicaria que foi possível que o objeto interno bom se internalizasse e se estabelecesse no mundo interno, isto é, na realidade psíquica do bebê:

Tentarei agora utilizar outra linguagem, que se origina do trabalho de Melanie Klein. A capacidade de ficar só depende da existência de um objeto bom na realidade psíquica do indivíduo. Um seio ou pênis interno bom ou uma relação interna boa estão suficientemente bem estabelecidas e defendidas pelo indivíduo (...) para este se sentir confiante quanto ao presente e ao futuro. A relação do indivíduo com este objeto interno, junto com a confiança com relação às relações internas, lhe dá auto-suficiência para viver, de modo que ele ou ela fica temporariamente capaz de descansar contente mesmo na ausência de objetos ou estímulos externos (Winnicott, 1988a, p. 34)

É interessante determo-nos um pouco sobre as noções de objeto interno bom e mau em Melanie Klein, psicanalista que teve influência sobre Winnicott. Para Klein, os objetos internos não são representações como os devaneios ou as lembranças, mas são sentidos como constituindo “a substância do corpo e da mente”. Segundo a autora, o objeto bom refere-se ao objeto parcial que mentalmente representa a sensação de uma necessidade da criança que foi satisfeita. Ele é bom quando o bebê possui a experiência “de ser alimentado e sente o leite morno proporcionar sensações satisfatórias à barriga” (Hinshelwood, 1992, p. 86-93). Isso permite que a criança crie as bases da confiança em si mesma. Por outro lado, os problemas com a autoconfiança resultariam de problemas com a manutenção do objeto interno.

A partir desse contexto kleiniano, Winnicott (1988a) refere-se ao estabelecimento por parte do indivíduo de um seio interno bom ou uma relação interna boa para este se sentir confiante quanto ao presente e ao futuro em um momento do desenvolvimento anterior ao complexo de Édipo, presumindo-se a integração do indivíduo em uma unidade. Caso haja objetos internos (conceito mental) bons no interior – mundo interno - do indivíduo, este poderá projetá-los quando necessário, devendo haver uma falta relativa de ansiedade persecutória. Desta maneira, a relação da criança com o objeto interno somada a confiança internalizada pode lhe permitir autossuficiência para viver e para descansar de forma feliz mesmo na ausência de estímulos ou objetos externos.

O psicanalista, menciona que maturidade e capacidade de ficar só demonstram que a pessoa teve oportunidade de construir uma crença em um ambiente benigno a partir de uma maternidade suficientemente boa que permitiu a criança experimentar a “repetição de gratificações instintivas satisfatórias”

(Winnicott, 1988a, p. 34). Isto é, o efeito cumulativo de inúmeras repetições de satisfação das necessidades do bebê por parte do ambiente permite que a criança construa a crença em um ambiente benigno, tornando-se capaz de se sentir real e de viver criativamente. Podemos, assim, observar a importância da qualidade das respostas do ambiente que vão ao encontro das necessidades do bebê de transformar seus impulsos fisiológicos, ou seja, suas experiências do id (Abram, 2000). Por isso que somente quando só de forma paradoxal – na presença de um adulto – que a criança poderá descobrir a sua vida pessoal própria: tendo chegado um impulso, a experiência do id poderá ser produtiva se contida na vivência do ego.

Se, por um lado, Winnicott, ao utilizar o referencial kleiniano, fale a respeito da repetição de gratificações instintivas satisfatórias para a construção da crença em um ambiente benigno, isto é, para a introjeção de um objeto bom, por outro lado, podemos entender que a constatação de ter alguém próximo do bebê, estando disponível sem realizar exigências, é o que permitiria o estabelecimento de um meio interno favorável.

Estabelecendo uma rápida comparação entre Winnicott e Melanie Klein, podemos dizer o seguinte: para Klein, o que possibilitaria a um bebê suportar-se excluído da relação de seus pais seria a presença de um bom objeto introjetado. Gratificações instintivas repetidas permitiriam esta construção. A formulação de Winnicott tem alguma semelhança com isto mas possui um adendo essencial. Sua hipótese é de que o fato de haver alguém perto do bebê, disponível, sem fazer exigências, e não porque o bebê precise de algo, isto permite o estabelecimento de um meio interno favorável. É interessante observar que esta possibilidade de viver a solidão sofisticada na presença da mãe, exige que esta mãe tolere a exclusão, e este é um ponto chave da questão aqui abordada. Fundamental é, também, que tal meio interno é uma situação anterior e mais primitiva do que uma mãe introjetada (Svartman, 2000, p. 118)

Desta maneira, de acordo com Svartman (2000), o psicanalista inglês estaria indicando a relevância da presença materna em momentos de repouso do id, ou seja, no contexto da relação com o ego. Será a partir desse contexto que a cena estará armada para uma experiência significativa do id, uma vez que quando uma sensação ou um impulso surgirem, eles serão sentidos como reais e verdadeiros caso sejam contidos na vivência do ego (Winnicott, 1988a). Mais uma vez estaríamos observando, segundo Svartman, que a capacidade de estar só de alguém depende de um outro alguém que permite o outro sujeito – bebê ou criança – permanecer só na sua presença, sendo capaz de respeitar e de tolerar momentos tranquilos, sem sentir-se abandonado. Ou, em outras palavras, de uma pessoa que permite uma solidão

compartilhada sem tensão no id. Podemos imaginar esse contexto a partir da exemplificação nos adultos daquilo que se caracteriza como o pós-coito:

Talvez seja correto afirmar que após o coito satisfatório cada parceiro está só e contente de estar só. Ser capaz de apreciar estar só estando junto com outra pessoa que também está só é uma experiência normal. Falta de tensão no id pode produzir ansiedade, mas a integração na personalidade do sentido de tempo permite esperar pelo retorno natural da tensão do id, e apreciar a solidão compartilhada, isto é, aquela solidão relativamente livre da característica que nós chamamos reclusão (Winnicott, 1988a, p. 33)

Em um texto mais tardio, “A localização da experiência cultural” (1975b), Winnicott aponta que

não é a satisfação instintual que faz um bebê começar a ser, sentir que a vida é real, achar a vida digna de ser vivida. Na verdade, as gratificações instintuais começam como funções parciais e tornam-se seduções, a menos que estejam baseadas numa capacidade bem estabelecida, na pessoa individualmente, para a experiência total, e para a experiência na área dos fenômenos transicionais. É o eu (self) que tem que preceder o uso do instinto pelo eu (self); o cavaleiro deve dirigir o cavalo, e não se deixar levar (Winnicott, 1975b, p. 137).

Por isso que, inicialmente, o impulso do id apenas é significativo se contido na vivência do ego.

O indivíduo que desenvolveu a capacidade de ficar só está constantemente capacitado a redescobrir o impulso pessoal, e o impulso pessoal não é desperdiçado porque o estado de estar só é algo que (embora paradoxalmente) implica sempre que alguém também está ali. Com o passar do tempo o indivíduo se torna capaz de dispensar a presença real da mãe ou figura materna. Isso tem sido denominado em termos do estabelecimento de um “meio interno”. É mais primitivo que o fenômeno que merece o termo de “mãe introjetada. (Winnicott, 1988a, p. 36)

Dias (2007) aponta que antes de introjetar os aspectos da mãe como algo externo e separado, o indivíduo estaria incorporando a capacidade de esperar e de sustentar as situações, tornando-se cada vez mais autônomo. Segundo a autora, o ambiente interno é feito de tempo, necessitando de uma calma que permita deixar acontecer, portanto, da capacidade do ambiente de sustentar uma situação, sem se afligir e antecipar tudo. “Quando tem a sorte de viver num ambiente que permite essa experiência, a criança, gradualmente, irá tornar-se, ela mesma, um meio em que outros indivíduos poderão se apoiar” (Dias, 2007, p. 40).

Segundo Abram (2000), a possibilidade de que a capacidade de estar só se desenvolva no bebê vincula-se “à constituição do *holding*, em especial nos primeiros dois anos de vida” (Abram, 2000, p. 249). O “eu estou só” passa a se instaurar no bebê a partir dos seis meses de vida. “No entanto, a presença da mãe,

que deve ser inspiradora de confiança, exige uma continuidade, a fim de que a capacidade (de estar só) possa estruturar-se” (Abram, 2000, p. 250).. Segundo a autora, o ambiente de *holding* jamais perde a sua importância ao longo da vida, sendo o *holding* psicológico e o físico essenciais para o bebê ao longo de seu desenvolvimento.

Ogden (2010), ao refletir sobre a capacidade de estar sozinho, diz que Winnicott está abordando algo sutil: a criança estaria assumindo o controle da função materna de *holding* ambiental de maneira a criar a matriz de sua mente (seu ambiente de *holding* interno). O que o autor está querendo dizer é que a capacidade de estar só, assim como o desenvolvimento dos fenômenos transicionais, pode ser pensada como uma faceta do processo de internalização da mãe ambiental que sustenta uma situação emocional do bebê no tempo. Se a raiz do estabelecimento da capacidade de estar só se fundamenta na experiência paradoxal do bebê ou criança pequena de estar sozinho na presença da mãe ambiental, Ogden mostra que a maturação da criança envolve a assunção da função materna de sustentar a continuidade de sua experiência de estar vivo. E é a função

da mãe como *holding* ambiente (em oposição à mãe como *holding* objeto) que está no processo de ser assumida pelo bebê ou criança. Este desenvolvimento não deve ser confundido com a conquista da constância objetal ou permanência do objeto, ambas as quais envolvem a formação de representações mentais da mãe como objeto (Ogden, 2010, p. 126).

É importante lembrar que o *holding* fornecido pela mãe enquanto ambiente, primeiramente, protege o bebê do impacto da alteridade do tempo, isto é, do tempo inventado e feito pelo homem: “o tempo de relógios e calendários, da alimentação a cada quatro horas, dos fins de semana, do tempo de ocorrência dos marcos de maturação descritos nos livros de desenvolvimento do bebê, e assim por diante” (Ogden, 2010, p. 122)

Entende-se que a experiência do bebê é de outra ordem em uma fase em que a consciência do “não-eu” seria insuportável por perturbar a continuidade de sua existência (Ogden, 2010). À proporção em que tudo é experimentado pela primeira vez do ponto de vista da criança, esta ainda não possui medidas de comparação, fazendo com que os ritmos do corpo materno passem a ser a sua bússola:

O tempo não se mede tanto por relógios, pelo nascer ou pelo pôr-do-sol, quanto pelo ritmo do coração e da respiração maternos, pela elevação e queda das tensões instintivas, bem como por outros dispositivos essencialmente não mecânicos (Winnicott, 1968/2018, p. 84)

Ao longo do texto “Sobre sustentar e conter, ser e sonhar”, Ogden (2010) delinea o que acredita serem os aspectos críticos sobre o conceito winnicottiano de sustentação (*holding*), compreendendo este termo como um conceito ontológico relacionado com o ser e sua relação com o tempo:

Inicialmente, a mãe protege a continuidade do ser do bebê, em parte isolando-o do aspecto “não-eu” do tempo. A maturação envolve a gradual internalização pelo bebê do *holding* materno da continuidade de ser do bebê ao longo do tempo e de seu fluxo emocional (Ogden, 2010, p. 121)

Embora o conceito de *holding* aparente ser simples, como muitas contribuições de Winnicott, o seu significado para a teoria psicanalítica é muito mais sutil. De acordo com Ogden, Winnicott utiliza este conceito para investigar as qualidades particulares da experiência de estar vivo em diferentes momentos do amadurecimento, bem como os “meios intrapsíquicos-interpessoais mutáveis pelos quais a sensação de continuidade do ser se sustenta no decorrer do tempo” (Ogden, 2010, p. 122)

A mais primitiva qualidade de vivacidade engendrada na experiência de *holding* é o “continuar a ser”, expressão verbal sem sujeito que captura o sentimento do movimento da experiência de estar vivo em um momento em que o infante ainda não se tornou um sujeito. A mãe, ao segurar o bebê neste estado precoce de continuar a ser, encontra-se no estado emocional de preocupação materna primária. Neste caso, de forma paradoxal, a preocupação materna primária também seria um estado sem sujeito. Apesar da mãe já existir como sujeito, na fase inicial de dependência absoluta, a figura materna não deve impor a sua presença ao bebê. Na direção contrária, a mãe, no melhor contexto, deve sentir-se no lugar do bebê, retirando-se tanto da experiência que ela possui de si mesma como da experiência que o bebê tem dela. Ou seja, na preocupação materna primária também não existe algo como uma mãe. A partir disso, em seu *holding* físico e psicológico mais primitivo fornecido ao bebê, a mãe absorve o impacto do tempo fabricado pelo homem com um alto custo emocional para si própria, como, por exemplo, abstendo-se do tempo de sono que precisa para sua renovação emocional. Isto representa uma “anulação de si própria em seu esforço inconsciente para não atrapalhar o bebê” (Ogden, 2010, p. 123). A mãe, assim, em sua participação na sensação de tempo do bebê, cria, no lugar do tempo fabricado, a ilusão de um mundo no qual o tempo é mensurado praticamente em termos dos ritmos psicológicos e físicos do bebê. Compreende-se que a figura materna, com sua presença discreta, providencia um

ambiente para que as tendências de amadurecimento de seu filho possam se desdobrar de forma espontânea, fazendo com que ele se aproprie de suas sensações e possa começar a se organizar como um self.

Com o decorrer do tempo, à proporção que o bebê amadurece, a função do holding modifica-se para a sustentação ao longo do tempo dos modos de estar vivo mais associados ao objeto. A provisão de um espaço psicológico, isto é, de um lugar no qual o bebê pode se organizar para ir se tornando inteiro surge como uma dessas formas consecutivas de holding. Assim, entende-se que o holding mais primitivo, que é físico e emocional, dá lugar ao “holding metafórico” (Ogden, 2010, p. 125).

Este tipo de holding é sobretudo um estado discreto de “reunir-se em um lugar” que tem tanto uma dimensão psicológica como física. Existe uma silenciosa qualidade de self e de alteridade neste estado de estar em um lugar que não faz parte da experiência anterior do bebê de “continuar a ser” (enquanto está nos braços da mãe em seu estado de preocupação materna primária) (Ogden, 2010, p. 125)

Desta maneira, é possível observar, segundo Ogden, que o *holding* surge como uma ideia do papel materno na proteção da continuidade da experiência do infante de ser e de se tornar ao longo do tempo. Neste caso, o bebê ou a criança, ao longo do processo de seu desenvolvimento, gradativamente, assume a função materna de sustentar a continuidade de sua experiência de estar vivo.

“A maturação, dessa perspectiva, envolve o desenvolvimento da capacidade do bebê ou da criança de criar e manter por si mesmo uma sensação de continuidade de seu ser no decorrer do tempo – tempo que cada vez mais reflete um ritmo que é experienciado pelo bebê ou criança como fora de seu controle. Comum a todas as formas de sustentação da continuidade de nosso ser no tempo é o estado emocional baseado em sensações de estar carinhosa e vigorosamente envolto nos braços da mãe. Na saúde, esse núcleo físico/psicológico de sustentação permanece constante durante toda a vida” (Ogden, idem, p. 137)

2.4

Capacidade de estar só: investigando seus pilares

Ainda que existam processos para que um dia o indivíduo possa apreciar e ser capaz de estar só, há um que é fundamental, constituindo a sua base: é a concepção paradoxal winnicottiana do bebê estar só na presença de alguém. Um alguém confiantemente presente que se relaciona com o infante de maneira suficientemente boa nos primórdios de sua vida: “o ponto principal dessa contribuição pode agora ser enunciado (...) A base da capacidade de ficar só é um paradoxo; é a capacidade de ficar só quando mais alguém está presente” (Winnicott, 1988a, p. 32-33)

Em *Natureza Humana*, Winnicott (1990d) nos mostra que a vida não emerge propriamente do estado inorgânico como sustentado por Freud em 1920, mas de um estado de solidão essencial que paradoxalmente só pode existir em condições de dependência máxima. Este estado, de quando o ser emerge do não-ser, surge antes do reconhecimento da dependência pelo bebê, “entendendo-se a dependência como ocorrendo em relação a uma confiabilidade absoluta”. Se Freud “omitiu qualquer referência à dependência original” (Winnicott, 1990, p. 155), dupla, ao longo da sua teoria das pulsões de vida e de morte, Winnicott está apontando para a interdependência entre o bebê e o ambiente, mostrando a importância deste adaptar-se ativamente ao bebê de modo que o infante não reaja continuamente e excessivamente contra alguma intrusão ambiental nos primórdios. Somente uma dependência máxima pode sustentar o ser em seu continuar sendo, à proporção que intrusões ambientais severas traumatizam, já que interrompem a continuidade do ser (Batista, 2017).

Massud Khan (1983a), interessado em explorar a criança sozinha com ela mesma em estados tranquilos de bem estar sob os cuidados de alguém, diz em seu texto *Infancy, aloneness, and madness* que grande parte da infância e da primeira infância é passada neste estado, contudo, pouco tem sido escrito sobre esse assunto pelos analistas, com exceção de Winnicott. Ainda que Freud tenha reconhecido a imaturidade física do bebê ao sair do útero materno, necessitando de um adulto que lhe enderece cuidados, Khan acredita que apenas mais tarde esse assunto foi levado a sério, como Winnicott o conduziu. Ao se perguntar qual é a natureza e a função da solidão na infância, Khan acredita que ela fornece, principalmente, tanto espaço quanto tempo para as capacidades biológicas inatas se concretizarem em um estado psíquico personalizado. Será aos poucos que o bebê poderá se tornar uma criança em sua própria privacidade de ser.

Khan também entende que, nesta fase inicial de solidão, muito do que não é possível de ser transformado em experiência psíquica pelo bebê entra no esquecimento, não sendo perdido, mas, surgindo posteriormente em estados privados loucos de ser. Distanciando o adjetivo louco da concepção de psicose, o autor adverte que cada pessoa é louca de maneira muito privada, como também é sozinha. Para ele, experimentamos essa loucura e solidão através da arte e da literatura; por via da mutualidade não excitada com o outro e a partir dos estados místicos de ser.

Bonaminio (2020) compreende que Winnicott teria colocado o problema de se é possível para uma criança imatura ficar sozinha, uma vez que seu ego, ainda sem alcançar uma consciência de seu estado de unidade, não poderia apreciar a solidão. Neste caso, Winnicott teria causado uma mudança radical na perspectiva psicanalítica ao descrever a capacidade de estar só como um estado sofisticado. O psicanalista italiano reconhece a importância do ambiente facilitador que acompanha gradualmente a criança no processo de aquisição de determinadas capacidades – um processo, diz ele, que não pode ser dado como certo. A presença materna, assim, seria fundamental em uma fase de dependência absoluta por permitir o progresso do desenvolvimento do ego infantil, protegendo temporariamente a criança do “choque do terror” (“*impingement by terror*”) e fazendo com que ela seja capaz de estar realmente sozinha, podendo existir por um tempo (Bonaminio, 2020, p. 132).

Aqui está implícito um tipo muito especial de relação, aquela entre o lactente ou a criança pequena que está só, e a mãe ou mãe substituta que está de fato confiantemente presente, ainda que representada por um momento por um berço ou um carrinho de bebê, ou pela atmosfera geral do ambiente próximo (Winnicott, 1988a, p. 32-33)

É o que Winnicott chamou de um “relacionamento do ego” em contraste com o relacionamento baseado nas necessidades do id (que constitui a raiz da teoria psicanalítica). Somente quando só - na presença de um adulto - que a criança poderá descobrir a sua vida pessoal própria: tendo chegado um impulso, a experiência do id poderá ser produtiva se contida na vivência do ego, como já foi anteriormente explicitado.

Uma provisão ambiental suficientemente boa, na fase mais inicial permite que o bebê comece a existir, a ter experiências, a construir um ego pessoal, dominar as pulsões e enfrentar todas as dificuldades inerentes à vida (Winnicott, 1978, p. 497)

De acordo com Davis & Wallbridge (1982) a proporção que o apoio egóico materno é confiável, o bebê pode aceitá-lo como dado e permanecer não-integrado, durante certo período de tempo, sem ameaça à sua continuidade pessoal. O bebê, ao poder experimentar a não-integração a partir da presença viva real da mãe, poderá estar calmo, descansado, quando não há excitação ao seu redor. Esta experiência é precursora da capacidade adulta de relaxar e de apreciar ficar a sós.

A afinidade egóica, também chamada de relacionamento com o ego, é uma expressão referente ao relacionamento primordial mãe-bebê que, segundo Abram

(2000), será posteriormente substituída na obra winnicottiana por “relação de objeto”:

Winnicott não esclarece o motivo de referir-se à relação precoce mãe/bebê como “afinidade egóica”, sendo que no sumário de seu trabalho afirma que a utilização dessa expressão era, em verdade, temporária. O fato é que, no texto que se segue a este, a substitui por “relação de objeto” – precursora do uso do objeto (Abram, 2000, p. 251)

Deve ser considerado que nos primórdios da relação mãe-bebê, do ponto de vista do observador, há um objeto, um outro, uma alteridade que está presente desde o início na relação com o bebê. Por outro lado, do ponto de vista do bebê, esta alteridade está virtualmente presente em um momento de dependência absoluta, não sendo possível para o bebê reconhecer o não-eu, à medida que ele próprio ainda não se integrou de forma consistente. É nesse contexto inicial que Winnicott (1975h) considera a experiência do relacionamento com o objeto em contraste com a experiência mais tardia de uso do objeto. A primeira experiência pode ser descrita em termos do sujeito como um ser isolado, podendo se dar com um objeto subjetivo, diferentemente do uso de um objeto que é mais apurado e implica que o objeto pertença a realidade externa. De acordo com Batista (2017), essa concepção inicial do ser isolado, conduzirá Winnicott a teorizar sobre o núcleo do si-mesmo, que é incomunicável desde o início da vida e de onde surge o gesto espontâneo e a criatividade originária durante toda a vida. Assim, esse tipo de experiência inicial fornecerá as bases para a vivência da capacidade de estar só na presença de alguém.

A afinidade egóica, introduzida em 1956, um ano antes de Winnicott apresentar seu trabalho sobre a capacidade de estar só, a partir dos textos “Preocupação materna primária” e “Tendência antissocial”, tem relação com o momento em que mãe e bebê encontram-se fusionados. Ao longo do estado fusional, o bebê, ao ver a figura materna, vê a si mesmo. E a figura materna, ao ver seu bebê, relembra inconscientemente seus próprios primeiros anos de vida, tornando possível se identificar com o que seu bebê necessita (Abram, 2000). As necessidades iniciais do bebê, como aponta Winnicott (1978), são necessidades corporais que, gradualmente, tornam-se necessidades do ego à proporção que surge a psicologia, a partir da elaboração imaginativa da experiência física. Nesse contexto em que a mãe parece encontrar a si mesma, nomeado por Winnicott de preocupação materna primária,

Passa a existir uma relação de ego entre mãe e bebê, da qual a mãe se recupera e a partir da qual o bebê pode eventualmente construir a ideia de uma pessoa na mãe. Sob este ângulo, o reconhecimento da mãe como uma pessoa surge de forma positiva, normalmente, e não a partir da experiência da mãe como símbolo de frustração (Winnicott, 1978, p. 496)

Podemos melhor compreender esse contexto fusional da afinidade egóica quando Winnicott elabora seu texto sobre o papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. Ao realizar um questionamento sobre o que o bebê vê quando olha para o rosto da mãe nas primeiras fases do amadurecimento emocional, o autor diz: “Sugiro que, normalmente, o que o bebê vê é ele mesmo. Em outros termos, a mãe está olhando para o bebê e aquilo com o que ela se parece se acha relacionado com o que ela vê ali” (Winnicott, 1975g, p. 154). Winnicott mostra a importância do bebê internalizar, primordialmente, a experiência de ter sido olhado a fim de um dia poder olhar criativamente para o mundo, dependendo cada vez menos do olhar dos outros. No início do desenvolvimento, o bebê depende das respostas faciais da figura materna quando olha o seu rosto a fim de que possa formar seu próprio sentimento de si mesmo (self) (Abram, 2000). Podemos pensar na criança que brinca sozinha na presença de alguém, uma vez que ela brinca com base na crença de que a pessoa a quem confia e ama “está disponível e permanece disponível quando é lembrada, após ter sido esquecida”. Para Winnicott, esse adulto digno de confiança é sentido pela criança como se refletisse de volta o que ocorre no brincar (Winnicott, 1975e, p. 71). Será aos poucos que a criança chegará ao estágio do “eu estou só”, entendendo a existência de uma mãe disponível e podendo ficar só por períodos limitados.

Naturalmente, à medida que a criança se desenvolve e os processos de amadurecimento se tornam mais apurados, e as identificações se multiplicam, a criança se torna cada vez menos dependente de obter de volta o eu (self) dos rostos da mãe e do pai, e dos rostos de outras pessoas com quem se encontra em relacionamento fraterno ou parental (Winnicott, 1975g, p. 161)

2.5

Da dependência à (in)dependência

Como explicar o indizível da relação mãe-bebê? E como esclarecer a dependência primordial da criança em direção a sua própria autonomia? De modo

sensível, o psicanalista-pediatra inglês, Donald Winnicott (1988d), transpõe em palavras o crescimento emocional do indivíduo em termos da dependência a caminho da independência, pensando esta jornada em três categorias: dependência absoluta; dependência relativa e rumo à independência.

Ao descrever o estágio em que o bebê depende absolutamente dos cuidados maternos para que possa se desenvolver emocionalmente, Winnicott (1988d) aponta para o cenário existente antes mesmo do bebê nascer, percorrendo caminhos muito primevos de sua chegada ao mundo. O palco das sensações, da suposta tranquilidade, do universo silenciosamente pré-verbal apresenta-se e o ambiente torna-se a iluminação essencial para o potencial desse espetáculo.

Ao considerar a existência de tendências hereditárias da criança, o autor enfatiza que o processo maturativo (a evolução do ego e do self; a consideração do id, dos instintos e suas vicissitudes) depende da provisão do ambiente para poder evoluir.

Podemos dizer que o ambiente favorável torna possível o progresso continuado dos processos de maturação. Mas o ambiente não faz a criança. Na melhor das hipóteses possibilita à criança concretizar seu potencial (Winnicott, 1988d, p. 80)

O bebê que tem potencial para amadurecer, depende de um ambiente acolhedor que se adapte as suas necessidades e lhe preste cuidados suficientemente bons. Caso o ambiente não seja favorável, isto é, não seja capaz de proporcionar provisões ao bebê, o processo de maturação da criança fica bloqueado, não se tornando parte dela.

Inicialmente, a mãe suficientemente boa representa o ambiente favorável, necessitando do apoio e do suporte da família para cuidar de seu bebê. Entre o fim da gravidez até as primeiras semanas depois do nascimento do bebê, a mãe encontra-se em um estado psicológico chamado “preocupação materna primária” (Winnicott, 1978, p. 401), em que ela apresenta uma elevada adaptação e hipersensibilidade ao cuidar de seu filho. Neste caso, a figura materna é capaz de se identificar com seu bebê e atender as suas necessidades, permitindo o seu amadurecimento emocional. Segundo Silva (2014), a mãe se oferece como um continente de acolhimento às necessidades corporais, físicas e emocionais do bebê. Ela assume a vulnerabilidade do bebê, sendo capaz de saber como ele está se sentindo, já que utiliza as suas próprias experiências como bebê. Winnicott (1978) diz que esse funcionamento de sensibilidade exacerbada da mãe - o qual ela poderá

se recuperar mais tarde, desidentificando gradualmente de seu filho -, poderia ser comparado a um retraimento ou a um distúrbio mais grave, como um episódio esquizoide, à medida que ela acaba excluindo outros interesses de sua vida a ponto de apenas preocupar-se com seu filho.

Já o bebê, neste estágio precoce, encontra-se não-integrado, possuindo, assim, uma organização egóica frágil, que um dia poderá se integrar em uma unidade (Winnicott, 1988a). O bebê, fusionado com a sua mãe, ainda não se diferencia dela, isto é, ele ainda não é capaz de estabelecer uma divisão entre o que constitui o eu e o não-eu.

Winnicott, ao fazer referência à capacidade adaptativa da mãe, deixa claro que isto tem pouco a ver com a sua habilidade de satisfazer impulsos da criança, pois, existe um “conjunto inteiro” de desenvolvimento do ego que possui suas próprias necessidades. Embora a mãe possa frustrar eventualmente seu filho ao satisfazer suas necessidades instintivas, ela não deve “desapontar seu nenê” (Winnicott, 1988d, p. 82). O autor aponta que é o “eu (self) que tem que preceder o uso do instinto pelo eu (self); o cavaleiro deve dirigir o cavalo, e não se deixar levar” (Winnicott, 1975e, p. 137). Inicialmente o ego do bebê está criando força e os instintos ainda não são sentidos como internos pelo bebê. Eles podem ser “tão externos como o troar de um trovão ou uma pancada” (Winnicott, 1960/1988b, p. 129). Se tudo correr bem, mais tarde as exigências do id serão sentidas como parte do self, fortificando o ego. A experiência do id é produtiva quando alguém se apresenta disponível inicialmente, sem fazer exigências; isto é, sem modelar a criança em formas concebidas. Assim, quando o bebê é segurado e manipulado em um contexto suficientemente bom gerador de confiança, há possibilidade da criança ter uma experiência que fortalecerá o ego e será sentida como real. Conforme esse tipo de experiência for se repetindo, o bebê constituirá a base para uma vida que tem “realidade em vez de futilidade” (Winnicott, 1988a, p. 34-36). Por outro lado, caso isso não ocorra pelo ambiente ser invasivo, haverá a alternativa patológica, traduzida em uma vida falsa fundamentada em reações a estímulos externos. Neste caso, as excitações do id tornam-se traumáticas pois o ego não é capaz de incorporá-las, perturbando o ego ainda fraco da criança. Winnicott (1988b) aponta como a mãe pode satisfazer um impulso oral e “ao fazê-lo violar a função de ego da criança, ou do que será mais tarde zelosamente mantido como o self, o núcleo da personalidade” (1988b, p. 56). Portanto, o modo pelo qual a mãe irá responder aos

gestos do bebê, isto é, aos seus impulsos, possibilita dois caminhos distintos: ou a criança irá se tornar ela mesma pois o ambiente respeita seus gestos espontâneos; ou a criança irá submeter-se ao outro pois o ambiente é invasivo, seja por excesso ou por falta de cuidado.

Observa-se que a preocupação materna primária - a adaptação máxima da mãe à criança - gera um suporte confiável e "significa (além da satisfação das necessidades físicas reais) que o ego imaturo é fortalecido pelo "apoio egóico" que a mãe é capaz de dar porque "ela tem a criança na mente como uma pessoa completa". À proporção que o apoio egóico materno é confiável, o bebê se torna capaz de aceitá-lo como dado e de permanecer não integrado durante algum tempo sem ameaça a continuidade pessoal (Davis & Wallbridge, 1982, p. 52-53). Ressalta-se que a base da teoria sobre o desenvolvimento da personalidade humana para Winnicott (2018a) é a continuidade, "a linha de vida", que supostamente inicia-se antes do nascimento concreto do bebê (Winnicott, 2018a, p.79). Peixoto Junior (2008) diz que a continuidade de ser indica uma experiência fundamental no âmbito da existência. "O psique-soma inicial só pode prosseguir ao longo de uma determinada linha de desenvolvimento na medida em que sua continuidade não seja quebrada por qualquer tipo de fator" (Peixoto Junior, 2008, p. 936). A capacidade materna de ir encontro às necessidades do bebê viabiliza a continuidade de sua trajetória de vida em uma fase de constante processo de mutação e desenvolvimento.

O bebê vivencia situações agradáveis ou fragmentárias "a partir da confiança que deposita no fato concreto de o segurarem" (Winnicott, 2018a, p. 86). A confiabilidade e a segurança fornecidas na fase de dependência absoluta precisam ser sustentadas nas fases seguintes, para então serem incorporadas na experiência subjetiva do indivíduo (Silva, 2014). Para Winnicott, inicialmente, a mãe transmite confiabilidade de maneira silenciosa ao embalar o seu filho nos braços, protegendo-o. Essa comunicação física, silenciosa, não-verbal, de adaptação da mãe aos movimentos do bebê, que traduz o amor em sua forma mais básica (Winnicott, 2018). Silva (2014) diz que Winnicott ressalta a comunicação entre a mãe e o bebê em termos "da fisicalidade dos corpos", importante para a elaboração imaginativa dos elementos, funções somáticas e sentimentos, que "em termos de saúde, refere-se ao alojamento da psique no corpo" (Silva, 2014, p. 201). Portanto, embalar o

bebê “é uma garantia contra a despersonalização, ou rompimento da combinação psicossomática” (Winnicott, 2018, p. 89)

Para Ogden (2004), o segurar - o *holding* materno - proporciona uma experiência de continuar a ser, ou seja, transmite o sentimento do movimento de estar vivo em um período em que o bebê ainda não se tornou sujeito. A mãe, então, precisa se encontrar em um estado sem sujeito, segundo o autor. Caso contrário, para ele, sentir a presença da mãe como sujeito rasgaria o delicado tecido do continuar a ser (*going on being*) do bebê.

Entende-se que na fase de dependência absoluta, a mãe funciona como o próprio ambiente no qual o bebê desenha os primeiros esboços de ser – “a superfície desenhada é não só espacial, mas também temporal” (Sampaio, 2013, p. 29). Como aponta Winnicott, o comportamento do ambiente “faz parte do bebê” (Winnicott, 1968a, p. 80).

O ambiente facilitador que não perturba a continuidade de ser da criança, permite que ela, inicialmente não-integrada, seja capaz de relaxar, de devanear, de estar em um estado em que não há orientação, “de ser capaz de existir por um momento sem ser nem alguém que reage às contingências externas nem uma pessoa ativa com uma direção de interesse ou movimento.” (Winnicott, 1988a, p. 35). Para Winnicott (2018a) a experiência de contato sem atividade é essencial por criar condições necessárias para a manifestação do sentimento de unidade entre duas pessoas (2018a, p. 5). Ele mostra como é importante que o meio ambiente seja capaz de permitir que a criança seja amorfa inicialmente ao invés de “recortá-la em formas concebidas por outras pessoas” (Winnicott, 1975j, p. 55). Sampaio (2013) diz que este estado inicial de amorfia, é um santuário no qual repousa a angústia inerente ao processo de se tornar humano. Aqui, temos a base para capacidade da criança ou adulto um dia se sentir relaxado e existente ao estar só.

Por outro lado, o ambiente invasivo que falha repetidamente neste momento de dependência absoluta, faz com que o bebê reaja às intrusões do meio, interrompendo seu “continuar a ser”. Uma vez que nessa fase ainda não há separação entre o eu e o outro, as falhas não são sentidas como falhas da mãe, mas como ameaças à existência pessoal do eu (Winnicott, 1978). Nesta fase, o excesso de reações não gera frustração no bebê, mas origina uma ansiedade muito primitiva, a ameaça de aniquilação, ideia que será desenvolvida na última parte desta dissertação.

Uma vez que a base para o estabelecimento do ego é um suficiente continuar a ser não interrompido por diversas reações à intrusão, o ambiente que não for suficientemente bom pode fazer com que o bebê não se recupere das ameaças à aniquilação. Desta forma, mais tarde o ego poderá não ser capaz de suportar as frustrações, e o bebê poderá ser afetado para sempre, tendo o seu desenvolvimento deturpado.

Ego equivale a um somatório de experiências. O eu individual tem como início um somatório de experiências tranquilas, motilidade espontânea e sensações, retornos da atividade a quietude, e o estabelecimento da capacidade de esperar que haja recuperação depois das aniquilações; aniquilações resultantes das reações contra as intrusões do ambiente (Winnicott, 1956/1978, p. 405)

À medida que a mãe respeita o próprio tempo do bebê, de forma que ele seja capaz de inúmeras vezes vivenciar experiências tranquilas, a invasão ambiental não se torna uma constante e a criança pode experimentar movimentos espontâneos, apropriando-se de suas próprias sensações. Como diz Winnicott, “somente com base na monotonia pode a mãe adicionar riqueza de modo produtivo” (Winnicott, 1958/2000, p. 228).

A preocupação materna primária, então, disponibiliza um contexto para que o desenvolvimento do bebê comece a se desdobrar; para que ele comece a experimentar movimentos espontâneos e para que se torne dono de suas sensações. Ou seja, o ambiente suficientemente bom “capacita o bebê a começar a existir, a ter experiências, a constituir um ego pessoal, a dominar os instintos e a defrontar-se com todas as dificuldades inerentes à vida” (Winnicott, 1956/1978, p. 404). A partir da possibilidade de ser, de existir, que a criatividade – “um colorido de toda atitude com relação à realidade externa” - se originará. Para Winnicott, esta criatividade é sinônimo de saúde e é pensada como atitudes que podem se dar no cotidiano rompendo com estados de submissão e que resultam na sensação de que “a vida é digna de ser vivida” (Winnicott, 1975e, p. 108).

Por outro ângulo, observa-se que na etapa de dependência absoluta a mãe suficientemente boa propicia ao seu filho a experiência de onipotência de que ele é quem criou o seio, isto é, ela permite a “ilusão de que o seio dela faz parte do bebê, de que está, por assim dizer, sob o controle mágico do bebê” (Winnicott, 1975a, p. 26). O seio, que inclui toda técnica de maternagem, é criado pelo bebê à medida que a mãe apresenta o seio real no local e no momento exato em que o bebê está

pronto para criá-lo. Há, então, uma superposição entre o seio real que é oferecido e aquele que o bebê acredita estar criando.

a mãe suficientemente boa possibilita ao bebê a experiência de onipotência de que ele tem a capacidade de criar a realidade externa que ela lhe oferece e, assim, permite que o seu bebê expresse sua criatividade primária e sinta-se criando o objeto subjetivo e determinando os acontecimentos benéficos de que usufrui (Garcia, 2007, p. 172)

Esta experiência ilusória do bebê criar o mundo na etapa de dependência absoluta será a raiz da espontaneidade, da criatividade e da autoestima (Outeiral, 2010). Ela o permite 'ser' e faz com que o futuro indivíduo esteja capacitado a suportar situações de perda, separação e privação, sem que seu desenvolvimento fique comprometido (Santos, 1999).

“Acontece que a mãe é “apenas” suficientemente boa e assim “falha””, como diz Outeiral (2010). A falha materna promove o início do processo de separação dos dois, que constituíam uma unidade mãe-bebê, sinalizando o período de dependência relativa. Esta etapa representa “o início da dissolução da unidade mãe-bebê, conseqüente do processo de desilusão já em curso.” (Garcia, 2007, p. 172). Batista (2017) diz que isso será essencial para o processo que levará o bebê à integração de um eu unitário, apto a formar relações objetais com o mundo. Mas o bebê só será capaz de tolerar as falhas de sua mãe se tiver incorporado as experiências de um ambiente suficientemente bom no estágio de dependência absoluta (Batista, 2017).

Isso significa dizer que o lactente, a partir do saber advindo de suas experiências com o próprio corpo e o ambiente – a experiência dos ritmos, dos sons, dos cheiros, dos climas emocionais (...) –, e possuindo já um esquema corporal pré-representacional defrontará a adaptação incompleta da mãe. (Batista, 2017, p. 89-90)

À medida que a mãe falha e começa a retornar para a sua própria vida, o bebê coloca em questão o controle onipotente do período anterior e pode ir chegando, gradualmente, ao princípio de realidade, ou seja, a criança que antes estava fusionada com a sua mãe, começará a perceber sensorialmente essas falhas como uma “des-fusão”, uma separação que começará a se estabelecer entre ele e algo que não ele - Eu e não Eu (Outeiral, 2010, p. 93-94). Assim, mãe e bebê criam um terceiro espaço: o espaço potencial, local das primeiras experiências não-eu. “Ainda não há a percepção de um outro, apenas de um não eu (*not me*). Este é o espaço dos objetos e dos fenômenos transicionais” (Outeiral, 2010, p. 94).

Os termos “fenômenos transicionais” e “objetos transicionais” são desenvolvidos por Winnicott para representar a área intermediária da experiência entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a criatividade primária e a projeção do que já foi introjetado, entre o polegar e o brinquedinho. Quer dizer, os fenômenos transicionais referem-se à dimensão do viver criativo e não dependem “nem da realidade interna, nem da realidade externa, mas de um espaço em que ambas as realidades podem habitar, separando o que é vivido no interior e no exterior do bebê, ou seja, o espaço potencial” (Silva, 2014, p. 260). Esta terceira área de experiência – território intermediário entre realidade pessoal e mundo externo – suaviza os conflitos entre as realidades interna e externa, servindo de repouso criativo e marcando o início da separação mãe-bebê (Garcia, 2007).

O espaço potencial depende da experiência do viver para a sua existência e não de tendências herdadas, sendo fundamental, então, a interação da mãe com o seu bebê para o surgimento dessa área que pode se transformar em objeto transicional. Para Winnicott, onde existe fidedignidade e confiança, há também um espaço potencial, um espaço que pode se transformar em uma área infinita de separação, fazendo com que qualquer pessoa – bebê, criança, adolescente ou adulto – possa preenchê-la criativamente com o brincar, desfrutando, futuramente, da experiência cultural (Winnicott, 1975e).

Segundo Kupermann (2008), essa área permanece preservada por toda vida já que a desilusão da experiência de onipotência não acarreta o fim das experiências de ilusão. O bebê que experimentou a ilusão de onipotência “pode, doravante, constituir nas relações com o mundo um espaço de ilusão através do qual a experiência da criatividade terá continuidade” (Kupermann, 2008, p. 86). Para o autor, a experiência do viver criativo poderá ser exercida no espaço transicional, seja no modo do brincar solitário e do brincar compartilhado, “seja na forma da experiência cultural propriamente dita – arte, religião, invenção” (Kupermann, 2008, p. 86). Por outro lado, o bebê que tiver constantemente experiências infelizes na época em que sua mãe está se separando dele, faz com que o espaço potencial não tenha significação.

Ao abrir espaço para os fenômenos transicionais, que marcam a etapa de dependência relativa, Winnicott evidencia que o ser humano está envolvido desde o seu nascimento com os limites daquilo que é objetivamente percebido e daquilo que é subjetivamente concebido, isto é, a diferenciação entre a realidade interna e a

realidade externa, dentro/fora, é uma tarefa que os humanos se dedicam a vida inteira sem muito sucesso (Garcia, 2007). Ao admirar uma paisagem, por exemplo, estamos vendo ao mesmo tempo com os olhos de dentro (mundo interno, subjetivo) e com os olhos de fora (paisagem real).

Winnicott (1988d) diz que o bebê só consegue ter uma apresentação não confusa da realidade externa se for cuidado inicialmente por um adulto em estado de preocupação materna primária. À medida em que os processos de desenvolvimento não são distorcidos e o bebê inicia sua compreensão de que é dependente do outro, ele é capaz de esperar por poucos minutos a mãe que está ausente, por exemplo. Diferentemente do período de dependência absoluta, a ausência vivenciada nesta etapa de dependência relativa não será mais devastadora. Segundo Silva (2014), o bebê passa a suportar a presença/ausência da mãe e aceita mais facilmente que ele não será mais atendido tão rapidamente pelo ambiente, ou seja, a criança passa a ter uma compreensão intelectual do mundo a nível pré-verbal, pré-simbólico, ao reconhecer cheiros, sons, ritmos e climas emocionais. “Neste caso, o bebê já consegue internalizar o objeto mãe e conviver com ela dentro de si mesmo por um longo período de tempo” (Silva, 2014, p. 130).

Uma vez que há função intelectual, o bebê também é capaz de experimentar e tolerar a frustração, vivenciando um sentimento de raiva apto a lhe trazer satisfação, caso tenha experimentado a ilusão de onipotência. Como diz Winnicott (2018a) será a partir da frustração que um dia o bebê poderá entender que já existia um universo antes da sua concepção e que ele foi concebido por outros. Para Silva (2014), a desadaptação materna e as consequentes frustrações do bebê são necessárias para o estabelecimento de vínculos com o mundo, levando o indivíduo a um longo processo de integração unitária. Será a partir da desilusão que a criança estabelecerá relação com os objetos transicionais - com a primeira posse não-eu. A figura materna, nesse caso, inicia a introdução do bebê à alteridade.

Segundo Silva (2014), será neste estágio de dependência relativa que o bebê adquire a capacidade de ser “um”, integrado, inteiro, com uma membrana limitante entre um interior e um exterior. A criança passa a sentir-se responsável por suas experiências instintivas e pelos conteúdos provenientes do eu. Este estatuto de unidade que faz com que o bebê sintasse sendo um – “eu sou” (Winnicott, 1962/1988c, p.60).

O estatuto de unidade deve ser compreendido como sinal de saúde no âmbito do desenvolvimento emocional de todo ser humano, possibilitando à personalidade unitária se identificar com unidades mais amplas – família, lar, casa, bairro, cidade, estado, nação (Silva, 2014, p. 135)

A partir disso que Winnicott (1988d) pensa a maturidade não somente em torno do crescimento pessoal, mas também da socialização do ser humano. Assim, na última etapa do desenvolvimento emocional – rumo à independência -, o indivíduo saudável nunca chega a uma absoluta independência já que ele não se torna isolado, mas se relaciona com o ambiente de modo que “se pode dizer serem o indivíduo e o ambiente interdependentes” (Winnicott, 1988d, p. 80).

Para Silva (2014), este é o período que a criança vai se defrontar com a relação triádica, fazendo com que o pai se torne parte do mundo dela de modo mais frutífero, assumindo, assim, o seu papel no desenvolvimento emocional infantil. À proporção que a relação triádica surge, começam a se constituir na vida da criança a sexualidade e o complexo edípico. Nesse sentido, Winnicott entende que apenas é possível que a criança vivencie o complexo de Édipo quando ela se torna uma pessoa total (Silva, 2014).

Entende-se que, nesta última etapa, a independência é relativa e a criança se identifica com a sociedade, “porque a sociedade local é um exemplo do seu próprio mundo pessoal” (Winnicott, 1988d, p. 87). Ou seja, nessa etapa, o indivíduo está separando-se do outro para formar sua própria identidade, ao mesmo tempo que se identifica com a sua cultura.

3

A importância da sustentação de um espaço paradoxal rumo a uma solidão madura

Na primeira parte da dissertação, investigamos o aspecto positivo da solidão partindo da concepção winnicottiana do estar só como uma capacidade. Assim, elucidamos a relevância desta capacidade para o amadurecimento emocional e para a clínica psicanalítica. Consideramos o estar só como uma sofisticada conquista e entendemos a existência de momentos cruciais para o seu estabelecimento, mostrando a importância da integração e da não-integração para a capacidade de estar só; a necessidade da aquisição de vida para essa capacidade, isto é, o alcance do estágio EU SOU; além da necessidade da criança apreciar a existência contínua de alguém consistentemente disponível para a sofisticada conquista da capacidade de estar só. Neste caso, vimos com Ogden que a criança estaria assumindo o controle da função materna de holding ambiental de maneira a criar a matriz de sua mente, fazendo com que a capacidade de estar só possa ser pensada como uma faceta do processo de internalização da mãe ambiental que sustenta uma situação emocional do bebê no tempo. Também enfatizamos que embora existam processos para que um dia o indivíduo possa apreciar e ser capaz de estar só, a concepção paradoxal winnicottiana do bebê estar só na presença de alguém (ou, em outras palavras, o contexto de afinidade egóica) é fundamental para entendermos a base de uma solidão mais madura.

Entendendo que a linguagem de Winnicott é aparentemente simples, comportando significados densos, investigamos com maior profundidade, ainda nessa primeira parte, os conceitos abordados considerando a sua teoria sobre o desenvolvimento emocional primitivo, discutindo o crescimento emocional do indivíduo em termos da dependência em direção à autonomia. Considerando esse trajeto, nesta segunda parte da dissertação mostraremos a importância da sustentação de um espaço paradoxal – espaço entre o mundo subjetivamente concebido e o mundo objetivamente percebido - rumo a uma solidão madura. Assim, discutiremos como a capacidade de estar só se relaciona com o espaço

potencial winnicottiano, tentando ampliar a compreensão deste conceito, bem como dos paradoxos envolvidos nesse empreendimento.

3.1

Navegando pela terceira área de experimentação: relações entre o espaço potencial e o estar só

Em “A localização da experiência cultural” (1975b), Winnicott parece ter um *insight* chegando a afirmar que ele se aproximava de sua concepção expressa em seu artigo “A capacidade de estar só” (1988a), onde ele afirma que, inicialmente, a criança está sozinha somente na presença de alguém, ao se perguntar onde está localizado o brincar, que não se acha nem dentro, nem fora. “Naquele artigo, porém, não desenvolvi a ideia do campo comum nesse relacionamento entre a criança e outra pessoa” (Winnicott, 1975, p. 134). Neste caso, podemos imaginar que o paradoxo primordial da capacidade de estar só possui uma relação com a área onde se localiza o brincar, parecendo ser importante para o autor desenvolver essa ideia, já que no texto publicado em 1958 sobre a capacidade de estar só não encontramos a concepção do espaço comum do relacionamento entre a mãe e o bebê.

Em outro texto, “O lugar em que vivemos” (1975f), Winnicott também nos impulsiona a questionar onde e o que estamos fazendo enquanto ouvimos, por exemplo, uma sinfonia de Beethoven, ou visitamos uma galeria de pintura, ou lemos alguma literatura na cama, ou, simplesmente, jogamos tênis, divertindo-nos. Nesse sentindo, indagando também a perspectiva infantil e a adolescente, Winnicott coloca: o que “está fazendo uma criança, quando fica sentada no chão e brinca sob a guarda de sua mãe? Que está fazendo um grupo de adolescentes, quando participa de uma reunião de música popular?”. Caminhando na direção desses questionamentos que parecem demonstrar situações de relaxamento e tranquilidade, também poderíamos indagar: onde se encontra alguém quando é capaz de estar só? Segundo a sua concepção, os conceitos de interno e de externo seriam insuficientes para responder a essas perguntas, sendo necessário um terceiro conceito – uma terceira área da experiência - que abrangesse ao mesmo tempo a fruição altamente apurada do viver, referente aos adultos, e o gesto criador do bebê que “estende a

mão para a boca da mãe, tateia-lhe os dentes e, simultaneamente, fita-lhe os olhos, vendo-a criativamente” (Winnicott, 1975f, p. 147).

Pudemos entender até o momento, que ao nascer, o bebê ainda não possui a capacidade de perceber a realidade externa, não podendo imediatamente elaborar quando a sua mãe falta ou está ausente. Como vimos, existem processos para o desenvolvimento emocional, além de ser muito importante a criança ir internalizando a mãe enquanto ambiente para que um dia ela possa estar só, mesmo que brincando, sem a presença física de sua mãe. Mas, como questiona Winnicott (1975i), será que é suficiente considerar apenas a existência de uma realidade interna e outra externa, de todo indivíduo que chegou ao estágio de ser uma unidade? E a resposta é que não é suficiente, pois se

existe necessidade desse enunciado duplo, há também a de um triplo: a terceira parte da vida de um ser humano, parte que não podemos ignorar, constitui uma área intermediária de experimentação, para a qual contribuem tanto realidade interna quanto a vida externa (Winnicott, 1975i, p.15)

Tanto neste caso, quanto nas pontuações anteriores sobre a localização do brincar ou a localização de estados relaxados, Winnicott refere-se à concepção de uma área intermediária entre a apercepção da realidade e o reconhecimento (percepção) da mesma; uma área, como ele diz, que não é disputada uma vez que nenhuma reivindicação é realizada em seu nome, exceto por ela existir como lugar de repouso para a pessoa que se empenha perpetuamente na tarefa de manter as realidades interna e externa separadas, mesmo que inter-relacionadas.

Em contraste com a realidade externa, que em si mesma é fixa em termos da relação e do uso do objeto, e a realidade psíquica interna, em que também há uma fixidez, mas própria da herança, da organização da personalidade, dos fatores ambientais introjetados e dos fatores pessoais projetados,

a área disponível de manobra, em termos de terceira maneira de viver (onde há experiência cultural ou brincar criativo), é extremamente variável entre indivíduos. Isso se deve ao fato de que essa terceira área é um produto das experiências da pessoa individual (bebê, criança, adolescente, adulto) no meio ambiente que predomina (Winnicott, 1975f, p. 148)

Este terceiro conceito que Winnicott refere-se – ou esta terceira área em que essas experiências ocorrem - recebe algumas denominações ao longo de sua obra, como espaço potencial; terceira área; área intermediária; local de repouso; espaço de criatividade; espaço de amorfia; espaço das primeiras experiências não-eu (Outeiral, 2010). Ogden (2018) afirma que o espaço potencial é um lugar entre

fantasia e realidade onde acontece o brincar, a cultura, a análise e o viver criativo. Além disso, merece destaque uma afirmação do autor americano em que ele diz que o conceito de espaço potencial talvez possa ser a contribuição winnicottiana mais importante à psicanálise e, concomitantemente, sua ideia mais inatingível.

Ao falar sobre o espaço potencial, Winnicott (1975f), refere-se à área hipotética que existe entre o bebê e a figura materna ou parte desta ao longo da fase do repúdio do objeto como não-eu, ou seja, no final do período do bebê estar fusionado ao objeto.

De um estado de sentir-se fundido à mãe, o bebê passa para um estágio de separá-la do eu (self), enquanto a mãe diminui o grau de sua adaptação às necessidades do bebê (tanto em consequência de se ter recuperado de um alto grau de identificação com ele, quanto devido à sua percepção da nova necessidade dele, a necessidade de que ela seja um fenômeno separado) (Winnicott, 1975f, p. 149)

Winnicott (1975b) dirá que o uso do espaço potencial existente entre o indivíduo e o meio ambiente – espaço onde se localiza o brincar e a experiência cultural - é determinado pelas experiências de vida que se dão nos primórdios da existência. No momento em que a dependência é máxima, o espaço potencial somente acontece:

em relação a um sentimento de confiança por parte do bebê, isto é, confiança relacionada à fidedignidade da figura materna ou dos elementos ambientais, com a confiança sendo a prova da fidedignidade que se está introjetando (Winnicott, 1975b, p. 139)

Portanto, esta terceira área somente acontece em relação a um sentimento de confiança por parte da criança em relação ao ambiente, não dependendo de tendências herdadas para a sua existência, mas de um tipo especial de relação da mãe com seu bebê que resulta nesta área onde se “oculta o mistério, o espaço potencial que pode se transformar em objeto transicional, o símbolo da confiança e da união entre o bebê e a mãe, uma união que não envolve a interpretação” (Winnicott, 2018a, p. 89).

A partir de um começo suficientemente bom, isto é, de um estado inicial de fusão com a figura materna, o bebê, tendo desfrutado de confiança, ingressa em um estágio em que é possível haver uma separação entre mãe e self, já que o momento em que o bebê se separa da figura materna é o mesmo período em que preenche a terceira área – espaço potencial – com o brincar e a experiência cultural (Abram, 2000).

Winnicott (1975f) realiza uma comparação desta fase a um período do tratamento psicoterapêutico em que o paciente se sente seguro e começa a sentir a necessidade de se libertar e alcançar maior autonomia, caso tenha existido fidedignidade por parte do analista, como também adaptação às necessidades do paciente e disposição por parte do terapeuta de se envolver. Comparando a relação mãe-bebê com o relacionamento terapeuta-paciente, o autor diz que o paciente

não pode se tornar autônomo, exceto em conjunção com a boa vontade do analista de deixá-lo partir, e, contudo, qualquer movimento por parte do terapeuta, que se afaste de um estado em que ele esteja fundido ao paciente, se encontra sob funesta suspeição, de modo a sugerir a proximidade de um desastre (Winnicott, 1975f, p. 149)

De acordo com Abram (2000), Winnicott está inserindo o paradoxo segundo o qual não haveria algo como uma separação ao longo do processo de amadurecimento, somente uma ameaça de separação. Neste caso, esse paradoxo estaria baseado no mesmo paradoxo em que se fundamenta a capacidade de estar só, que é a experiência da criança estar sozinha na presença materna. “Nesse sentido, na fantasia inconsciente, ninguém está eternamente verdadeiramente só, a menos que a continuidade do ser tenha sido extremamente severa” (Abram, 2000, p. 264).

O bebê que teve a possibilidade de desfrutar de uma experiência de cuidados suficientemente bons não precisaria enfrentar uma separação dolorosa no período de se separar da mãe, uma vez que o brincar criativo, localizado no espaço potencial existente entre mãe e bebê, surgiria naturalmente a partir do estado relaxado. “É aqui que se desenvolve o uso de símbolos que representam, a um só e mesmo tempo, os fenômenos do mundo externo e os fenômenos da pessoa individual que está sendo examinada” (Winnicott, 1975f, p. 151).

O uso pela criança de um objeto transicional – a primeira possessão não-eu – estaria representado tanto o primeiro uso de um símbolo pela criança quanto a sua primeira experiência no brincar. Segundo Winnicott (1975b), o objeto equivale-se a um símbolo da união do bebê e da figura materna (ou parte desta), sendo que este símbolo pode ser localizado:

Encontra-se no lugar, no espaço e no tempo, onde e quando a mãe se acha em transição de (na mente do bebê) ser fundida ao bebê e, alternativamente, ser experimentada como um objeto a ser percebido, de preferência a concebido. O uso de um objeto simboliza a união de duas coisas agora separadas, bebê e mãe, no ponto, no tempo e no espaço, do início de seu estado de separação (Winnicott, 1975b, p.135)

Podemos entender que os objetos transicionais, assim como os fenômenos transicionais - que surgem no período de transição entre o bebê estar fundido com a mãe e estar com ela como algo separado -, representam a área intermediária de experiência entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre aquilo que é subjetivamente concebido e aquilo que é objetivamente percebido.

Uma vez que algum objeto ou fenômeno transicional surge, o bebê pode usá-lo como uma defesa contra a ansiedade já que à medida que ele começa a separar-se de sua mãe, a primeira possessão diferente dele ou algum padrão de comportamento adotado, tranquiliza-o, facilitando o processo de separação. Se é duro demais enxergar e entender a realidade de uma forma crua e literal, ou, em um sentido inverso, se é complicado aprisionar-se em pura subjetividade e fantasia, a terceira área na vida de uma pessoa torna-se fundamental para uma vida mais criativa. Ao brincar com um objeto que ainda não faz parte da realidade externa, mas que também não é algo puramente subjetivo, a criança mergulha em uma área intermediária de experimentação onde ela se torna capaz de criar e produzir um objeto, livrando-se da ansiedade de separação entre ela e sua mãe.

Apesar da impossibilidade de separação colocada por Winnicott, a suposta separação entre bebê e mãe - sujeito e objeto – apenas pode ocorrer com proveito para ambos, uma vez que se desenvolva um grau de confiança na fidedignidade da figura materna na experiência que o bebê possui da relação materna.

Poder-se-ia dizer que, com seres humanos, não pode haver separação, apenas uma ameaça dela, e essa ameaça é máxima ou minimamente traumática, conforme a experiência das primeiras separações (Winnicott, 1975f, p.150)

Em termos de psicoterapia, é possível compreender que o paciente sente que o interesse do terapeuta diz respeito a uma capacidade deste de se identificar com o paciente, e não da necessidade de possuir um dependente. Para Winnicott, tanto o amor da mãe quanto o amor do terapeuta se traduzem em uma concessão de oportunidade que permite o sujeito – bebê ou paciente – atravessar a dependência em direção a autonomia. Assim, esse amor não significaria apenas um atendimento às necessidades da dependência.

Um bebê pode ser alimentado sem amor, mas um manejo desamoroso, ou impessoal, fracassa em fazer do indivíduo uma criança humana nova e autônoma. Onde há confiança e fidedignidade há também um espaço potencial, espaço que pode tornar-se uma área infinita de separação, e o bebê, a criança, o adolescente e

o adulto podem preenche-la criativamente com o brincar, que, com o tempo, se transforma na fruição da herança cultural (Winnicott, 1975f p. 150)

Em suma, primeiramente, é importante que a figura materna se adapte às necessidades de seu filho a fim de que essa adaptação lhe conceda determinado grau de fidedignidade. O bebê que experimenta isso durante certo período adquire um sentimento de confiança, tornando viável uma separação da alteridade (não-eu) a partir do eu. Paradoxalmente, apreende-se que a separação é evitada “pelo preenchimento do espaço potencial com o brincar criativo, com o uso de símbolos e com tudo o que acaba por se somar a uma vida cultural” (Winnicott, 1975f, p. 151).

É útil, portanto, pensar numa terceira área do viver humano, uma área que não se encontra dentro do indivíduo, nem fora, no mundo da realidade compartilhada. Pode-se pensar nesse viver intermediário como ocupando um espaço potencial, a negar a ideia de espaço e separação entre o bebê e a mãe, e todos os desenvolvimentos derivados desse fenômeno. Esse espaço potencial é extremamente variável de indivíduo para indivíduo e seu fundamento está na confiança que a mãe inspira ao bebê, confiança experimentada por um período suficientemente longo, no estágio decisivo da separação entre o não-eu e o eu, quando o estabelecimento de um eu (self) autônomo se encontra no estágio inicial (Winnicott, 1975f p. 152)

De acordo com Ogden (2018), é no espaço potencial que a criança poderá começar a ser, aprendendo, posteriormente, a sonhar, jogar, trabalhar, criar e interpretar símbolos. Segundo o autor, o movimento que parte da mãe-bebê como unidade para a mãe e o bebê reivindica o estabelecimento “da capacidade para uma dialética psicológica de unicidade e de estar separado, em que cada qual cria e informa o outro” (Ogden, 2018, p. 181). Além disso, Ogden afirma que se torna possível mais tarde para o bebê, a criança ou o adulto desenvolver a sua própria capacidade de gerar espaço potencial, havendo uma relação com o desenvolvimento da capacidade de estar só. Mas o que o autor quer dizer com isso? O que seria uma dialética psicológica e como é possível desenvolvermos a capacidade de gerar espaço potencial?

3.2

A capacidade de estar só como possibilidade de gerar espaço potencial

No primeiro capítulo observamos com Ogden que a conquista da capacidade de estar sozinho envolve a internalização da mãe enquanto ambiente pela criança. Neste tópico, veremos que o autor avança em suas elaborações sobre o que Winnicott está propondo em seu artigo de 1958 (A capacidade de estar só), entendendo que na capacidade de estar só, o bebê torna-se capaz de gerar um espaço continente no qual ele vive, chamado de espaço potencial: um espaço de relaxamento amorfo no qual brincamos, sonhamos e criamos. O indivíduo saudável, cujo ambiente pôde lhe acolher de forma suficientemente boa facilitando seus processos maturacionais, ao se encontrar sozinho, sempre estará na presença da mãe ambiental gerada por ele mesmo (Ogden, 2018). A fim de apreendermos essa ideia, discutiremos o conceito de processo dialético utilizado por Ogden, como um paradigma escolhido pelo autor para entender como a atividade psicológica gera o espaço potencial:

Embora o espaço potencial se origine em um (potencial) espaço físico e mental entre mãe e bebê, torna-se possível mais tarde, no curso do desenvolvimento normal, para o bebê, a criança ou o adulto desenvolver a sua própria capacidade de gerar espaço potencial. Essa capacidade constitui um conjunto organizado e organizador de atividades psicológicas operantes em um modo particular. O conceito do processo dialético será explorado como um possível paradigma para a compreensão da forma ou modo de a atividade psicológica gerar espaço potencial (Ogden, 2018, p. 207-208)

De acordo com Ogden (2018), o movimento que parte da unidade mãe-bebê, em que há uma mãe ambiental invisível, ainda não discriminada pelo bebê, para mãe e bebê, em que a mãe existe como objeto, reivindica o estabelecimento “da capacidade para uma dialética psicológica de unicidade e de estar separado, em que cada qual cria e informa o outro” (Ogden, 2018, p. 215). Neste caso, Neves e Kupermann (2021) observam que Ogden parte da linguagem winnicottiana, interpretando-a com base em seus principais referenciais que são a dialética e a trindade entre símbolo, simbolizado e self intérprete (que serão esclarecidos ao longo desse texto). Ao propor essa interpretação, é importante esclarecer que Ogden utiliza uma linguagem diferente da linguagem winnicottiana para, em uma tentativa criativa, analisar os fenômenos abordados pelo conceito de espaço potencial,

tentando, assim, ampliar sua compreensão. Talvez Ogden utilize a dialética em sua interpretação winnicottiana, já que faz uma afirmação caracterizando Winnicott como um dialeticista:

Winnicott era um dialeticista. Seu pensamento prosperou no meio do intenso debate entre os grupos freudiano e kleiniano clássicos. Ele entendia que quando sentimos ter finalmente solucionado um problema psicanalítico básico (seja em nossa teoria ou na nossa compreensão de pacientes), nosso pensamento chegou a um impasse. Winnicott (1968) afirma, acredito que sem falsa humildade, que ele oferecia interpretações aos seus pacientes para que eles soubessem os limites da sua compreensão. Muitas das contribuições clínicas e teóricas mais valiosas de Winnicott estão na forma de paradoxos que ele nos pede para aceitar sem solucionar, pois a verdade do paradoxo não está em nenhum de seus polos, mas no espaço entre eles (Ogden, 2018, p. 174)

Mas será que Winnicott era um dialeticista? O que implica a dialética sustentada por Ogden (2018) e qual o seu embasamento para ampliar a compreensão sobre o espaço potencial?

Ogden (2018), ao se embasar no pensamento de Hegel & Kojève, entende que a dialética é um processo no qual cada um de dois conceitos opostos acabam criando, informando, preservando e negando o outro em um relacionamento constantemente dinâmico, sempre em mudança com o outro. De acordo com ele, o processo dialético, então, move-se em direção a uma integração que nunca é completa. Cada integração cria uma nova oposição dialética, com uma nova tensão dinâmica. Como exemplo, o autor traz a dialética central do pensamento freudiano, que seria o relacionamento entre as mentes inconsciente e consciente. Assim, seria impossível haver uma mente inconsciente sem uma mente consciente e vice-versa. Uma cria a outra e apenas existe como uma possibilidade hipotética sem a outra.

No processo dialético, explica Ogden (2018), um significado sempre é resultado da diferença, ou, em outras palavras, não existe significado em um campo que seja homogêneo. A possível existência de um campo homogêneo não seria reconhecida, já que não haveria termos diferentes para contrastar e identificar o outro. O exemplo citado neste caso é o do dicionário: só é possível existir um dicionário com mais de uma palavra (ou podemos pensar que é impossível existir um dicionário com apenas uma palavra, com um campo homogêneo). A partir dessa compreensão, a mente inconsciente por si só não constitui um sistema de significados uma vez que não há negação ou contradição no inconsciente freudiano. É preciso tanto que haja sistema consciente para gerar significado inconsciente, quanto é necessário que haja sistema inconsciente a fim de gerar significado

consciente. Talvez seja por isso que Ogden (2018) pense que na teoria winnicottiana, o estado original do desenvolvimento parte de uma unicidade que não é vivenciada como tal uma vez que haveria uma homogeneidade entre mãe e bebê que não permitiria uma avaliação da diferença, bem como o delineamento de significados.

A partir dessa compreensão, Ogden (2018) utiliza o processo dialético para pensar a criação da subjetividade (para ele, o processo dialético seria central nessa criação). Mas como podemos entender a especificidade da subjetividade que ele está enunciando? Por subjetividade, o psicanalista americano refere-se à capacidade de autoconsciência, variando de uma autorreflexão intencional (que seria uma conquista mais tardia no processo de desenvolvimento), ao sentido mais sutil de “eu-dade”, em que o indivíduo pode pensar seus pensamentos e sentir seus sentimentos em oposição a uma vida em estado de reação (“reatividade reflexa”) (Ogden, 2018, p. 213). A subjetividade relaciona-se, portanto, à consciência, porém os dois termos não se equivalem. A experiência de consciência e de inconsciência decorrem à conquista da subjetividade. E esta última surge como um reflexo da diferenciação entre símbolo, simbolizado e sujeito intérprete, de acordo com o pensamento do autor. Então, a conquista da subjetividade torna-se a conquista da capacidade de diferenciar símbolo e simbolizado. Portanto, o progresso do desenvolvimento parte de uma unicidade não vivenciada como tal (pois, homogênea) para a “trindade”, na qual há um relacionamento entre símbolo e simbolizado, mediado, assim, por um sujeito intérprete que consegue distinguir os dois.

O mãe-bebê invisível se tornou um mãe-e-bebê como objetos (simbólicos) e o bebê como um sujeito intérprete. O bebê como sujeito possibilita ao bebê se tornar ciente da subjetividade da mãe. Isso, então, permite o desenvolvimento da “compaixão” (Winnicott, 1958), a capacidade de preocupação por outra pessoa como um ser humano inteiro e separado, capaz de sentimentos similares, não os mesmos, que os do próprio indivíduo. Com o desenvolvimento dessa consciência da subjetividade do outro, surge a capacidade para culpa, luto, empatia e para o desejo de fazer reparações em vez de restaurações mágicas do objeto danificado (Ogden, 2018, p. 228)

Se, por um lado, a capacidade de autoconsciência (subjetividade) decorre da diferenciação (em um momento posterior à unidade mãe-bebê) entre símbolo, simbolizado e sujeito intérprete, abrindo espaço para a capacidade de preocupação (termo que será explorado no próximo tópico), por outro lado, Ogden também

discute que a diferenciação entre esses três elementos, ou seja, entre um pensamento (que é o símbolo), entre aquilo que está sendo pensado (que é o simbolizado) e entre o pensador que gera seus próprios pensamentos (que é o sujeito intérprete) cria a possibilidade de triangularização dentro da qual o espaço potencial winnicottiano é criado. Assim, o espaço potencial entre símbolo e simbolizado (entre um pensamento e aquilo que está sendo pensado), mediado por um pensador gerando seus próprios pensamentos que é o espaço no qual a criatividade se torna viável, fazendo com que nós estejamos vivos em oposição a sermos seres reativos. É importante ressaltar que, para Ogden, o espaço potencial tornar-se inviável, deixando de existir, caso dois desses três elementos não possam ser mais diferenciados, como, por exemplo, o símbolo e o simbolizado, o pensador e o símbolo ou o pensador e o simbolizado (objeto de pensamento).

Uma vez que nos estágios iniciais da infância ainda não é possível considerar uma psique individual, Ogden (2018) pontua que inicialmente o espaço potencial não é intrapsíquico, mas sim um espaço interpessoal criado em conjunto pela mãe e pela criança. É o que Winnicott (1975f) nos mostra quando refere-se ao espaço potencial como uma área hipotética que existe entre o bebê e a figura materna ou parte desta ao longo da fase do repúdio do objeto como não-eu, ou seja, no final do período do bebê estar fusionado ao objeto. Mais tarde, no curso do desenvolvimento saudável, como estamos observando, que será possível para o sujeito desenvolver a sua própria capacidade de gerar esse espaço. Neste caso, para o que nos interessa, o autor afirma que o bebê desenvolve a habilidade de gerar o espaço potencial no desenvolvimento da capacidade de estar só. Ou seja, podemos apreender, a partir do que desenvolvemos no primeiro capítulo, que no momento em que a criança está assumindo o controle da função materna de holding ambiental de maneira a criar a matriz de sua mente (conquista da capacidade de estar só), ela também se tornaria capaz de gerar o espaço potencial.

Para o autor americano, uma afirmativa paradoxal deve ser realizada sobre o processo de desenvolvimento da capacidade do indivíduo gerar esse espaço: a criança deve ter a oportunidade de brincar sozinha “na presença da mãe ausente e, na ausência da mãe presente” (Ogden, 2018, p. 203). A mãe é ausente enquanto objeto, mas está presente como um espaço continente despercebido, no qual a criança pode brincar. Assim, o desenvolvimento da capacidade de estar sozinho surge como um processo no qual o papel da mãe enquanto coautora invisível do

espaço potencial é assumido pelo ser que está se tornando criança. Nesta perspectiva, o sujeito saudável, quando sozinho, está a todo momento na presença da mãe ambiental gerada por ele mesmo. Por outro lado, a presença materna enquanto objeto levaria a criança a se tornar adicta à mãe enquanto objeto onipotente. Ou seja, a criança internalizaria defensivamente a “mãe-como-objeto”, levando a um relacionamento aditivo a um “objeto-mãe-interno” onipotente. Falhas no processo do desenvolvimento da capacidade de estar sozinho podem conduzir a psicopatologias que incluem o fim da imaginação; pensamentos, percepções e sentimentos vistos como coisas em si mesmas; uma falha na assunção de significado à experiência; além do uso fetichista do objeto (Ogden, 2018).

Ogden traz o paradoxo de que apenas é viável a experiência do indivíduo poder pensar seus pensamentos e sentir seus sentimentos a partir da alteridade, do outro. Para o autor, Winnicott estaria se referindo à descoberta do bebê de si mesmo no que ele vê refletido nos olhos de sua mãe: a mãe cria o bebê e o bebê cria a mãe. Além disso, eles são preservados um pelo outro.

Imaginando um momento hipotético inicial, a subjetividade da unidade mãe-bebê é apenas um potencial mantido pelo aspecto da figura materna que reside fora do mãe-bebê (é o que Winnicott expressa com a ideia de que não existe tal coisa como um bebê sem uma mãe). Ogden, como já discutimos no primeiro capítulo, acrescenta a ideia de que dentro da unidade mãe-bebê também não existe tal coisa como uma mãe. O mãe-bebê que é isolado da parte da mãe que está do lado de fora dessa unidade é incapaz de subjetividade. O que existe inicialmente é a ilusão:

Há a “ilusão” (em muitas formas, mais próxima a um delírio) de que a mãe e o bebê não são separados e de fato não existem. A mãe existe somente na forma do ambiente invisível de holding, no qual há uma satisfação das necessidades do bebê de uma forma tão discreta que o bebê não vivencia suas necessidades como necessidades. Como resultado, ainda não há um bebê (Ogden, 2018, p. 214)

Uma vez que se cria a ilusão de que mãe e bebê não são separados (a partir de um encontro suficientemente bom entre os dois), não há necessidade, segundo Ogden, de símbolos, mesmo os mais primitivos. Diversamente, na melhor das hipóteses, há um estado tranquilo, imperturbado e invisível (por não haver nada com o que contrastar) de “ser em progressão” que mais tarde surgirá como pano de fundo da experiência. Para o autor, a necessidade de símbolos somente existe quando há desejo, ou quando há emergência de um sujeito no curso da diferenciação

entre símbolo, simbolizado e sujeito intérprete. Mas em um momento de dependência absoluta, há apenas necessidades que são satisfeitas, e uma necessidade satisfeita não gera desejo em que se requer símbolos.

Mas como já vimos com Winnicott, a mãe é apenas suficientemente boa. No curso do desenvolvimento ela também falha, promovendo o início do processo de separação da unidade mãe-bebê. Ou, nas palavras de Ogden, podemos entender que a unidade mãe-bebê que funciona de forma imperturbada é apreendida como uma entidade psicológica hipotética já que há imperfeições inevitáveis entre os dois. E, para Ogden, será a frustração bem dosada que oferecerá a primeira oportunidade para a consciência de estar separado.

Nesse ponto, a tarefa do aspecto da mãe que não é parte da unidade mãe-bebê é o de tornar sua presença (a mãe como objeto) conhecida em uma forma que não seja assustadora e, portanto, não demande do bebê que ele utilize negação ou outras formas de defesa contra ela. É esse período da ciência mais precoce de estar separado, começando “aproximadamente dos quatro aos seis aos oito aos doze meses” (Winnicott, 1951, p. 4), que foi o foco do trabalho de Winnicott sobre espaço potencial (Ogden, 2018, p. 215)

Então, o bebê tendo desfrutado de um começo suficientemente bom poderá ingressar em um novo período em que é possível haver uma separação e conhecimento gradual da alteridade, uma vez que esse momento em que a criança começa a se separar da mãe é o mesmo período em que preenche o espaço potencial com o brincar e a experiência cultural (Abram, 2000). É isso que Ogden evidencia em Winnicott quando diz que para que a transição da unidade mãe-bebê para um estado que os dois existam de forma separada não seja patogênico, é necessário que haja um espaço potencial. O espaço potencial é preenchido com um estado mental que incorpora um paradoxo jamais contestado de que tanto mãe e bebê são um quanto o bebê e a mãe são dois.

Essa transição que parte da unidade para a separação (da subjetividade do bebê e do reconhecimento da mãe como objeto), que vai requerer, para Ogden, a instituição da capacidade para uma dialética psicológica paradoxal (de unicidade e de estar separado) em que mãe e bebê criam e informam o outro. Um símbolo possível de ser concebido para esse estar separado em unidade e unidade em estar separado é o objeto transicional: “o objeto transicional, ao mesmo tempo, é o bebê (a extensão de si mesmo criada de forma onipotente) e não é o bebê (um objeto que ele descobriu que está fora do seu controle onipotente)” (Ogden, 2018, p. 216). O relacionamento da criança com o objeto transicional é um importante reflexo do

desenvolvimento da capacidade de manter um processo psicológico dialético, indo além de ser apenas um marco no processo de separação e individuação.

O desenvolvimento da capacidade de manter um processo psicológico dialético permite que a criança seja capaz de gerar significados pessoais representados por símbolos, sendo mediados pela experiência que ela tem de si mesma como sujeito criador de seus símbolos. Assim, se no início do processo de desenvolvimento, os símbolos não eram requeridos na unidade mãe-bebê, agora foi necessário a transformação da unidade em trindade (interjogo dinâmico entre símbolo, simbolizado e sujeito intérprete) para a realização da capacidade de manter uma dialética psicológica. E, como foi discutido, é a diferenciação das entidades dessa trindade que criam a possibilidade de triangularização, dentro do qual o espaço potencial é criado, justamente, no desenvolvimento na capacidade de estar só.

Essa transformação de unidade em trindade coincide com a transformação da unidade mãe-bebê em mãe, bebê e observador de mãe-e-bebê como três entidades distintas. A unicidade (o mãe-bebê invisível) se torna trindade, já que, no momento da diferenciação dentro da unidade mãe-bebê, não há apenas a mãe e o bebê criados como objetos, mas também o bebê criado como sujeito. O bebê enquanto sujeito é o observador da mãe e do bebê como objetos (simbólicos); o bebê é agora o criador e o intérprete de seus símbolos (Ogden, 2018, p. 217).

A partir dessa compreensão particular de Ogden, podemos entender que ao autor relê o espaço potencial de Winnicott como um estado da mente que se baseia em uma série de relacionamentos dialéticos, como por exemplo, entre símbolo e simbolizado, entre eu e não-eu, entre fantasia e realidade, com cada polo da dialética criando, informando e negando o outro. Contudo, se a base dialética que Ogden parte é a da filosofia de Hegel, pressupõe-se que a dialética signifique o modo pelo qual o homem pensa as contradições da realidade, de maneira a extrair dos contrários uma terceira camada, chamada de síntese, isto é, um momento de resolução do conflito (Spinieli, 2019). Para Spinieli (2019), a dialética no pensamento hegeliano é posta como a natureza do pensamento, além de ser a forma de resolução das contradições colocadas diante do pensar ou da realidade. Assim, ela é realizada em três fases: a tese, a antítese e a síntese. Neste caso, o autor comenta que, no início, qualquer realidade é apresentada. Depois, ela termina negada por si própria. E, por último, essa contradição é superada em uma repetição inescapável:

Como forma de exemplificação, (...) todo e qualquer fato histórico, revolução social e movimentos intelectuais são passíveis de explicação por meio da dialética hegeliana. Significa dizer que a dialética se constitui como própria superação dos opostos pela síntese: quando uma afirmação (tese) é feita, o contrário (antítese) é automaticamente posto como pressuposição do que foi anteriormente afirmado e, dessa contradição inevitável, surge a síntese (Spinieli, 2019, p. 324)

Considerando a síntese como um momento de resolução do conflito, como poderia um paradoxo winnicottiano ser dialetizável, uma vez que a base do paradoxo para Winnicott é a sua não resolução? Como aponta Coelho Junior (2015), a terceira área winnicottiana não se caracteriza como uma síntese ou como uma região segura, de fácil delimitação ou pré-formada. Assim, não seria confuso Ogden aproximar a dialética - que se orienta por uma síntese - do espaço potencial winnicottiano? Pois, como diz Winnicott:

Minha contribuição é solicitar que o paradoxo seja aceito, tolerado e respeitado, e não que seja resolvido. Pela fuga para o funcionamento em nível puramente intelectual, é possível solucioná-lo, mas o preço disso é a perda do valor do próprio paradoxo.

Esse paradoxo, uma vez aceito e tolerado, possui valor para todo indivíduo humano que não esteja apenas vivo e a viver nesse mundo, mas que também seja capaz de ser infinitamente enriquecido pela exploração do vínculo cultural com o passado e com o futuro (Winnicott, 1975e)

Ao tentar sustentar o paradoxo pela dialética hegeliana, não estaria Ogden se orientando e solucionando a manutenção do espaço potencial em um nível puramente intelectual? Ogden diz esperar que seus novos termos utilizados para fornecer acesso a compreensão sobre o espaço potencial não alterem os significados essenciais da linguagem original de Winnicott, mas será que ao nos orientarmos por essa linha de pensamento, estaríamos perdendo o valor do próprio paradoxo? Ou será que poderíamos entender o desenvolvimento do pensamento de Ogden por um outro viés dialético, indo além da filosofia de Hegel, a fim de aproveitarmos sua contribuição para a ampliação da terceira área winnicottiana?

Coelho Junior (2015) diz que em psicanálise há diferentes concepções do terceiro que se apresentam em teorizações distintas sem serem excludentes entre si. Assim, cita dois exemplos que talvez possam nos ajudar: o autor fala, por um lado, de um terceiro da lógica dialética, que surge como uma síntese entre uma tese e uma antítese e, por outro lado, fala sobre um terceiro de uma dialética sem síntese. No primeiro caso, ele explica que a síntese pode ser temporária, contudo, necessariamente, haverá a síntese final. Nesse caso, relacionado a dialética de Hegel, o terceiro surge como uma nova entidade criada a partir do embate entre tese

e antítese. Já no outro caso – da dialética sem síntese – o autor mostra um terceiro que surge como a tensão permanente entre os polos ou como resultado da complementariedade entre polos. Assim sendo, o autor aproxima-se da concepção filosófica de Merleau-Ponty, afirmando que possivelmente, essa é a concepção sobre o terceiro que daria melhor sustentação às ideias de Ogden. Coelho Junior (1998) explica que há sempre polaridades para Merleau-Ponty, isto é, tensão entre lados, não havendo uma unidade absoluta anterior nem outra posterior. Assim, esta seria a sua ideia sobre uma dialética sem síntese, a qual existe um permanente movimento entre as polaridades que não criam cenas separadas ou contextos isolados. Contrariamente, na dialética sem síntese há uma “constante interpenetração, há um lado e outro lado e uma ‘dobradiça’ entre eles” (Coelho Junior, 1998, p. 23). Neste caso, a tensão dialética é mantida, recusando-se à busca de sínteses reasseguradoras. Se a dialética hegeliana é questionável e, talvez, problemática para apreendermos o espaço potencial winnicottiano, uma vez que pressupõe uma síntese que não vai ao encontro da aceitação e da tolerância do paradoxo, por outro lado, a dialética sem síntese de Merleau Ponty parece ser um caminho possível para apreensão do espaço potencial, aparentemente sustentando a concepção dialética de Ogden ao querer entender como a atividade psicológica gera o espaço potencial. Como Ogden mostra, o espaço potencial é preenchido com um estado mental que incorpora um paradoxo incontestável de que tanto mãe e bebê são um quanto ambos são dois.

3.3

A destruição criativa como paradoxo de construção das capacidades de se preocupar e de estar só

No primeiro capítulo, ao comentarmos sobre a localização do conceito da capacidade de estar só dentro da teoria freudiana sobre a cena primária, pudemos observar, com Winnicott, que ser capaz de estar sozinho também significa maturidade no desenvolvimento erótico, fusão de impulsos e ideias agressivas e eróticas, e tolerância da ambivalência, sendo possível que o indivíduo se identifique com seus pais. Neste caso, no texto sobre a capacidade de estar só (1988a), Winnicott, infelizmente, não desenvolve muito essa ideia, nos fazendo questionar e

querer compreender, por exemplo, a relevância da fusão dos componentes agressivo e erótico, bem como isso ocorre.

Em um texto mais tardio, de 1963, chamado “O desenvolvimento da capacidade de se preocupar”, o qual Winnicott (1988f) descreve o elo entre os aspectos positivos de se relacionar e os elementos destrutivos do relacionamento instintivo, podemos encontrar o autor comentando sobre a sua necessidade de ressaltar um estágio específico do desenvolvimento emocional que envolve o emprego da palavra “fusão”:

Dos vários estágios que foram descritos por Freud e pelos psicanalistas que se seguiram a ele, preciso ressaltar um que tem de envolver o emprego da palavra “fusão”. Esta é a consecução do desenvolvimento emocional em que o bebê experimenta impulsos agressivos e eróticos dirigidos ao mesmo objeto e ao mesmo tempo. Do lado erótico há tanto procura da satisfação como procura do objeto, e do lado agressivo há um complexo de raiva empregando erotismo muscular e de ódio, que envolve a retenção de um objeto bom em imagem, para comparação. Além disso, o impulso agressivo-destrutivo global pertence a um tipo primitivo de relação objetal, em que amar envolve destruição. Muito disso é necessariamente obscuro e não necessito saber tudo sobre a origem da agressão para continuar com minha discussão, porque considero certo que o bebê se tornou capaz de combinar a experiência erótica com a agressiva e relativa a um único objeto. Chegou-se à ambivalência (Winnicott, 1988f, p. 71-72)

Segundo Abram (2000), a fusão é um termo freudiano utilizado na teoria sobre as pulsões, sendo que Winnicott compreende que a fusão dos componentes agressivo e erótico não pode ser entendida como algo já determinado, contudo, deve ser vista como um objetivo em termos de saúde. Para a autora, as duas diferentes vertentes da vida instintiva – a agressiva e a erótica – referem-se à tese winnicottiana do estágio de preocupação de 1963.

Antes de prosseguir a discussão sobre o estágio de preocupação, torna-se importante ressaltar que a agressão, para Winnicott, inicia-se no interior do indivíduo, sendo sinônimo de motilidade e atividade. Neste caso, o autor utiliza o termo agressão primária no início de sua obra, entendendo que a agressividade instintiva faz parte do apetite e do amor (de boca). A agressividade do bebê recém-nascido pode ser vista pelo observador como algo cruel, perigoso ou doloroso, contudo, na teoria winnicottiana, ela é acidental. Na época de dependência absoluta, o bebê é incapaz de reconhecer sua dependência em relação a sua mãe, muito menos seu amor cruel por ela. “Esse é um período estabelecido por Winnicott como ‘pré-remorso’ ou ‘pré-preocupação’. Em outras palavras, o bebê não possui qualquer consciência de sua crueldade” (Abram, 2000, p. 10). Por isso que, distintamente de

Melanie Klein (que via a agressão como manifestação da pulsão de morte, apresentando a inveja como sua derivação inata), por exemplo, Winnicott entende que o bebê, nos primórdios, seria incapaz de sentir inveja, já que este seria um sentimento sofisticado, dependente de uma consistência egóica maior e proveniente de falhas ambientais. Abram (2000) diz que Winnicott jamais aceitou a teoria instintiva kleiniana de vida e de morte. Contrariamente, em seu trabalho clínico descortinou o que descreveu como sendo as duas raízes da vida pulsional: as raízes agressiva e erótica. Neste caso, haveria uma diferença de qualidade entre as duas – como se o analista ficasse mais esgotado quando o paciente está descobrindo as suas raízes agressivas em comparação às raízes eróticas -. Contudo, Winnicott não teria sido tão esclarecedor quanto ao termo erótico ao longo de sua obra. Por mais que Winnicott não seja muito preciso ao qualificar a relação do paciente com o analista por vezes como agressiva e por outras vezes como erótica, a autora entende que podemos pensar tanto nos vínculos agressivos que a crueldade do bebê estabelece com a mãe (vertente agressiva), quanto na coexistência sensual do bebê no estado de não-integração com a sua mãe em estado de preocupação materna primária (vertente erótica). Serão estas duas vertentes que evoluirão para a tese sobre a junção das duas mães do estágio de preocupação.

Winnicott, em seu texto “Raízes da Agressão” (1968), compreende que para avançarmos no debate científico sobre a agressividade – também diria que em qualquer outro debate -, precisamos estar preparados para nos libertarmos de crenças e de lealdades teóricas ou autorais. Seu apreço é com a verdade clínica. Segundo ele, fomos doutrinados pelo uso constante dos termos “inveja” e “instinto de morte” em trabalhos psicanalíticos. Por mais que possamos expressar gratidão pelo conhecimento de certos autores, não seria ilegítimo que sentíssemos haver algo errado com algumas formulações teóricas, como, por exemplo, a concepção de instinto de morte de Freud, uma vez que o próprio Freud parece ter tido dúvidas intrínsecas a um cientista que entende que nenhuma verdade é absoluta. Para Winnicott são o sentimento, o pensamento e a liberdade de especular que valem.

Quero poder chegar a qualquer conclusão que possa surgir sem ter de preocupar-me, mesmo que me descubra dizendo exatamente o que Melanie Klein disse. Se isto acontecer, deve provir de mim a partir dos dados objetos fornecidos por meus pacientes e não, de maneira alguma, por lealdade a um homem ou a uma mulher, por muito que lhes possa dever ou sentir-me grato (Winnicott, 1968, p. 349)

Faz-se necessário, então, por vezes deixar de lado certas questões em inércia em psicanálise, seguindo a intuição clínica, para podermos adentrar o mundo teórico-clínico transicional de Winnicott, em que é possível sermos criadores daquilo que estamos descobrindo ou encontrando. Neste caso, afastando-se de concepções estereis em que tudo poderia se justificar pelo que é herdado no nascimento, Winnicott inclui o peso do fator ambiental em suas formulações teóricas. No caso da agressividade em discussão, é o ambiente externo – a resposta da mãe diante da expressão de “crueldade” da criança - que influencia o modo com que o bebê irá lidar com sua agressão inata. Assim, entende-se que à proporção que o bebê amadurece, a agressão modifica suas características, dependendo do tipo de ambiente que o bebê está inserido. No melhor contexto, a agressão modifica-se para algo integrado, ou seja, passa a integrar a personalidade individual “como uma energia proveitosa relacionada ao trabalho e ao brincar”. Por outro lado, em um ambiente não acolhedor, incapaz de tolerar a expansão da agressividade, o bebê pode ser obrigado a ocultar sua crueldade. Além disso, a agressão pode se transformar em destrutividade e violência (Abram, 2000, p. 7).

No texto “O desenvolvimento da capacidade de se preocupar” (1988f), Winnicott implementa a ideia de que para o bebê existem duas mães: a mãe-objeto e a mãe-ambiente. A primeira sendo experimentada pelo bebê em seu estado de excitação e a segunda sendo experimentada no estado de tranquilidade e paz. Indo além, para o bebê imaturo, existiriam duas mães, dispondo de aspectos do cuidado bem diferentes:

É proveitoso pressupor a existência para o lactente imaturo de duas mães – deveria eu chamá-las de mãe-objeto e mãe-ambiente? Não desejo inventar nomes que provoquem confusão e eventualmente desenvolvam uma rigidez e uma qualidade obstrutiva, mas parece possível empregar estas expressões “mãe-objeto” e “mãe-ambiente” neste contexto para descrever a tremenda diferença que existe para o lactente entre dois aspectos do cuidado do lactente (Winnicott, 1988f, p. 72)

A mãe como objeto é para Winnicott a figura possuidora do objeto parcial que pode satisfazer as necessidades do bebê que são mais urgentes, e a mãe ambiente é a pessoa que evita o imprevisto, provendo ativamente o cuidado de suste e do manejo global. Assim, é a mãe-objeto que é o alvo das experiências excitantes relacionadas à tensão do instinto, e é a mãe-ambiente que é a receptora de toda afeição e coexistência sensual (Winnicott, 1963). Podemos, então, pensar que a mãe-objeto e a mãe-ambiente correlacionam-se, respectivamente, às vertentes

agressiva e erótica da vida instintiva. Tendo isso em vista, a função da fusão, para Abram (2000), relaciona-se a junção das duas mães, sendo um fator necessário ao desenvolvimento que torna o bebê capaz de desenvolver o sentido de preocupação.

Winnicott entende que “o que o lactente faz no ápice da tensão do id e o uso que assim faz do objeto (...) parece muito diferente do uso que faz da mãe como parte do ambiente total” (Winnicott, 1988f, p. 72). Esta diferenciação apontada por Winnicott parece remeter a outra diferença que o autor faz entre o brincar compulsivamente excitado de uma criança que se aproxima de uma experiência instintiva e o seu brincar feliz e aparentemente relaxado. Winnicott realiza essa comparação no texto sobre a capacidade de estar só (1988a) quando avança em sua especulação sobre a relação com o ego, considerando o conceito de orgasmo do ego. Ao referir-se ao clímax que pode ocorrer em conexão com o ego satisfatório, traz como exemplos as experiências altamente satisfatórias da criança que brinca e do adulto que desfruta de um evento cultural como um concerto ou teatro. Para o autor, a diferença presente na comparação entre estas experiências e a experiência sexual é tão grande - a quantidade de excitação física real é mínima em um tipo de experiência e máxima na outra - “que não faria mal usar um termo diferente para a descrição das duas experiências” (Winnicott, 1988a, p. 37), parecendo se assemelhar, assim, com a grande diferença presente entre a mãe-ambiente e a mãe-objeto.

A tese winnicottiana é a de que a preocupação – o fato da pessoa se importar, valorizar, bem como sentir e aceitar responsabilidade, principalmente no que diz respeito aos relacionamentos em que os impulsos instintivos estão inclusos - surge na vida do bebê como uma experiência bastante sofisticada da reunião, na mente infantil, da mãe-objeto (mãe dos períodos de agitação) e da mãe-ambiente (mãe dos períodos de tranquilidade). Além disso, é a capacidade de se preocupar, de reunir essas duas mães, que pode ser considerada a base do brincar e do trabalho construtivo (Lejarraga, 2010). Também é a ambivalência como um fator do desenvolvimento que será um indicativo do reconhecimento tanto do amor quanto do ódio inerentes a uma mesma pessoa em um mesmo momento. A ambivalência, portanto, indica uma tomada de consciência de que a mãe-ambiente dos períodos tranquilos é a mesma mãe dos períodos de turbulência (mãe-objeto) (Abram, 2000).

No texto “A posição depressiva” (1955), Winnicott comenta que o conceito de posição depressiva - expressão kleiniana que Winnicott retoma de modo

particular - é uma tentativa de responder quando, como e sob quais condições ocorre a transformação do pré-remorso em preocupação ao longo da história de desenvolvimento de uma pessoa. Para o autor, a transformação da crueldade em remorso se dá gradativamente, dependendo de condições de maternagem bem definidas, ao longo do período entre cinco e doze meses, levando em consideração que o seu estabelecimento demora – levando bastante tempo – para que esteja encerrado. O autor entende que no decorrer do processo analítico poderemos descobrir que ela nunca foi estabelecida (Winnicott, 1955).

Pode-se dizer que ao longo do tempo, caso haja um ambiente facilitador, o bebê é capaz de desenvolver a discriminação entre os estados tranquilo e excitado. Se antes não havia preocupação por parte do bebê ao atacar impiedosamente o objeto, ou seja, se no início o bebê era incapaz de ficar preocupado com os resultados de sua experiência pulsional, este ataque cede lugar a um gradual reconhecimento da figura materna como alguém que cuida do Eu, como também sendo a pessoa que oferece uma parte de si para ser comida. Aos poucos vai ocorrendo uma integração entre a forma tranquila e a forma excitada de relacionamento, junto ao reconhecimento de que os dois estados formam uma relação total com a mãe como pessoa.

É a isto que se denomina “A posição depressiva no desenvolvimento emocional”, um estágio importante que envolve o bebê em sentimentos de culpa, levando-o a preocupar-se com os relacionamentos, em razão de seus componentes instintivos ou excitados (Winnicott, 1990a, p. 89)

Winnicott (1975c), ao elaborar suas concepções sobre o destino da agressão, diz que o estágio de preocupação traz a capacidade de sentir culpa, fazendo com que a agressão surja na forma de tristeza ou de um sentimento de culpa – ou até mesmo um equivalente físico como o vômito -. Para ele, a culpa faz referência ao dano que alguém sente ter causado à pessoa amada na relação de excitação. Na saúde, com a ajuda de uma mãe viva e presente, que personifica o fator temporal, o bebê poderá descobrir seu impulso pessoal de dar, construir e reparar, podendo sustentar a culpa.

Plastino (2014) comenta que durante os estados tranquilos que a criança pode elaborar suas experiências vividas, incluindo o que ela vivenciou ao longo dos estados excitados mobilizados pelos instintos.

Esta função de elaboração é crucial quando o desenvolvimento emocional atinge a estabilização do processo de integração egóica e ainda quando, negando a

existência do “não-eu” emergente, o destrói imaginativamente. É na ruminação dos estados tranquilos que o bebê pode elaborar essas experiências, atingindo a conquista do sentimento de culpa e do desejo de reparação (Plastino, 2014, p. 83-84)

Em outras palavras, podemos pensar que seria ao longo dos momentos tranquilos, em que a mãe-ambiente se faz presente sustentando uma situação no tempo, que o bebê tem a chance de elaborar a complexidade de sua vida pulsional. Winnicott (1990a) comenta que é a capacidade desenvolvida pelo bebê para realizar reparações - caso haja uma mãe que sustente a situação no tempo continuamente - que permite que ele suporte o peso da culpa e do medo que resultam de um reconhecimento total de que as ideias agressivas relacionadas ao amor instintivo primitivo e implacável estão dirigidas a mesma pessoa da relação de dependência anaclítica. Assim, o bebê pode organizar as inúmeras consequências imaginativas da experiência instintiva, resgatando algo que sente como bom e que não machuca, e, desta maneira, reparar imaginativamente o dano que causou a sua mãe.

Na relação comum entre mãe e bebê esta sequência de machucar-e-curar se repete muitas e muitas vezes. Gradualmente, o bebê passa a acreditar no esforço construtivo e a suportar a culpa, e assim tornar-se livre para o amor instintivo (Winnicott, 1990a, p. 90).

Até aqui, podemos apreender que se a capacidade de estar só em sua forma mais madura também significa maturidade no desenvolvimento erótico, fusão de impulsos e ideias agressivas e eróticas, e tolerância da ambivalência, esta capacidade, então, implica a conquista da capacidade de se preocupar (que está vinculada ao alcance da posição depressiva, à ambivalência), sendo necessário que o bebê tenha a capacidade de ver a mãe como um alguém diferente dele. Ou seja, torna-se importante que a ilusão de onipotência vá dando cada vez mais espaço para a criação da realidade compartilhada, fazendo com que a criança seja capaz de reconhecer e de se preocupar com o outro.

O estágio de preocupação se engendra, assim, quando o bebê passa a se sentir preocupado com a figura materna, quem sua agressividade primária – seu amor cruel - estava sendo dirigida até então. Desta forma, a capacidade do bebê de sentir preocupação pelo outro marca o momento do desenvolvimento que é a passagem do pré-remorso para o remorso ou preocupação, que tem início uma vez que o bebê seja capaz de ver a mãe como um outro que não ele próprio (Abram, 2000). “Winnicott descreve esse fato como sendo a aquisição de um “status

unitário”, que se estabelece quando o bebê alcança o ponto em que pode distinguir entre “eu” e “não-eu” (Abram, 2000, p. 174). Ou, como vimos pontualmente no tópico anterior, a capacidade para preocupação pode se desenvolver, segundo a interpretação de Ogden, a partir da capacidade de autoconsciência – esta sendo decorrente da diferenciação entre símbolo, simbolizado e sujeito intérprete -, isto é, quando o bebê se torna um sujeito ciente da subjetividade da mãe. Também podemos entender, segundo Abram, que o estágio de preocupação de Winnicott diz respeito ao estágio “eu sou” – importante para a capacidade de estar só - do desenvolvimento emocional. Como foi visto no primeiro capítulo, o “eu sou” representa o momento no amadurecimento emocional em que o ser humano se torna um indivíduo, apresentando, assim, uma identidade pessoal. Além disso, o “eu sou” inclui um fator temporal, significando que o indivíduo continua existindo, abrangendo, desta maneira, os estados excitados, passados, presentes e futuros.

Khan (1993) também diz que Winnicott considera a capacidade para a preocupação como uma questão de saúde, proveniente da maternagem suficientemente boa, pressupondo um ego que começa a tornar-se independente do ego auxiliar materno. Uma vez que o bebê alcança consistência unitária, vemos que ele passa a conscientizar-se que as duas mães de sua fantasia – a mãe-ambiente e a mãe objeto - são, na realidade, uma só pessoa. Mas isso só acontece se a mãe sustenta e sobrevive às experiências pulsionais, aos ataques “cruéis” da criança. Lembrando que os ataques são cruéis do ponto de vista do observador, uma vez que o bebê, inicialmente não tem intenção de ferir. Um ponto curioso levantado por Khan, é que apenas no referencial teórico do relacionamento do ego - que aponta para o relacionamento entre duas pessoas, uma das quais está sozinha -, que poderíamos discutir o conceito winnicottiano sobre a capacidade para a preocupação. Mas o que Khan quer dizer com isso?

A partir do que vimos até agora, podemos pensar que somente em um contexto de relacionamento do ego, tranquilo, que contempla uma experiência infantil pré-individual facilitada pelo ambiente, que poderíamos considerar uma dimensão futura de subjetividade consistente – um eu sou - que é capaz de reconhecer e de se preocupar com a alteridade. O indivíduo preocupado com o outro depende primordialmente de uma experiência de relacionamento do ego – ou, em outros termos, de relação de objeto - para que possa tornar-se independente do ego auxiliar materno, já que somente em um enquadramento de relacionamento do ego,

de estar só na presença do outro, que as relações do id poderão fortalecer o ego, fazendo om que a criança possa descobrir a sua vida pessoal própria (Winnicott, 1988a). Quando o indivíduo conquista a capacidade de estar só, que implica ter conquistado a capacidade de preocupação, ele está “constantemente capacitado a redescobrir o impulso pessoal, e o impulso pessoal não é desperdiçado porque o estado de estar só é algo que (embora paradoxalmente) implica sempre que alguém também está ali” (Winnicott, 1988a, p. 36).

Winnicott (1975h), em um dos seus textos mais tardios, “O uso de um objeto” encontra uma maneira muito particular e elaborada de responder como o bebê passaria de uma relação de objeto – que pode se dar com um objeto subjetivamente concebido - para o uso de um objeto – que pressupõe que o objeto seja objetivamente percebido -, nos mostrando que “é a destruição do objeto que o coloca fora da área do controle onipotente do sujeito”, desde que haja um ambiente que sobreviva à destruição do bebê (Winnicott, 1975h, p. 126). Nesta tese, Winnicott confere um valor positivo à destrutividade, fazendo com que a destruição crie a realidade - realidade esta que não está dada no princípio, mas está sendo construída -. E não é isso que Winnicott quer dizer quando mostra a importância do bebê repetidamente poder expressar sua agressividade instintiva com a mãe, mostrando a importância desta sobreviver aos seus ataques impiedosos, para alcançar o sentido de preocupação com o outro e, mais tarde, também alcançar a capacidade de estar só? Esta maneira de pensar paradoxal faz com que o autor postule um novo olhar à teoria das raízes da agressividade, uma vez que na teoria ortodoxa, a agressividade surge como uma reação ao princípio de realidade. Mas vamos entender isso melhor...

Vimos de muitas maneiras que, do ponto de vista do bebê, a alteridade está virtualmente presente em um momento de dependência absoluta. Mas, do ponto de vista do observador, há um objeto, um outro, uma alteridade que está presente desde o início na relação com o bebê. Ainda não é possível para o infante reconhecer o não-eu, à medida que ele próprio ainda não se integrou de forma consistente, não podendo também sozinho administrar e dominar seus impulsos. É neste contexto de relacionamento do ego que há um apoio egóico fornecido pela mãe ao ego imaturo da criança. Para melhor imaginar essa situação já discutida no primeiro capítulo, poderíamos fazer alusão a uma âncora submersa no mar que mantém firme uma embarcação. Como vimos, os impulsos do id só poderão fortalecer o ego, indo ao

encontro de um ego cada vez mais integrado e consistente, em um contexto de relacionamento do ego, ou seja, num contexto em que a mãe funciona como uma âncora submersa (invisível, em que sua presença não é notada) capaz de firmar a embarcação, preparando-a para momentos de grandes ondas. Ou, como diz Winnicott, é no contexto de relacionamento do ego que “a cena está armada para uma experiência do id” (Winnicott, 1988a, p. 36). Aos poucos, à proporção que o ambiente se adapta ao bebê, a alteridade, antes virtual, tem o potencial de ir ganhando mais consistência ao longo da experiência transicional.

Como vimos, entre a passagem do mundo dos objetos subjetivamente concebidos e do mundo dos objetos objetivamente percebidos surge a experiência transicional. Na transicionalidade, os fenômenos e objetos são ao mesmo tempo internos e externos. O paradoxo presente a ser sustentado é que a criança cria e concebe subjetivamente um objeto ao mesmo tempo em que ela descobre objetivamente o mesmo (o objeto transicional é a primeira posse não-eu). Ou seja, a principal questão do paradoxo é a criatividade: o que está sendo criado, está, concomitantemente, sendo descoberto. Contudo, isto só pode ocorrer a partir da gradual destruição de parte do mundo dos objetos subjetivamente concebidos. A destruição de uma relação predominantemente onipotente com o mundo que possibilita a construção da alteridade em sua dimensão intersubjetiva. Assim, temos outro paradoxo a ser sustentado, isto é, temos criação e destruição coexistindo. É importante considerar que à medida que o objeto vai ganhando mais consistência e vai se subjetivando, a criança também vai se subjetivando. Desta forma, neste processo intersubjetivo, a constituição da alteridade como sujeito é o que permite ao infante se constituir como uma subjetividade mais autônoma, um EU SOU mais consistente que agora pode usar os objetos. Neste caso, a criança poderá construir e criar um outro mundo em que ela pode passar a experimentar e perceber o objeto como um sujeito constituído. Ou seja, como uma pessoa que possui um mundo próprio com o qual é possível entrar em contato. Aqui o objeto é experimentado como um sujeito que existe independentemente da onipotência infantil.

Tendo em vista este processo, Winnicott (1975h) sugere a distinção conceitual entre relação e uso do objeto:

Em minha opinião, a capacidade de usar um objeto é mais apurada que a capacidade de relacionar-se a objetos; o relacionamento pode dar-se com um objeto subjetivo, mas o uso implica que o objeto faça parte da realidade externa. Pode-se observar esta sequência: (1) o sujeito relaciona-se com o objeto. (2) O objeto está

em processo de ser encontrado, ao invés de ter sido colocado pelo sujeito no mundo. (3) O sujeito destrói o objeto. (4) O objeto sobrevive à destruição. (5) O sujeito pode usar o objeto. (Winnicott, 1975h, p. 131)

Assim, a diferença entre relacionamento e o uso de objeto é que no primeiro caso, a experiência pode ser descrita em termos do sujeito como um ser isolado, já no segundo caso, a relação de objeto é acrescida de elementos novos, envolvendo a natureza e o comportamento do objeto. Para a criança usar um objeto, reconhecendo e se preocupando com o outro, como também sendo capaz de estar só de forma mais madura, faz-se necessário que ela tenha desenvolvido a capacidade de usar os objetos, dependendo de um meio ambiente adequado. Ou seja, na passagem do relacionamento para o uso, à proporção que a criança destrói o objeto subjetivo, o ambiente deve se manter vivo e sobreviver realmente à destruição sem retaliar, sem mudar sua qualidade. O que importa é a sobrevivência do objeto que foi atacado.

No caso da mãe que alimenta um bebê, não se trata apenas de sua sobrevivência como uma pessoa viva, mas também como uma pessoa que não se transformou, no momento crítico, em uma pessoa vingativa, nem partiu para retaliações (Winnicott, 1975h, p. 27)

A sobrevivência do objeto à permanente destruição do infante é o que confere valor à existência do objeto para a criança, fazendo com que a criança viva uma vida dentro do mundo dos objetos, da realidade compartilhada. É como se o sujeito que destrói o objeto estivesse dizendo a este que sobrevive: “Eu te destruí. Eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer, confere valor à tua existência para mim. Enquanto estou te amando, estou permanentemente te destruindo na fantasia (inconsciente)” (Winnicott, 1975h, p. 126). E, assim, a partir da sobrevivência do objeto, que se inicia a fantasia para o indivíduo, fazendo com que este possa usar o objeto que sobreviveu. Então, ele pode dizer a sua mãe: “em meus sonhos e em minha fantasia eu a destruo sempre que penso em você, pois a amo” (Winnicott, 1975h, p. 26). Então, o objeto está sempre sendo destruído, tornando-se a base inconsciente para o amor a um objeto do mundo real. Isto, então, que coloca a mãe em um mundo que não é mais parte do bebê. Brevemente, outras pessoas como o pai poderão representar o mesmo papel. O pai, que já surge como figura de totalidade, somente pode ser objetivamente percebido uma vez que resulta deste processo de destruição criativa, iniciado com a figura materna não retaliativa.

No caso do contexto clínico, Winnicott (1975h) discute que a atividade destrutiva que compõe a tentativa do paciente de colocar o analista fora da área do

controle onipotente. E, assim, “o analista, a técnica analítica e o cenário analítico, todos entram como sobrevivendo ou não aos ataques destrutivos do paciente” (Winnicott, 1975h, p. 127). Se não houver a experiência da destrutividade, o paciente não pode colocar o analista no mundo, para fora. Desta forma, ele acaba apenas experimentando um tipo de auto-análise ao usar o analista como uma projeção de uma parte do self. Em tal caso, alguma modificação pode ocorrer não com base no trabalho interpretativo verbal, mas na sobrevivência do analista aos ataques do paciente, ou seja, na ausência da mudança de qualidade para a retaliação.

De maneira geral, podemos entender que é a destruição do objeto junto à sobrevivência do objeto à destruição que o coloca fora da área do controle onipotente do sujeito, isto é, é a destruição e permanência do objeto sem retaliar que criam a realidade, dando espaço para o bebê um dia subjetivar-se, colocar o objeto fora do eu, preocupar-se com o outro, brincar e ser capaz de estar só.

3.4

Entre não-comunicação, privacidade e espaço de amorfia

“Em cada um de nós há um segredo, uma paisagem interior com planícies invioláveis, vales de silêncio e paraísos secretos”

Antoine de Saint-Exupéry

“O girino é o peixinho do sapo.

O silêncio é o começo do papo”

Arnaldo Antunes

No texto sobre a capacidade de estar só, Winnicott (1988a) menciona que em praticamente todos os tratamentos psicanalíticos existem momentos em que a capacidade de estar só é relevante para o paciente. Ele demonstra que, clinicamente, isso é representado por uma fase de silêncio,

ou uma sessão silenciosa, e esse silêncio, longe de ser evidência de resistência, representa uma conquista por parte do paciente. Talvez tenha sido esta a primeira vez que o paciente tenha tido a capacidade de realmente ficar só. É para este aspecto da transferência no qual o paciente fica só na sessão analítica que eu quero chamar a atenção (Winnicott, 1988a, p. 31)

Este tipo de comentário permite uma abertura para refletirmos sobre a importância de respeitarmos certos momentos de silêncio na conduta clínica. O que estaria se passando com o paciente quando não verbaliza? Indo além, o que estaria ocorrendo com o paciente quando não verbaliza, estando junto ao terapeuta? Parece que estamos chegando a um terreno em que as palavras não comportam tanta importância, pois surgem rarefeitas ou nem aparecem. Parece que estamos indo em direção ao domínio do pré-verbal, onde os corpos, os sentidos, os olhares, a respiração se entrecruzam e fazem sinfonia na sessão. Talvez estejamos percorrendo o caminho dos ritmos, em que o silêncio que faz barulho. Assim, qual seria a importância da não-comunicação?

Em 1963 Winnicott escreve um texto que se intitula “Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos” (1988c), anunciando que no momento em que ele preparava esse estudo para uma sociedade estrangeira, ele chegou, surpreendentemente, à reivindicação do direito de não se comunicar. “Isto foi um protesto do meu íntimo contra a assustadora fantasia de ser infinitamente explorado. Em outras palavras, esta seria a fantasia de ser devorado e engolido. Na linguagem deste estudo, é a fantasia de ser descoberto” (Winnicott, 1963, p. 163).

Segundo Mello Filho (1989), Winnicott aborda uma privacidade última que jamais deve ser devassada, havendo demasiada importância para os analistas, “técnicos da dissecação das intimidades e profundezas do homem”. Para ele, Winnicott nos adverte implicitamente contra os excessos das ambições terapêuticas, mostrando que existe algo tão íntimo no ser humano que ninguém teria o direito de penetrar. Assim, há coisas no homem que serão para sempre desconhecidas. “Há partes da criatura humana tão próximas da essência do seu ser que só a ela pertencem. A psicanálise não há que desvendar tudo, há algo nas criaturas humanas que é indevassável” (Mello Filho, 1989, p. 134-135).

Percorrendo o trabalho de Winnicott (1988c) sobre a comunicação e a não-comunicação, podemos encontrar o autor discutindo que a não-comunicação do paciente pode ser expressa como uma contribuição positiva na clínica. Assim, para ele, deveríamos nos questionar se a técnica psicanalítica permite ao paciente comunicar que ele não está se comunicando. Necessitaríamos, para isso, estar prontos para o sinal de que o paciente não está se comunicando e sermos capacitados para distingui-lo do sinal de tensão ligado ao fracasso na comunicação.

Há um elo aqui com a ideia de estar só na presença de alguém, de início um acontecimento natural na vida da criança, e mais tarde uma questão de aquisição da capacidade de reclusão sem perda da identificação com aquilo do que esta reclusão se originou. Isto parece com a capacidade de se concentrar em uma tarefa (Winnicott, 1988c, p. 171)

Se há uma conexão entre a não-comunicação do paciente de forma positiva e a capacidade de estar só, tanto em sua forma mais primária, de quando o bebê está só na presença do outro, quanto em sua forma mais madura, podemos considerar que a não-comunicação do paciente se conecta, então, ou a um momento em que ele ainda não se integrou de forma consistente - período o qual a experiência de onipotência predomina e o lactente ainda não é capaz de usar o objeto -, dependendo do apoio egóico do terapeuta/figura materna para poder se desenvolver emocionalmente e elaborar suas experiências - como ocorre no contexto de afinidade egóica - ou se conecta a um momento mais maduro em que o paciente já pôde se integrar de forma consistente, usar o objeto, preocupar-se com o outro e internalizar a figura do terapeuta enquanto ambiente, tornando-se capaz de gerar o espaço potencial, um local de relaxamento amorfo, de repouso, no qual alguém pode se concentrar em uma tarefa, por exemplo, expressando o seu verdadeiro self.

Em sua teoria sobre a comunicação, Winnicott (1988c) explica que acontece uma transformação no propósito e nos meios da comunicação à proporção que o objeto muda de objeto subjetivamente concebido a fim de ser percebido objetivamente (objeto objetivamente percebido). Nesta situação, na medida que o objeto é subjetivo (área de onipotência), é desnecessário que a comunicação com o objeto seja explícita. Por outro lado, quando o objeto é percebido objetivamente (princípio de realidade), a comunicação pode ser explícita ou confusa. Nesse caso, Winnicott explica que podem ocorrer duas coisas novas: “a utilização e a apreciação pelo indivíduo dos modos de comunicação, e o eu do indivíduo que não se comunica, ou o núcleo pessoal do eu que é um isolado autêntico” (Winnicott, 1988c, p. 166)

À proporção que o objeto vai se tornando objetivamente percebido e a criança vai se subjetivando, sendo capaz de usar o objeto, seria significativo, para Winnicott, contrastar a comunicação com um de seus opostos. Assim, haveria dois opostos na comunicação: o primeiro sendo a não-comunicação simples que é um estado com identidade própria, comparado ao ato de repousar, que após a comunicação, naturalmente, reaparece. E o segundo sendo a não-comunicação ativa

ou reativa, que ao longo de sua discussão, Winnicott nos leva a entender que, especificamente na saúde ou no caso de patologias mais leves, podemos esperar uma reclusão clínica (não-comunicação ativa) por parte do paciente pelo fato da comunicação se associar com alguma parcela de relações objetais submissas ou falsas. Assim, sobressair-se-ia, de tempos em tempos, a comunicação silenciosa ou secreta com objetos subjetivos para restaurar o equilíbrio, fazendo com que o indivíduo tenha uma sensação de ser real.

Estou pressupondo que normalmente (maturo, isto é, no que concerne ao desenvolvimento das relações objetais) nas pessoas há uma necessidade de algo que corresponda ao estado da pessoa split na qual uma parte do split se comunica silenciosamente com objetos subjetivos. Há lugar para a ideia de que o relacionamento e a comunicação significativas são silenciosas (Winnicott, 1988c, p. 168)

Winnicott irá demonstrar nesse texto que, na saúde, existe um eu central que não se comunica, portanto, silencioso, estando sempre imune ao princípio de realidade. Diante disso, a comunicação seria não-verbal, “como música das esferas, absolutamente pessoal. Pertence ao estar vivo. E normalmente, é daí que se origina a comunicação” (Winnicott, 1988c, p. 174). Haveria um isolamento permanente no indivíduo, um núcleo que não se comunica com o mundo não-eu. Assim, um núcleo que, segundo o autor, corresponde ao verdadeiro eu da personalidade cindida (split). É isto que Winnicott entende como sendo o ponto do pensamento que é o centro de um mundo intelectual, quando se refere à citação do poeta Keats* (“Cada ponto do pensamento é o centro de um mundo intelectual”), na abertura de seu texto em discussão (Winnicott, 1988c, p. 163). Para o psicanalista

Embora as pessoas normais se comuniquem e apreciem se comunicar, o outro fato é igualmente verdadeiro, que cada indivíduo é isolado, permanentemente sem se comunicar, permanentemente desconhecido, na realidade nunca encontrado. (...) No centro de cada pessoa há um elemento não-comunicável, e isto é sagrado e merece muito ser preservado (Winnicott, 1988c, p. 170)

Parece que estamos diante de mais um paradoxo winnicottiano: se, por um lado, Winnicott nos mostra a importância dos processos de desenvolvimento que capacitam o indivíduo a se tornar autônomo, indo ao encontro da alteridade, da preocupação com o outro e da vida cultural, por outro lado, ele também aponta para a relevância de uma reclusão em cada pessoa, que se associa a aquilo de mais espontâneo e autêntico em cada um. Pois é na reclusão e no silêncio que podemos sentir-nos reais ao nos comunicarmos silenciosamente com os resquícios de nossos objetos subjetivamente concebidos, sem, assim, perdermo-nos. Mais uma vez, cabe

ressaltar que é sobre uma capacidade de reclusão sem perda da identificação com aquilo do que a reclusão se originou que o autor está sublinhando. Neste caso, não estamos falando sobre patologias as quais a pessoa apenas vive no mundo subjetivo. Pelo contrário. Talvez seja por isso que Winnicott (1988c) levante a questão de como seria possível sermos isolados sem termos que ser solitários. A partir do que foi desenvolvido até o momento nesta dissertação, podemos considerar que uma vez que o ambiente tenha sido facilitador e, ao longo do tempo, tenhamos tido a possibilidade de nos subjetivarmos de forma mais consistente, encontrando o princípio de realidade, sendo capazes de usar objetos e adquirindo tanto a capacidade de nos preocuparmos com o outro quanto, finalmente, a capacidade de estarmos sozinhos, podemos, momentaneamente, repousar em um espaço de amorfia sem, para sempre, ficarmos alheios ao mundo. Ao nos retirarmos, por vezes, de um mundo turbulento, cheio de dizeres, falas e comunicações explícitas, podemos ir ao encontro de uma área livre de tensões, na qual é possível relaxarmos, devanarmos e nos sentirmos reais, uma vez que este lugar não pertence nem somente a realidade compartilhada, nem somente ao mundo interno, mas pertence a ambos.

Um caminho interessante para compreendermos a importância dos estados silenciosos, é percorrermos o texto “*On lying fallow*” de Massud Khan (1983b). Ao trazer a expressão metafórica “*on lying fallow*” que pode significar deixar a terra para descansar por um tempo antes de ser semeada, o autor se concentra em uma área de experiência pessoal que é muito particular, não-conflituosa e personalizada. Este estado de espírito que ele se refere, não é um estado de vazio apático ou de inércia, nem um estado neurótico, conflituoso ou angustiado, mas uma capacidade do ego, uma função saudável do ego a serviço do sujeito. É um estado de experiência de transição, isto é, uma forma de ser que é alertada tanto para a quietude quanto para a consciência desperta e receptiva.

Partindo do reconhecimento da contribuição winnicottiana sobre a compreensão dos estados silenciosos, Khan entende que a capacidade de permanecer em repouso é uma função do processo de personalização do indivíduo. A verdadeira matriz para que um dia o indivíduo possa atingir de forma mais consistente seu processo de personalização é uma hierarquia de relações: a mãe cuidando do bebê, o pai apoiando a mãe, a família que cuida dos pais, e a sociedade mantendo a família em um ambiente vivo e nutriente. Para o psicanalista, este é um

longo processo que quando corre bem, encontramos um indivíduo personalizado com sua própria privacidade, realidade interna e senso de relacionamento com a vida social. Se, atualmente, vivemos em sociedades muito pragmáticas, onde encontramos um zelo excessivo para confortar o indivíduo, Khan sugere que talvez tenhamos esquecido algumas das necessidades básicas para sermos privados, não-integrados e permanecermos em repouso.

Segundo o autor, apesar desse estado de repouso ser inerentemente e essencialmente privado e pessoal, ele necessita de um ambiente de apoio a fim de ser sustentado, uma vez que na privação não se pode alcançar e manter esse estado de espírito. Simplesmente ter alguém de forma discreta por perto garante, para ele, que esse processo psíquico não se torne introspectivo ou taciturno.

Khan, ao se perguntar o que o estado de repouso atinge para nós, fornece uma resposta paradoxal, dizendo que ele atinge muito e nada. O autor entende que ele é um nutriente do ego e um estado preparatório, gerando o substrato energético para a maioria dos nossos esforços criativos e, a partir de sua animação psíquica suspensa não-integrada, permitiria uma experiência interna primitiva que diferencia a criatividade psíquica original, verdadeira, da produtividade de cunho obsessivo. Podemos pensar que Khan esteja mostrando que quando estamos nesse estado verdadeiro de repouso, podemos entrar em contato com aquilo de mais verdadeiro e primitivo que restou da nossa experiência de onipotência infantil, experiência esta que é a base de um viver criativo e da capacidade de estar só. Não é exatamente em um momento de dependência absoluta que o bebê, ao estar só na presença sensível da mãe, pode relaxar, devanear, vindo a descobrir seu próprio impulso e se sentir real? E é interessante nos recordarmos, no primeiro capítulo, sobre como o estado de não-integração e a habilidade de relaxar compõe-se, paradoxalmente, em um sinal de maturidade e de integração. Neste ponto, podemos recordar dos seguintes versos da canção “Sozinho” de Aroldo Alves Sobrinho (1997), conhecido como Peninha:

Às vezes no silêncio da noite
Eu fico imaginando nós dois
Eu fico ali sonhando acordado
Juntando o antes, o agora e o depois (Alves Sobrinho, 1997)

Não estaria Peninha nos mostrando, assim como Khan e Winnicott, como o silêncio - em que realmente é possível estar só de forma relaxada – também é integrador? Talvez seja no silêncio e nos estados tranquilos que podemos elaborar

nossas experiências, integrando passado, presente e futuro, além de nos personalizarmos. E talvez, ao resgatarmos aquilo de mais verdadeiro em nosso passado, preservado pelo contato com nossos objetos subjetivos e garantido pela possibilidade de termos experimentado a ilusão de onipotência, podemos encontrar substratos para criarmos constantemente a realidade e o futuro daquilo que ainda vamos encontrar. Rubem Alves (1999) diz que antes que qualquer árvore seja plantada ou antes que qualquer lago seja construído, faz-se necessário que as árvores e os lagos tenham nascido dentro da gente. Por um ângulo, baseado no que estamos relendo e elaborando sobre o pensamento de Winnicott, podemos interpretar que antes de experimentarmos no futuro uma vida criativa, usando objetos e fazendo coisas na realidade compartilhada com os outros, precisamos, primeiramente, ter bases, nutrientes, para SER e sonhar por dentro aquilo que um dia poderemos criar e ao mesmo tempo encontrar por fora. E uma boa maneira de estarmos momentaneamente nutrindo o nosso ego para o encontro criativo com o mundo não seria estando só em estados mais silenciosos?

Reflexões sobre a impossibilidade de ser e de estar só

Na segunda parte da dissertação, observamos a importância de uma área intermediária rumo a uma solidão madura. Assim, primeiramente, mostramos como a capacidade de estar só se relaciona com o espaço potencial winnicottiano, ampliando a compreensão deste conceito, bem como dos paradoxos relacionados. Entendemos que uma pessoa madura, quando é capaz de estar só, encontra-se em uma terceira área de experiência existente entre o indivíduo e o meio ambiente que é determinada pelas experiências de vida que se dão nos primórdios da existência. Assim, vemos como o espaço potencial somente acontece caso haja a internalização de um sentimento de confiança relacionada à fidedignidade da figura materna ou dos elementos ambientais. O bebê que adquire um sentimento de confiança, torna viável uma separação da alteridade (não-eu) a partir do eu. Paradoxalmente, apreendemos que a separação é evitada pela ocupação do espaço potencial com o brincar criativo, com o uso de símbolos e tudo que se soma a uma vida cultural. Depois, mergulhamos no ponto de vista de Ogden, entendendo que na capacidade de estar só, o bebê torna-se capaz de gerar o espaço potencial. Para ele, o indivíduo saudável, ao se encontrar sozinho, sempre estará na presença da mãe ambiental gerada por ele mesmo. Assim, discutimos o conceito de processo dialético segundo o autor, como um paradigma escolhido para entender como a atividade psicológica gera o espaço potencial. Vimos que o autor relê o espaço potencial de Winnicott como um estado da mente que se baseia em uma série de relacionamentos dialéticos com cada polo da dialética criando, informando e negando o outro. Questionamos a base teórica da dialética utilizada pelo autor ao considerarmos o fundamento do paradoxo winnicottiano e pensamos que se a dialética hegeliana é problemática para apreendermos o espaço potencial winnicottiano, por outro lado, a dialética sem síntese de Merleau Ponty parece ser um caminho possível para apreensão dessa área de transicionalidade. Também apreendemos que a capacidade de estar só implica a

conquista da capacidade de se preocupar, sendo necessário que o bebê tenha a capacidade de ver a mãe como um alguém diferente dele. Ou seja, torna-se importante que a ilusão de onipotência vá dando cada vez mais espaço para a criação da realidade compartilhada, fazendo com que a criança seja capaz de reconhecer e de se preocupar com o outro. Nesse sentido, vimos que é a destruição do objeto junto à sobrevivência do mesmo que o coloca fora da área do controle onipotente do sujeito, isto é, é a destruição e a permanência do objeto sem retaliar que criam a realidade, dando espaço para o bebê um dia subjetivar-se, colocar o objeto fora do eu, preocupar-se com o outro, brincar e ser capaz de estar só. Finalmente, refletimos, ainda nessa segunda parte, sobre a importância de respeitarmos certos momentos de silêncio na conduta clínica, como também na vida, uma vez que existe algo tão íntimo no ser humano que ninguém deveria penetrar. Desta maneira, a não-comunicação do paciente pode ser expressa como uma contribuição positiva na clínica. Entendemos que na saúde há um eu central que não se comunica, portanto, silencioso, estando sempre imune ao princípio de realidade. Ou seja, de acordo com o pensamento winnicottiano, haveria um isolamento permanente no indivíduo, um núcleo que não se comunica com o mundo não-eu, correspondendo ao verdadeiro self da personalidade cindida. Constatamos, assim, mais um paradoxo de Winnicott: ao mesmo tempo que é importante para o indivíduo adquirir autonomia, indo ao encontro da alteridade, da preocupação com o outro e da vida cultural, também se torna relevante a sua reclusão silenciosa e tranquila, associada à espontaneidade e autenticidade. A aquisição da capacidade de estar sozinho permite que, momentaneamente, possamos repousar em um espaço de amorfia, sentindo-nos reais, sem, para sempre, ficarmos alheios ao mundo. Também compreendemos a importância dos estados silenciosos, ao percorrermos o texto “*On lying fallow*” de Massud Khan (1983b), autor que entende que a capacidade de permanecer em repouso é uma função do processo de personalização do indivíduo. Para ele, o estado de repouso é um nutriente do ego e um estado preparatório, gerador do substrato energético para a maioria dos nossos esforços criativos. Supomos que talvez seja nos estados tranquilos e silenciosos que podemos elaborar nossas experiências, integrando passado, presente e futuro.

Tendo percorrido esse caminho, na terceira e última parte da dissertação pretendemos refletir sobre o aspecto desértico da solidão, buscando apreender possíveis dificuldades no desenvolvimento emocional primitivo que

inviabilizariam a vivência do estar só. Assim, unindo fragmentos clínicos e teoria, procuraremos compreender as ansiedades primitivas e os processos defensivos envolvidos nos primórdios do desenvolvimento, explorando o surgimento de uma possível solidão despovoada junto ao comprometimento de um viver criativo.

4.1 Solidão desértica

A solidão desola-me; a companhia oprime-me. A presença de outra pessoa descaminha-me os pensamentos; sonho a sua presença com uma distração especial, que toda a minha atenção analítica não consegue definir

Bernardo Soares/Fernando Pessoa

Em seu artigo “*The capacity to be alone: reflections on Winnicott’s 1958 article*”, Bonaminio (2020) apresenta alguns casos clínicos, discutindo a forma multifacetada como a sensação de estar só se apresenta na clínica psicanalítica: sentimento de liberdade, aprisionamento, ansiedades primitivas de cair indefinidamente, além de diversas gradações e nuances da sensação de solidão. Em alguns de seus relatos clínicos é possível imaginarmos experiências distantes da capacidade de estar só como entendida por Winnicott, à medida que encontramos menções a sensações de “pairar no vazio”, sentir-se insuportavelmente sozinho, experiências de ataques de pânico altamente invasivas, incapacidade de enfrentar a ansiedade de separação em relação ao analista, como também apego onofílico sem reconhecimento de experiência espontânea própria. Além desses exemplos, ainda podemos encontrar frases como “não sei mais por quanto tempo poderei aguentar este deserto emocional” (Bonaminio, 2020, p. 128).

Em um fragmento clínico concluído de sua própria experiência como analista, o autor ilustra o surgimento por parte de seu paciente da capacidade de estar e de se sentir sozinho, um processo paradoxal que, segundo o autor, não pode ser dado como certo.

Um de seus pacientes, um gerente sênior que iniciou a análise quando era um jovem adulto, vai ao seu encontro devido as suas intensas crises de ansiedade e ataques de pânico invasivos. Em um dos últimos anos de análise, Bonaminio relata que, surpreendentemente, seu paciente toma a decisão de ir esquiar com a sua namorada. Assim, avisa que irá interromper o processo analítico por uma semana, dizendo que chegou a hora. O psicanalista diz que isso lhe deixa ansioso, mas que ele se sente mais seguro. Além disso, Bonaminio identifica um toque de mania que diz não interpretar, entendendo ser mais cuidadoso deixá-lo passar por essa experiência a fim de auxiliá-lo frente a sua ansiedade de separação.

O psicanalista conta que no final de sua viagem de esqui, o teleférico de seu paciente fica preso ao longo de cinco minutos antes de chegar à estação, ao passo que ele é tomado pelo pânico. Há uma tentativa dele de manter a calma diante do medo cada vez mais apavorante de “pairar no vazio”, contudo, ele não consegue. Por volta de cinco metros entre ele e a pista de chegada, ele inconscientemente pula e cai, mas não de maneira desastrosa. Ignora as advertências dos funcionários ao seu redor, como também tropeça em seu hotel e, a seguir, solicita o primeiro trem de volta para Roma, deixando uma passagem para a namorada e, segundo o autor, se submetendo a uma viagem de sete horas. Bonaminio diz que o acidente ocorreu pela manhã, fazendo com que ele chegasse de táxi a tempo para a sessão de sexta-feira, última da semana. Diz que seu paciente ficou surpreso ao lhe encontrar quando ele abriu a porta de forma intuitiva, soltando, assim, um suspiro de alívio.

Ele deita-se tristemente no sofá e diz: ‘então é verdade, você está sempre aqui... não é lixo’. Ele me conta sobre sua experiência (...) Então ele fica em silêncio por um tempo. Este silêncio parece no aqui e no agora assumir a forma de uma experiência de poder estar sozinho na minha presença (Bonaminio, 2020, p. 134)

Bonaminio diz ao seu paciente que quando o teleférico emperrou, ele se deu conta de que estava realmente sozinho, sem a presença do analista. O autor relata que naquela situação, seu paciente sentiu-se perdido no espaço intergaláctico, uma vez que ele tinha o hábito de sonhar em estar suspenso no espaço sideral, realizando uma caminhada, até que, em certo momento, o cabo que o prende à uma cápsula se rompe. Se tanto esse sonho quanto o contexto do teleférico remetem a situações traumáticas, sublinhando, provavelmente, a incapacidade de estar só do paciente, o psicanalista entende que algo de diferente ocorreu na sessão de sexta, fazendo com que seu paciente não se sentisse mais perdido no vazio. Bonaminio sugere que uma

vez que seu paciente tenha experimentado o fato de seu analista estar ali, do lado de fora, talvez, ele tenha, finalmente, o encontrado dentro de si.

O psicanalista, ao apresentar esse fragmento clínico, destaca a importância do papel do ambiente para a conquista da capacidade de estar só, aparentemente mostrando como a possibilidade da continuidade ao encontro de um analista presente e vivo é crucial para a transformação de uma solidão apavorante e vazia em uma solidão cada vez mais suportável e madura. Acredito que este seja um processo de construção lenta, dependendo da emergência de um forte laço de confiança com um analista que possa continuamente ser um lugar humano seguro no qual o paciente está em processo de se tornar inteiro. O paciente que ainda não se tornou maduro precisa que seus impulsos sejam contidos na vivência do ego com um analista suficientemente bom. Assim, quem sabe, o analista possa ser um dia internalizado como ambiente auxiliar do ego do paciente, uma vez que, bem como ocorre no desenvolvimento emocional primitivo, o fato do analista estar perto do paciente sem fazer exigências, sem retaliar, e sobrevivendo às suas destruições, tudo isso contribui para o estabelecimento de um meio interno favorável e para, como vimos, a geração do espaço potencial. Desta forma, pode ser que o “vazio” do paciente se transforme em cheio. Em outras palavras, pode ser que a sensação de estar em um deserto emocional despovoado pelos cuidados contínuos de um outro genuinamente interessado, modifique-se para a sensação de estar em um lugar repleto de confiança, de afeto, de cuidado, de sustentação e de continuidade de vida.

Considerando o percurso dessa dissertação, assim como Bonaminio, também pudemos constatar que a condição de estar e de se sentir sozinho de forma saudável envolve o paradoxo da necessidade de estar só na presença de alguém. Ou seja, o contexto de afinidade egóica torna-se a base fundamental para a conquista de uma solidão mais madura, solidão esta que no contexto clínico pode se expressar a partir de um silêncio tranquilo que deve ser respeitado e não invadido.

No fragmento clínico, por outro ângulo, observamos que Bonaminio consegue transmitir o sofrimento de seu paciente que antes pairava no vazio, experimentando fortes ansiedades e ataques de pânico invasivos. Por exemplo, simplesmente ficar preso em um lugar parece assumir a vivência de se perder no vazio do espaço intergaláctico, de forma solitária e reclusa. Considerando esse tipo de experiência, pergunto-me quais as possíveis dificuldades ao longo do desenvolvimento emocional primitivo que inviabilizariam a vivência do estar só,

propiciando uma solidão desértica, desacompanhada? (Questão similar, inclusive, é colocada como uma indicação de prosseguimento de pesquisa nas considerações finais da dissertação de mestrado de Batista (2017) que explora a capacidade de estar só).

Maria Cecilia Pereira (2020) entende que o sentimento de solidão aponta para uma falha na experiência de estar só na presença da mãe ou de um outro fundamental. Ao comentar a perspectiva de Winnicott, assinala que o indivíduo que experimenta uma solidão intensa pode ter sofrido o impacto da falha da experiência de intimidade inicial com a mãe em um momento que ela deveria estar identificada com seu bebê.

Ogden (2018), por sua vez, diz que o rompimento da provisão materna é um evento vivenciado pelo bebê como uma aniquilação iminente de si. “A pessoa vivencia a si própria como à beira da dissolução” (Ogden, 2018, p. 191). Nos primórdios do desenvolvimento, quando há situações intrusivas, de falha do relacionamento com a mãe ambiental, o bebê é trazido precipitadamente à existência, tentando manejar a catástrofe. Neste caso, o processo de apropriação pelo bebê da matriz psicológica torna-se incompleto ou inadequado, conduzindo à intrusão desastrosa da consciência de dependência de “uma mãe-como-objeto ausente” (Ogden, 2018, p. 187). Como exemplo, Ogden traz uma vinheta de um homem bem sucedido profissionalmente que parece ter se tornado adicto à presença real de sua mulher dentro de casa para poder sentir-se vivo enquanto trabalhava na garagem. Como o autor retrata, caso ela não estivesse em casa, ele era impedido de se concentrar no trabalho, esperando impacientemente pelo seu retorno. Porém, sua aproximação ao entrar na garagem também o deixava enraivecido. “Sua presença física real era vivenciada como uma intrusão violenta e indesejável e tornava impossível que ele trabalhasse” (Ogden, 2018, p. 188). Parece que nesse caso há uma experiência paradoxal de ameaça de invasão (quando o outro se aproxima demais) ou de perda da alteridade (quando o outro se afasta) que impede a pessoa de se tranquilizar, sendo capaz de estar só. Assim, poderíamos cogitar uma problemática tanto na internalização do ambiente de *holding* quanto na geração do espaço potencial. Refletindo sobre o plano clínico, pode ser que, em casos assim, o analista necessite de um tato sensível, funcionando como a figura de um garçom de um bar no deserto, como sugere Stefano Bolognini (2004) ao imaginar a atmosfera

de determinados bares que surgem nos filmes on the road dos anos 1970. Para ele, no plano psicológico, o garçom é

Alguém que está lá, que vê os mais diversos personagens passarem e que quase não perde a linha quando as pessoas que entram no bar descarregam em cima do balcão as mais estranhas histórias humanas (Bolognini, 2004, p. 261)

Isto é, o autor sugere que em determinadas ocasiões - como no tratamento de casos em que a dependência é assustadora e os impulsos pessoais são pouco governáveis -, o analista precisa parecer quase impotente, inofensivo, porém, concomitantemente, ele precisa ser uma presença discreta e humilde, aguardando um reconhecimento que, no início do tratamento, é impensável. Assim, o analista necessita dosar a experiência de reconhecimento e contato com a alteridade, não devendo “ser muito indiferente para não causar inquietação nem, evidentemente, necessário demais para que não seja preciso livrar-se dele rapidamente” (Bolognini, 2004, p. 268).

De acordo com Ogden, para uma pessoa experimentar a ausência da figura materna enquanto objeto é preciso que se tenha alcançado a posição depressiva, isto é, um momento do desenvolvimento em que se consolida a relação com objetos inteiros. Neste caso, para o psicanalista americano, a perda da mãe como objeto pode desencadear sentimentos de culpa, desolação, tristeza e solidão, fazendo-nos mais uma vez refletir sobre as gradações da sensação de solidão.

Se a capacidade de estar sozinho foi alcançada (ou seja, se a mãe ambiental tiver sido internalizada), é possível sobreviver a essa perda. A perda da mãe-como-ambiente é um evento muito mais catastrófico, ao qual o indivíduo responde com um sentimento de perda iminente de si mesmo (Ogden, 2018, p. 191)

O autor explica que quando existe uma falha prolongada em proporcionar um ambiente suficientemente bom de holding, o bebê é lançado em um estado de caos e ruptura do seu sentido de ser em progressão, resultando na psicose infantil ou no núcleo de estados *borderlines* ou psicóticos na vida adulta (Ogden, 2018). Para Winnicott (1990b), o caos surge pela primeira vez no percurso do desenvolvimento emocional a partir das interrupções reativas do ser, principalmente quando as interrupções são muito prolongadas. Assim, para o autor, o caos é definido como uma quebra na linha de continuidade do ser, sendo que a sua recuperação pode se dar através de uma revivência da continuidade. Contudo, se a perturbação ultrapassa certo limite de tolerância, pode ocorrer que uma quantidade de caos passe a fazer parte da constituição da pessoa. Nesse sentido em

que o caos é empregado a partir de uma falha prolongada do ambiente de holding, recordo-me de uma passagem clínica de Bolognini (2007) sobre o paciente mais amedrontado que ele já havia atendido: um jovem de vinte e sete anos que tinha um enorme medo de tudo. Em determinada sessão, seu paciente se deita e se prepara para iniciar o seu relato, quando, de repente, a energia elétrica no consultório cessa, transformando o ambiente em um breu profundo. O psicanalista percebe, na ocasião, que o seu paciente se agita. Assim, tenta reassegurá-lo dizendo para ele não se preocupar. Explica o problema causado pelo disjuntor de luz e diz que irá descer as escadas e ligar o disjuntor, retornando brevemente. Mas o seu paciente logo avisa: “Doutor... Tenho medo!”. Ao passo que Bolognini responde: “Olhe, o senhor está em segurança: fique aí e em poucos segundos teremos novamente a luz” (Bolognini, 2007, p. 65). Assim que disse isso, o psicanalista relata ter levantado e ido em direção ao disjuntor, retornando sem demora. Contudo, quando volta, o paciente não se encontrava mais em sua sala. Bolognini diz ter ficado desorientado e perdido tentando lhe procurar. Olhou debaixo de sua mesa e atrás da sua poltrona, mas ele não estava. Também não poderia ter descido pela escada, já que, nesse caso, seria possível ter lhe encontrado. O psicanalista olha, então, para o alto e vê sua janela basculante aberta constatando que o seu paciente havia fugido por ali. Afinal, também havia uma cadeira posicionada embaixo da janela como uma escada.

Subi nessa cadeira e coloquei a cabeça para fora, justo em tempo de vê-lo caminhar perigosamente no telhado em busca de um caminho de fuga. Gelado de medo, gritei-lhe que voltasse lentamente e apoiando bem os pés. Quando ele voltou, eu me abandonei sem forças em minha poltrona, enquanto ele se manteve alguns instantes sentado no divã despedindo-se depois apressadamente, dizendo que por aquele dia era o suficiente. Nunca mais o vi (Bolognini, 2007, p. 66)

O autor conta que esse paciente e o seu medo devastador perduraram dentro dele como o representante principal do medo avassalador em um ser humano, um medo cujo segredo ele diz não ter acesso, mas, sobre o qual ele se interroga baseando-se em poucos elementos que seu paciente colocou a sua disposição, uma vez que ele disse pouco de si mesmo. Nesse contexto clínico do imprevisto da falta de luz e da inquietude do jovem, Bolognini imagina que quando o medo invadiu a cena, todos os dispositivos mentais de seu paciente se paralisaram, ficando em desuso e obscurecendo a sua mente. Seria necessário, portanto, fugir daquela situação de enlouquecimento. O psicanalista nota o quanto o seu paciente possuído pelo terror tinha a certeza de que ele (analista) não teria condições de lhe

conter, parecendo configurar, “em um nível de experiência primária, uma dupla mãe/criança dissociada, na qual o fluxo de sensações e emoções é interrompido ab initio” (Bolognini, 2007, p. 68). Parece que nessa situação, o analista/figura materna não conseguiu fornecer o suporte necessário para o paciente estar só na sua presença, tanto é que quando o analista concretamente se afastou para resolver o problema da luz, o paciente parece ter sido lançado em um estado caótico de ruptura em sua continuidade de ser. Provavelmente ele ainda não estava pronto para experimentar o afastamento de seu analista como objeto, nem tendo assumido o controle da função materna de holding ambiental de maneira a criar a matriz de sua mente. Assemelhando-se (talvez em graus diferentes) ao caso do paciente de Bonaminio que pula do teleférico quando este paralisa, o jovem paciente de Bolognini, nesta situação inesperada, também aparenta ser incapaz de estar só, sem conseguir calma e tranquilidade para pensar e avaliar a situação. Nos dois casos, os pacientes, em suas respectivas experiências, parecem agir por impulso em um estado caótico sem continência diante de situações imprevisíveis.

Ogden também diz que quando a falha relacionada ao *holding* se dá em uma menor proporção, o lactente pode desenvolver um self defensivo e cuidador que é estabelecido com o intuito de garantir “o isolamento protetivo do potencial do bebê para a individualidade psicológica (o *Self* Verdadeiro)”. Neste caso, Ogden está discutindo uma clivagem psicológica que conduz ao desenvolvimento de uma organização defensiva de personalidade chamada de falso *Self* que, ao isolar o verdadeiro self, pode levar a pessoa a experimentar sentimentos de futilidade, de vazio e de estar morto (ao investigarmos essa defesa talvez possamos apreender a sensação de pairar no vazio retratada no fragmento clínico de Bonaminio). E é a organização do tipo falso *Self* que “impede o desenvolvimento de aspectos significativos do que poderia ter se tornado o indivíduo” (Ogden, 2018, p. 182-183). Mas como podemos entender melhor o surgimento desta defesa ao longo do desenvolvimento emocional primitivo?

4.2

O falso self e a incapacidade de estar só: vivendo falsamente entre imposições e reatividades

*Ser ou não ser, eis a questão: será mais nobre
Em nosso espírito sofrer pedras e flechas*

*Com que a Fortuna, enfurecida, nos alveja,
Ou insurgir-nos contra um mar de provocações
E em luta pôr-lhes fim?*

(William Shakespeare)

Nos primórdios da vida, vimos que apenas em um contexto de afinidade egóica (relação com o ego) que um impulso do id poderá ser sentido como real, tornando-se, verdadeiramente, uma experiência pessoal para o bebê. Isto é, o impulso do id apenas se torna significativo, fortificando o ego infantil, caso seja contido na vivência do ego. Assim, Winnicott mostra que somente quando só - na presença de um adulto - que o bebê poderá descobrir a sua vida pessoal própria. Contudo, o autor também nos alerta sobre uma alternativa patológica baseada em reatividade: uma vida falsa fundamentada em reações a estímulos externos. Nesta perspectiva, podemos entender que as reações defensivas estão na origem de toda a psicopatologia winnicottiana, expressando “o assujeitamento aos imperativos de um ambiente precário ou hostil” (Kupermann, 2008, p. 86).

Plastino (2014) mostra que o entendimento da complexidade do ponto de vista winnicottiano sobre o sofrimento psíquico requer a consideração de que o desenvolvimento emocional primitivo é influenciado pela reação do indivíduo à participação ambiental, “reação caracterizada pela importância que a espontaneidade e a criatividade têm na dinâmica de vida” (Plastino, 2014, p. 134).

Se Winnicott, por um lado, aderiu às descobertas fundamentais da psicanálise, por outro lado, manteve constantemente uma visão crítica sobre a teoria ortodoxa, afastando-se de alguns de seus conceitos e concebendo outros diferentes daquela. Sua teoria fundamentou-se em suas vivências adquiridas na sua prática clínica, conduzindo-o a transcender a centralidade do complexo de Édipo para o entendimento do adoecimento psíquico. Diversas histórias clínicas levaram Winnicott a compreender que as crianças que adoeciam apresentavam dificuldades em seu desenvolvimento emocional primitivo, as quais podiam se iniciar antes mesmo do complexo de Édipo. Além disso, Winnicott reconhece a relevância decisiva da participação ambiental nos processos emocionais da criança e, conjuntamente, não adere a concepção psicanalítica sobre a pulsão de morte, hipótese de uma “determinação natural imodificável” que talvez eximisse Freud e Klein de considerarem o peso do fator ambiental (Plastino, 2014, p. 130).

Plastino comenta que Winnicott conclui que o acesso ao complexo de Édipo e, um pouco antes, à posição depressiva, constituem conquistas do desenvolvimento emocional primitivo que podem não ser alcançadas pelos indivíduos privados de um ambiente facilitador. Assim, muitas crianças podem não alcançar o complexo de Édipo na infância. E, conseqüentemente, podem não alcançar a capacidade de estar só em sua forma mais madura. O autor entende que esse olhar possibilitou Winnicott a trabalhar com formas de angústia e com mecanismos de defesa primitivos que são bastante diferentes da angústia de castração e do recalque no tratamento de crianças, de adultos e até mesmo nos complexos casos (como nos casos fronteirços) em que o indivíduo foi bem sucedido na construção de uma organização neurótica, contudo, seu núcleo de sofrimento vincula-se a graves falhas no processo de integração. Nestes casos, portanto, primariamente, o indivíduo se defende contra as angústias impensáveis, condutoras da ameaça de aniquilamento. Por isso, torna-se importante nos atentarmos a questões provenientes de problemas nas relações do período primitivo do desenvolvimento emocional, como a falta de confiabilidade da figura materna (Plastino, 2014).

O autor mostra que o psicanalista inglês contempla uma gradação na normalidade, tanto no caminho da neurose quanto da psicose. Ressalta-se que é a teoria do desenvolvimento emocional que surge para Winnicott como a perspectiva teórica fundamental para o entendimento do sofrimento psíquico, de sua etiologia, dos mecanismos de defesa utilizados e das ansiedades contra as quais se defende. De uma forma mais simplificada, pode-se pensar que se o sofrimento neurótico possui como condição a conquista do estágio “EU SOU” e o sucesso dos primórdios do desenvolvimento emocional, originando-se, portanto, na experiência do drama edipiano, por outro lado, o sofrimento psicótico relaciona-se à ruptura da continuidade na experiência de ser em resposta a um padrão de intrusão ambiental precoce. Aqui, no contexto do desenvolvimento emocional primitivo, a angústia vivenciada pelo bebê diferencia-se da ameaça de castração, uma vez que as frustrações e as satisfações da pulsão sexual não participam de forma significativa na experiência do bebê. Neste caso, o lactente pode sentir uma angústia de outra ordem que se traduz em uma reação à ameaça de aniquilamento proveniente do sentimento de perda de continuidade na existência (Plastino, 2014).

Winnicott (2018) discute que o bebê é sujeito a ansiedades terríveis nos primórdios de sua vida e por isso não deve ser deixado sozinho com os seus próprios

recursos quando ainda é imaturo para assumir plena responsabilidade pela sua vida. Caso sejam deixados sozinhos por bastante tempo, sejam horas ou minutos, sem contato humano ou familiar, eles passam por experiências que o autor descreve como:

Ser feito em pedaços
 Cair para sempre
 Morrer e morrer e morrer
 Perder todos os vestígios de esperança e renovação de contatos
 (Winnicott, 2018, p. 76)

Estas experiências podem ser entendidas como agonias primitivas ou ansiedades impensáveis, termos que Winnicott utiliza para expandir o conceito de aniquilamento (ameaça de aniquilamento) relacionado ao trauma no início da vida (Davis & Wallbridge, 1982). Compreende-se que o trauma, na obra winnicottiana, vincula-se ao conceito de imposição. Isto é, o trauma é definido como uma imposição do ambiente e da reação do indivíduo a esse ambiente, dando-se antes que exista um desenvolvimento individual capaz de tornar previsível o imprevisível. Quando há falta de apoio egóico, o ambiente se impõe ao bebê obrigando-o a reagir. Considerando o conceito de trauma na obra winnicottiana, talvez possamos imaginar a vivência traumática dos pacientes de Bonaminio e de Bolognini diante de situações imprevisíveis. Parece que nos dois casos realmente ainda não havia um desenvolvimento individual maduro capaz de tornar previsível o imprevisível, possivelmente, fazendo com que uma situação imprevisível expusesse os sujeitos a ansiedades terríveis, como um bebê imaturo que não deve ser deixado sozinho. Assim, provavelmente, o imprevisível foi vivenciado, cada um a sua maneira, como imposições ambientais as quais o sujeito apenas consegue reagir (seja pulando do teleférico, ou seja, fugindo perigosamente pela janela).

Em relação à falta de apoio egóico, Davis & Wallbridge (1982) trazem como exemplos as mudanças repetidas de técnicas de cuidado, abandono do bebê, falta de apoio para a cabeça, ruídos altos, ou seja, mudanças que interrompem a continuidade de ser do bebê, retirando-o da monotonia e proteção necessárias para o seu desenvolvimento. Quando isso ocorre e o bebê é impedido de descansar e de se recuperar em um ambiente que possa novamente se adaptar ao máximo as suas necessidades, sua linha de continuidade enfrentará dificuldades para ser restaurada. Além disso, “um acúmulo de imposição traumática na etapa de dependência absoluta pode pôr em risco a estabilidade mental (sanidade) do indivíduo” (Davis

& Wallbridge, 1982, p. 60). É importante reconsiderar que para o bebê poder estar só, de forma positiva, em um estado que não há orientação, é preciso haver um ambiente que não perturbe a continuidade de sua existência, isto é, quando o apoio egóico materno é confiável, o bebê pode permanecer não-integrado durante certo período de tempo sem ameaça à sua continuidade pessoal. Então, em relação às ansiedades inimagináveis, a proteção suficientemente boa do ego pela figura materna possibilita ao bebê criar uma personalidade no padrão da continuidade existencial. Por outro lado, todas as falhas que ocasionam as ansiedades inimagináveis provocam uma reação da criança, sendo que esta reação rompe a continuidade existencial (Winnicott, 1988b).

Quando o ambiente é suficientemente bom, aquilo de terrível se transforma em experiência positiva, somando-se à confiança que o bebê obtém do mundo. Como Winnicott (2018) mostra, ser feito em pedaços passa a ser uma sensação de repouso e de relaxamento se o bebê estiver em mãos cuidadosas; cair para sempre se transforma em ser carregado de forma prazerosa; morrer e morrer e morrer se transforma na alegria e consciência de estar vivo, e, “quando a constância vier em auxílio à dependência, a perda de esperança quanto aos relacionamentos se transformará numa sensação de segurança, de que, mesmo quando sós, o bebê tem alguém que se preocupa com ele” (Winnicott, 2018, p. 76).

Se a maior parte dos bebês recebe cuidados suficientemente bons de forma contínua, em contrapartida, alguns bebês experimentam falhas ambientais muito cedo, havendo um prejuízo concreto, difícil de reparar. Winnicott (2018a) diz que no melhor dos casos, o bebê que está se tornando uma criança ou um adulto leva consigo a memória latente de um desastre que ocorreu com o seu eu em um momento de dependência absoluta. Bastante tempo e energia são investidos para organizar a vida de maneira que aquilo de doloroso não possa ser experimentado novamente. Já no pior dos casos, o amadurecimento pode ser para sempre distorcido, deturpando a personalidade e deformando o caráter. Quando há recorrência de reações por parte da criança de forma persistente, instaura-se um padrão de fragmentação da continuidade do ser. Neste caso, a criança possui uma tarefa de desenvolvimento que fica, desde o princípio, sobrecarregada, podendo haver um fator muito precoce na etiologia da falta de atenção (“posteriormente designada como incapacidade de se concentrar”), da hipercinesia (excesso de movimentação de uma parte do corpo) e da inquietação, fatores que parecem ir na

contramão da capacidade para relaxar e de estar só (Winnicott, 1988b). Além disso, quando há sucessivas rupturas da continuidade na experiência de ser em resposta a um padrão de intrusão ambiental precoce, o mecanismo defensivo principal utilizado é a cisão. Assim, uma importante modalidade de cisão estudada por Winnicott é a construção de um falso self (Plastino, 2014).

O uso desse mecanismo faz com que a construção do ego seja operada não a partir do “núcleo” do indivíduo – isto é, através de seu viver espontâneo -, mas da “casca”, isto é, em resposta às exigências de um ambiente intrusivo. Nos casos mais graves, o “verdadeiro self” espontâneo é escondido tão profundamente que permanece desconhecido até pelo próprio indivíduo. As graves consequências negativas que a construção defensiva de um falso self tem para a vida da pessoa não raro ficam ocultas pelo sucesso social do indivíduo que se insere na vida social através de seu “falso self”. Treinada para responder às exigências ambientais, esta capacidade de adaptação pode redundar em sucesso social. Entretanto, o viver criativo é afetado, podendo gerar a predominância do sentimento de futilidade da vida e de que esta não vale a pena ser vivida (Plastino, 2014, p. 136-137)

Na ausência de um ambiente suficientemente bom, haverá sentimento final de inutilidade, fazendo com que as coisas não sejam sentidas como reais, surgindo desta maneira, então, um falso self - falso si mesmo- defensivo que se submete às exigências dos outros. Galván & Amiralian (2009) entendem que a existência por meio de um falso self torna a vida desprovida de sentido, atravessada por um senso de irreabilidade, incapaz de valer a pena.

Winnicott (1988e), ao discutir o falso self, reconhece que esse conceito não é novo, uma vez que já apareceu de diversas maneiras na psiquiatria descritiva e em certos sistemas filosóficos e religiosos. Entretanto, para ele a etiologia desse conceito apresenta-se à psicanálise como um desafio.

Recorrendo ao pensamento freudiano, Winnicott diz que, particularmente, relaciona o que divide em verdadeiro e falso self com a separação de Freud do self em uma parte que é controlada pelos instintos, sendo central e outra parte que é orientada para o mundo exterior. Naffah Neto (2007) comenta que a parte voltada para o exterior seria aquela responsável pela função adaptativa do ego à realidade, sendo justamente essa formulação freudiana que teria inspirado Winnicott em sua proposta do falso self em indivíduos saudáveis. Mello Filho (1989) comenta que Winnicott nos mostrou que todos nós temos aspectos falso self, importando, assim, o grau de falso self que existe em cada um de nós junto a possibilidade deste de bloquear o funcionamento espontâneo do verdadeiro self. Desta maneira, torna-se importante prestarmos atenção no grau de bloqueio do verdadeiro self uma vez que,

na saúde, podemos encontrar a representação do falso self em termos da organização total da atitude social amável, polida e reservada que nos garante um lugar na sociedade.

Há um aspecto submisso do self verdadeiro no viver normal, uma habilidade do lactente de se submeter e de não se expor. A habilidade de conciliação é uma conquista. O equivalente ao self verdadeiro no desenvolvimento normal é aquele que se pode desenvolver na criança no sentido das boas maneiras sociais, algo que é adaptável. Na normalidade essas boas maneiras sociais representam uma conciliação (Winnicott, 1988e, p. 137)

Pelos processos naturais, o bebê desenvolve uma organização do ego que se adapta ao ambiente. Contudo, para Winnicott, isso não ocorre de forma automática, apenas podendo se dar caso, anteriormente, o self verdadeiro tenha se tornado uma realidade viva, conseqüente da adaptação suficientemente boa da figura materna às necessidades do bebê. Mas vamos entender isso melhor...

Ao questionar como o falso self se desenvolve no estágio de dependência absoluta, no relacionamento mãe-bebê, Winnicott (1988e) põe ênfase na consideração do comportamento e atitude do outro, especificamente da mãe, uma vez que não seria possível afirmar o que ocorre nessa etapa considerando apenas o bebê. Nesse estágio em que o bebê se encontra não-integrado na maior parte do tempo, a mãe permite a coesão dos inúmeros elementos sensório-motores ao envolver o bebê fisicamente e simbolicamente. Desta forma, periodicamente, o bebê expressa um impulso espontâneo, um gesto, cuja fonte deste é o verdadeiro self. "Esse gesto indica a existência de um self verdadeiro em potencial" (Winnicott, 1988e, p.132). Assim, o modo que a mãe irá responder a esse gesto (associação sensório-motora) implicará maior ou menor expressão do verdadeiro self, tornando possível ou a espontaneidade da criança ou sua submissão ao ambiente (falso *self*).

O falso *self*, que será construído sobre identificações desse ambiente, tem uma função defensiva de proteger e ocultar o self verdadeiro. Segundo Sampaio (2013), o falso si mesmo efetua o trabalho psíquico de controle do ambiente tentando retornar ao estado de continuidade do ser, "amortizando as sensações de invasão e de abandono, preservando ao verdadeiro self esta continuidade" (Sampaio, 2013, p. 30-31).

Por um lado, o ambiente pode ser suficientemente bom, alimentando repetidamente a ilusão de onipotência do bebê, tornando a expressão do self verdadeiro possível e fazendo com que ele possa continuar a ser. Aqui, um

verdadeiro self começa a ter vida devido ao apoio egóico que a mãe fornece ao ego ainda frágil do bebê. Nesse cenário, mais tarde será possível que o bebê renuncie a onipotência gradualmente, vindo a reconhecer o elemento ilusório e, um dia, sendo capaz de estar só de forma mais sofisticada. Por outro lado, o ambiente pode não conseguir ser suficientemente bom, não sendo capaz de completar a ilusão de onipotência da criança, falhando repetidamente, por assim dizer, na satisfação do gesto do bebê. Em vez da figura materna conseguir sentir as necessidades de seu filho, ela substitui o gesto espontâneo pelo seu próprio gesto, tornando seu bebê submisso, dando início, desta maneira, ao estágio inicial do falso self. Neste caso, Silva (2014) reforça a ideia de que a comunicação entre mãe e bebê será “falha, negativa, patológica” diante do caos e das fraturas experimentadas na continuidade do ser por este último (Silva, 2014, p. 161).

Não é possível pensar nas falhas básicas de adaptação como uma forma de comunicação. Não precisamos ensinar a um bebê que as coisas podem correr muito mal. Se correm mal e não são logo corrigidas, o bebê será afetado para sempre, seu desenvolvimento será deturpado, e a comunicação entrará em colapso (Winnicott, 2018a, p. 88)

Então, o processo que leva a capacidade de usar símbolos se torna fragmentado ou não se inicia. Incapaz de se comunicar silenciosamente com o outro, o bebê permanece isolado ou "morre fisicamente" porque a catexia com os objetos externos não é iniciada (Winnicott, 1988e, p. 134). Como diz Winnicott (1988e), na prática o bebê sobrevive, mas sobrevive falsamente. Passando o tempo, a criança é seduzida à submissão, aceitando as exigências do meio.

Através deste falso self o lactente constrói um conjunto de relacionamentos falsos, e por meio de introjeções pode chegar até uma aparência de ser real, de modo que a criança pode crescer se tornando exatamente como a mãe, ama-seca, tia, irmão, ou quem quer que no momento domine o cenário (Winnicott, 1988e, p. 134).

Podemos pensar que o ambiente constantemente invasivo impossibilita a criança experimentar movimentos espontâneos, apropriando-se de suas próprias sensações. Nestas condições, a criança torna-se incapaz de vivenciar um estado de relaxamento, sendo, provavelmente, incapaz de estar só na presença do outro. Incapaz de experimentar a ilusão de onipotência de ser a criadora do mundo, ela também não conseguiria ser criativa e espontânea.

4.3

O destino incerto do espaço potencial: a incapacidade do indivíduo de viver em uma área intermediária e de estar só

Observamos a importância da sustentação do espaço potencial ao longo da conquista de uma solidão madura, entendendo que quando o indivíduo é capaz de estar só, ele se encontra, de acordo com Winnicott, nesse espaço de repouso e de criatividade que não pertence somente à realidade interna ou à realidade externa, mas a ambas. Também com o psicanalista inglês vimos que o uso do espaço potencial é determinado pelas experiências que se dão no início da vida, sendo extremamente necessário a emergência de uma relação de confiança com a figura materna.

Examinando o destino do espaço potencial ao se deparar com pacientes regressivos e extremamente dependentes, Winnicott (1975b) entende que esse espaço pode não se tornar evidente como uma área vital na vida psíquica do sujeito em desenvolvimento. Caso a mãe não consiga adaptar-se à criança, pode não existir uma área em que esta possa brincar ou ter experiências culturais, uma vez que o ambiente que priva a criança de cuidados suficientemente bons, faz com que o espaço potencial não se preencha com produtos da própria imaginação criativa do bebê. Pelo contrário, estabelece-se uma ausência ou incerteza do uso criativo dos objetos. Neste caso, Winnicott diz que o espaço potencial pode ser preenchido com o que nele é injetado a partir de outra pessoa diferente do bebê. Podemos imaginar, assim, que a insegurança gerada por um ambiente desfavorável, faz com que o bebê não consiga estar só na presença materna, promovendo a construção de um alto grau de falso self, que, por sua vez, fragmenta a capacidade do uso de símbolos, comprometendo, desta maneira, o destino vital do espaço de potência que emana criatividade e torna a vida mais que suportável, capaz de valer a pena.

Winnicott (1975b) explica que a criança privada de um ambiente suficientemente bom é inquieta e incapaz de brincar, demonstrando um empobrecimento da capacidade de experiência no campo cultural. Entende-se que para a criança, o fracasso da fidedignidade ou a perda do objeto se traduz na perda da área do brincar e na perda de um símbolo significativo.

Em circunstâncias favoráveis o espaço potencial se preenche com os produtos da própria imaginação criativa do bebê. Nas desfavoráveis, há ausência do uso criativo de objetos, ou esse uso é relativamente incerto. Já descrevi o modo como a defesa do eu (*self*) falso e submisso aparece, quando se oculta o verdadeiro eu (*self*) com potencial para o uso criativo de objetos (Winnicott, 1975b, p. 141)

Quando há fracasso prematuro da fidedignidade ambiental, o espaço potencial pode ser preenchido com o que nele é colocado a partir de outro que não o bebê. Assim, o que provém do outro constitui, nesse espaço, material persecutório, ainda não dispondo, o bebê, de meios para recusá-lo. Dias (2008) vincula a origem um pouco mais tardia da ansiedade paranóica ao período de desadaptação materna, comentando que há casos em que a confiabilidade ambiental - que já havia sido estabelecida no momento de dependência absoluta - falha no exato período em que se inicia a separação da unidade mãe-bebê, momento este que está surgindo o espaço potencial a ser preenchido com fenômenos e objetos transicionais. Assim, ao trazer o pensamento de Winnicott, mostra que pode haver um perigo alternativo, fazendo com que o espaço potencial seja preenchido com os conteúdos de outra pessoa diferente do bebê, constituindo material persecutório. Segundo a autora, provavelmente é esse mesmo tipo de falha ambiental, conjuntamente a exploração precoce das funções mentais, que dá origem a uma categoria incômoda de paranóia, na qual é possível que esteja inclusa em indivíduos que ocupam posições de responsabilidade, de autoridade e cujo impulso criativo foi inibido. São pessoas, como refere-se Dias, que vivem dominadas por um sistema de pensamento que não pode ser colocado em dúvida, tendo suas vidas estruturadas rigidamente em volta desse sistema. Desta maneira, pensando em termos clínicos, Winnicott (1975b) alerta que os analistas deveriam ter cuidado para não inflar ou injetar no espaço potencial interpretações provenientes de suas próprias imaginações criativas, após terem criado um sentimento de confiança e uma terceira área em que o brincar possa se efetuar.

O indivíduo saudável winnicottiano, ainda que tenha um aspecto de ser submisso ao *self*, é um ser espontâneo, criativo, capaz de estar só e de se sentir existente, podendo usar símbolos. “Dito de outro modo, normalidade aqui está intimamente ligada à capacidade do indivíduo de viver em uma área que é intermediária entre o sonho e a realidade, aquela que é chamada de vida cultural” (Winnicott, 1988e, p. 137). Em contraposição, observa-se uma pobreza de vida cultural e baixa capacidade para o uso de símbolos onde há um alto grau de *splitting*

entre o self verdadeiro e o falso self - que oculta e protege o self verdadeiro -. Nessa direção, Winnicott entende que ao invés de objetivos culturais, verifica-se nessas pessoas uma extrema inquietação, “uma incapacidade de se concentrar e uma necessidade de colecionar ilusões da realidade externa, de modo que a vida toda do indivíduo pode ficar cheia de reações a essas ilusões” (Winnicott, 1988e, p. 137).

Vimos com o psicanalista inglês que o uso de um objeto transicional, isto é, o uso da primeira possessão não, indica tanto o primeiro uso de um símbolo pela criança quanto à primeira experiência do brincar. Além disso, o uso desse objeto simboliza a união de “duas coisas agora separadas, bebê e mãe, no ponto, no tempo e no espaço, do início de seu estado de separação” (Winnicott, 1975b, p. 135). Para o autor, inicialmente, essa ideia apresenta grande complexidade, por ser necessário postular que, se o uso do objeto se transforma em algo, então deve ser o começo da formação, na mente ou na realidade psíquica pessoal do bebê de uma imagem do objeto. E a imago (a representação mental) do mundo interno é mantida viva por meio do reforço fornecido pela disponibilidade da figura materna externa separada e concreta, junto com sua técnica de cuidado infantil.

Ao tentar formular essa concepção, Winnicott dá grande ênfase ao fator temporal. Supondo que o sentimento de que a mãe existe dura X minutos, o autor explica que caso a mãe se distancie por mais de X minutos, então a representação mental se enfraquece, cessando, assim, a capacidade do bebê utilizar o símbolo da união (objeto transicional). Neste caso, o bebê fica aflito, contudo, essa aflição pode ser reparada, já que a mãe pode retornar após um curto período – que Winnicott chama de X + Y minutos -. Tem-se, então, que em X + Y, o bebê não se altera ou fica traumatizado. Contudo, se a mãe retorna em um período muito superior ao qual o bebê pode suportar, isto é, em X + Y + Z minutos, o bebê fica traumatizado. Assim, este tempo maior não corrige, como Winnicott diz, o estado alterado do bebê.

Winnicott (1975i) entende que uma mãe que repetidamente ausenta-se por um período de tempo maior do que o bebê pode suportar, faz com que a representação interna dela comece a se esmaecer, tornando os fenômenos transicionais sem sentido para o bebê, já que ele não consegue experimentá-los. Entende-se também que a criança apenas pode usar um objeto transicional quando há a internalização de um objeto interno bom, real, vivo e suficientemente bom, sendo que este último depende da existência, do comportamento e da vitalidade do

objeto externo. Nesse sentido, pode-se dizer que o objeto transicional tem como princípio de sustentação a vitalidade do objeto externo, fazendo com que uma figura materna não disponível psiquicamente provoque efeitos deletérios no desenvolvimento do bebê (Gurfinkel, 2007). Neste caso, Winnicott nota a possibilidade do uso exagerado de um objeto transicional “como parte da negação de que haja ameaça de ele se tornar sem sentido”. Como exemplo clínico, Winnicott cita o atendimento de um menino de sete anos de idade que se preocupava com tudo que se associava a um cordão. Os pais da criança, uma mulher com depressão que já havia ficado hospitalizada algumas vezes e um homem, informam que o menino amarrava cadeiras e mesas, prendia almofadas pela casa e inclusive já havia amarrado um cordão em volta do pescoço da irmã mais nova, “cujo nascimento causara a primeira separação entre o menino e a mãe”. Winnicott entende que o menino estava com um temor de separação, negando-a através do uso de cordões. De fato, em uma outra ocasião em que a mãe aborda o assunto com o seu filho, este confirma seu medo de perda de contato com a mãe, cessando em seguida sua brincadeira de união com cordões. Contudo, algum tempo depois, a mãe volta a ser hospitalizada devido à sua depressão e a brincadeira com cordões retorna, notando-se a relação desta com a “ansiedade mórbida da mãe”. Winnicott, ao entender o cordão como uma extensão de outras técnicas de comunicação, diz que o exagero de seu uso se associa a um sentimento de insegurança ou a uma falta de comunicação. O psicanalista compreende que caso a função do cordão modifique-se para a negação da separação, uma não intervenção - a impossibilidade de alguém ajudar o menino e os pais - pode complicar o desenvolvimento da criança, possivelmente surgindo uma perversão (Winnicott, 1975i, p. 31-35). Winnicott, ao voltar a atender esse menino mais velho, dez anos depois, observa que ele havia se tornado um adolescente insatisfeito, adicto especialmente em drogas, sem poder deixar a sua casa e sem conseguir ficar longe de sua mãe. Não poderíamos conjecturar a sua incapacidade de estar só devido a uma complicação em sua terceira área de experiência?

Gurfinkel (2007), ao comentar o caso do menino do cordão, comenta que a perversão da utilização do cordão se dá quando a sua função de meio de comunicação se transforma em negação da separação. Assim, citando o pensamento winnicottiano, diz que como negação, o cordão se modifica para uma coisa em si, ou seja, um elemento que possui necessidades que precisam ser dominadas e

propriedades perigosas. O autor, então, observa por qual caminho o objeto passa a ter propriedades mágicas como uma estratégia defensiva diante de uma ameaça de aniquilamento. Gurfinkel também acredita na possibilidade de pensarmos, a partir do que Winnicott expõe, não apenas no fetichismo ou na toxicomania, mas em uma “doença” fundamental do relacionamento do sujeito com a realidade, isto é, uma patologia na área dos fenômenos transicionais

que conduz ao uso fetichizado dos objetos e à inversão potencial entre sujeito e objeto, tornando-se o primeiro um sujeito-quase, semi-morto ou semi-vivo, escravo de um objeto metamorfoseado em coisa, portadora esta de atributos que seriam próprios do homem (Gurfinkel, 2007, p. 21).

É a experiência positiva na área dos fenômenos transicionais, ou seja, no espaço potencial, que dá o colorido, “o caráter de realidade e o sentido para a relação do sujeito com o mundo” (Gurfinkel, 2007, p. 20). É a relação com o objeto externo que proporciona a base de sustentação para o espaço potencial. Contudo, ele diz que quando a relação com os objetos e o mundo sofrem a ameaça de esmaecer para o sujeito, ocorre um hiperinvestimento com o intuito de se preservar o self do indivíduo.

Trata-se de uma integridade reativamente mantida por uma espécie de respiração artificial por sobre o objeto, já que no estágio de dependência não há sobrevivência do sujeito sem a realidade do objeto. Esta estratégia de sobrevivência cristaliza o indivíduo no instante da iminência do colapso, e com uma eficácia defensiva de uma verdadeira couraça, que merece admiração. O passo seguinte que é assim evitado – daí o mecanismo de negação – é a queda no vazio do desinvestimento, tanto do objeto como do self (Gurfinkel, 2007, p. 20)

Observamos mais uma vez que a sobrevivência do indivíduo no desenvolvimento emocional primitivo depende da realidade de um outro disponível. É o estar só na presença viva e real de uma figura materna não intrusiva que sustenta o uso dos objetos e fenômenos transicionais de forma saudável, permitindo que a criança ingresse no mundo dos símbolos, da cultura e de um viver criativo distante de um vazio infértil. A presença de um adulto não disponível psiquicamente – como no caso de uma figura materna deprimida - nos momentos iniciais de dependência pode conduzir a criança a experimentar uma patologia no espaço potencial. Nesse sentido, a criança pode se tornar um sujeito semi-morto que se submete ao ambiente, fazendo uso fetichizado dos objetos e sendo incapaz de estar só.

4.4

Sofrimento, não existência e solidão: investigando uma forma de dissociação

Na clínica podemos nos deparar com pessoas que transmitem um vazio existencial, uma falta de sentido na vida. Pessoas que se sentem mecânicas, robotizadas, irreais e que cometem atos e fazeres destituídos de significância. Sujeitos que apenas existem sem experimentar realmente o viver. Sujeitos divididos, indefinidos, incongruentes em seus atos e em suas emoções. Seres sem ser. Sem sentir-se sendo. Seres que se relacionam sem, de fato, se relacionar, se implicar e solidificar relações. Pessoas solitárias, incapazes de ser e de estar sozinhas. Casos, portanto, que transbordam o não-ser, a não existência, a solidão desacompanhada, a impossibilidade de um viver criativo.

Como exemplo, podemos percorrer o texto “Sonhar, fantasiar e viver” de Winnicott (1975j), encontrando a discussão do caso de uma paciente que conseguiu construir uma vida em que nada do que ocorria era realmente significativa para ela. O autor explica que, aos poucos, ela foi se tornando uma pessoa que não acreditava em seu próprio direito de existir como um ser humano total.

A paciente, uma mulher de meia idade, descobre como o fantasiar havia lhe perturbado ao longo de toda a sua vida, permanecendo estático desde sua infância. Isto é, havia um padrão que estava se definindo por volta de seus dois ou três anos de idade. “Achava-se em evidência em data ainda mais primitiva e provavelmente começara com uma ‘cura’ do sugar o polegar” (Winnicott, 1975j, p. 45). Winnicott descreve uma dissociação primária e mostra como existia para a paciente uma diferença entre o fantasiar – onde passava a maior parte de seu tempo - e o viver real. Se viver no mundo real ajustava-se ao mundo onírico, contrariamente, o seu fantasiar não contribuía nem para o sonhar e nem para o viver, absorvendo energia e se enquadrando como um fenômeno isolado. Em termos do fator temporal, o que acontecia no fantasiar, ocorria imediatamente, com a exceção de que de fato não acontecia. Winnicott exemplifica como que a paciente poderia estar em seu quarto fantasiando à medida que não fazia de fato absolutamente nada. Contudo, em sua fantasia ela já poderia ter pintado um quadro, realizado um trabalho interessante em seu emprego ou ter passeado pelo campo, sem nada disso ter acontecido na

realidade. “De fato, nada tem probabilidade de acontecer pelo fato de tanta coisa estar acontecendo, no estado dissociado” (Winnicott, 1975j, p. 46). Por outro lado, ela também poderia estar em seu quarto fazendo planos e pensando sobre as atividades dos dias subsequentes, constituindo, assim, uma investigação imaginativa do mundo. Neste contexto, o psicanalista mostra como a paciente oscilava do estado de bem-estar para a doença. Em sua infância, ela participava das brincadeiras das outras crianças permanecendo empenhada constantemente no fantasiar:

Vivia realmente nesse fantasiar, na base de uma atividade mental dissociada. Essa parte dela que se tornou completamente dissociada, nunca constituiu sua totalidade e, por longos períodos, sua defesa foi viver aqui, nessa atividade fantasiante, e se observar brincando as brincadeiras das outras crianças, como se observasse qualquer outra pessoa do grupo infantil (Winnicott, 1975j, p. 48).

Havia sempre uma outra vida acontecendo no que se refere à parte que foi dissociada. Sua vida estava dissociada da sua parte dominante, vivendo em um fantasiar organizado. Assim, por mais que deixasse nos outros uma boa impressão de que realizaria algo importante algum dia, a efetivação dessa promessa seria improvável uma vez que a parte mais importante de sua existência se realizava quando ela não estava fazendo coisa alguma. O autor cogita que esse não fazer absolutamente nada disfarçava-se em determinadas atividades, como sugar o polegar. Depois, isso assumiu versões posteriores na forma de um fumar compulsivo e de variados jogos obsessivos. Uma vez que essas atividades não lhe traziam alegria, elas apenas preenchiam uma lacuna de sua vida, isto é, “um estado essencial de não fazer nada enquanto fazia tudo” (Winnicott, 1975j, p. 49).

Segundo Andrade & Herzog (2017) é possível destacarmos uma oposição entre o fantasiar estático e o fantasiar criativo que é considerado como atividade criativa. Seguindo o pensamento de Winnicott, as autoras explicam que a capacidade de fantasiar criativamente teria como implicação a possibilidade fértil da imaginação, ou seja, uma maneira de exploração imaginária do mundo que pode enriquecer a vida psíquica. Para elas, na fantasia criativa, o material se comunicaria tanto com a vida quanto com os objetos investidos pelo sujeito, fazendo com que o material fantasiado tenha valor simbólico. Isto é, o material fantasiado teria camadas de significado relacionado ao passado, ao presente e ao futuro, referindo-se a experiências da infância do indivíduo e as suas projeções futuras. Já o fantasiar estático da paciente de Winnicott não parece se abrir, segundo as autoras, para o

passado, presente ou futuro, permanecendo incomunicável ao restringir-se à parte dissociada do eu. Haveria, no caso, uma superprodução de fantasias que é apreendida como o oposto do fantasiar criativo, já que essa atividade compulsiva parece responder a uma obrigatoriedade do imaginar, sem uma liberdade prazerosa de brincar (Andrade & Herzog, 2017).

Podemos pensar que, na saúde, quando uma criança brinca, ela pode representar vários papéis, isto é, ela pode ser ela mesma quando brinca de casinha, como também pode fantasiar ser um dos seus familiares ou personagem qualquer. Como exemplo, podemos mergulhar nos versos do poema “O menino que carregava água na peneira” de Manoel de Barros (2000):

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.
A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento e
sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.
A mãe disse que era o mesmo
que catar espinhos na água.
O mesmo que criar peixes no bolso.
O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces
de uma casa sobre orvalhos.
A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio, do que do cheio.
Falava que vazios são maiores e até infinitos.
Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito,
porque gostava de carregar água na peneira.
Com o tempo descobriu que
escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira.
No escrever o menino viu
que era capaz de ser noviça,
monge ou mendigo ao mesmo tempo.
O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor.
A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos! (Barros, 2000)

Neste poema podemos encontrar uma liberdade prazerosa do brincar, sendo possível identificar uma fantasia criativa que parece conservar a experiência de onipotência infantil ao mesmo tempo que se mescla com a exploração do mundo. A palavra “vazio”, por exemplo, afasta-se de sua qualidade negativa e infértil, parecendo denotar o espaço potencial que permite ao menino transitar entre os mais diversos personagens, sendo capaz de ser outros (noviça, monge ou mendigo) ao mesmo tempo sendo ele mesmo. O menino, então, brinca a partir da escrita, já que possivelmente consegue se encontrar em um estado relaxado sendo capaz de estar só.

Por outro lado, o estado essencial de não fazer nada da paciente de Winnicott afasta-se da capacidade de um indivíduo de estar só e de permanecer em repouso - como bem colocado por Khan, ao dizer que o estado de repouso funciona como um nutriente para o ego, sendo um gerador de substrato energético para os nossos esforços criativos -. Diferentemente de um estado tranquilo que permite alguém elaborar suas experiências, integrando passado, presente e futuro, a vivência da paciente de Winnicott ao não fazer nada enquanto fazia tudo vai na contramão de uma integração ou de uma personalização, já que se apresenta como uma atividade dissociada. Em uma nota de rodapé, Winnicott esclarece que a onipotência vinculada ao seu fazer tudo enquanto não fazia nada, ou seja, à continuidade de seu fantasiar “em que a onipotência era retida e coisas maravilhosas podiam ser alcançadas num estado de dissociação”, é bastante diferente da experiência de onipotência vinculada à dependência, uma vez que no caso comentado sobre a paciente, a onipotência associa-se à desesperança em relação à dependência (Winnicott, 1975j, p. 49). Mas como poderíamos entender isso melhor?

Winnicott diz que há uma etiologia bastante complexa em qualquer caso parecido com este de seu relato, sendo possível dizer algo sucinto a respeito da infância primitiva da paciente, em uma linguagem que possui certa validade:

É verdade que um padrão se estabeleceu em seu relacionamento primitivo com a mãe, relacionamento que se transformou cedo demais e de maneira abrupta, de algo muito satisfatório em desilusão e desespero e no abandono da esperança na relação de objeto. Poderia também haver uma linguagem para descrever esse mesmo padrão no relacionamento da meninazinha com o pai. O pai, até certo ponto, corrigiu aquilo em que a mãe havia falhado, mas viu-se envolvido, afinal, no padrão que se estava tornando parte da criança, de modo que também ele, essencialmente, fracassou, em especial por pensar nela como mulher em potencial e ignorar o fato de que era potencialmente masculina (Winnicott, 1975j, p. 47-48)

A partir desse trecho, podemos imaginar uma complicação na afinidade egóica, fazendo com que a figura materna não conseguisse se identificar com o seu bebê de forma suficientemente boa, comprometendo, assim, a continuidade de sua filha de experimentar a ilusão de onipotência, base para um viver criativo. Vimos como a impossibilidade de uma adaptação suficientemente boa por parte da figura materna nos primórdios do desenvolvimento pode traumatizar o bebê. Entendendo que o sentimento de que a mãe existe dura determinado tempo, o distanciamento materno (imagino que o distanciamento não necessariamente precise ser físico, como também emocional, no caso, por exemplo, de uma mãe morta/indisponível psiquicamente) em um período muito superior ao qual o bebê pode suportar pode deixar o bebê em um estado alterado de desespero. Geralmente, quando o período de ausência materna é mais curto e o bebê fica aflito, essa aflição pode ser reparada, como, aparentemente, ocorreu quando o pai da criança tentou corrigir a falha materna. Contudo, Winnicott aponta como que, essencialmente, esse pai também fracassou ao ignorar a potencialidade masculina de sua filha, pensando nela como uma mulher em potencial. Mas o que o autor quer dizer com isso?

Se investigarmos o texto “A criatividade e suas origens”, encontramos Winnicott (1975a) discutindo conceitos inéditos sobre os elementos masculinos e femininos em homens e em mulheres, em meninos e em meninas. Elementos que, na patologia, podem estar dissociados e expelidos (*split-off*) um dos outros em um grau elevado.

Vimos na primeira parte da dissertação que o elemento masculino se associa ao impulso relacionado a objetos junto a voz passiva disso. O elemento masculino FAZ, transitando em termos de um relacionamento ativo ou passivo, cada um deles apoiado pelo instinto.

É no desenvolvimento dessa ideia que falamos de impulso instintivo na relação do bebê com o seio e com o amamentar, e, subsequentemente, em relação a todas as experiências que envolvem as principais zonas erógenas, e a impulsos e satisfações subsidiárias (Winnicott, 1975a, p. 113)

A relação desse elemento com o objeto pressupõe uma capacidade de diferenciação que se fundamenta tanto sobre uma separação quanto sobre o desenvolvimento egóico, que permite ao bebê experimentar satisfações do id que incluem, por exemplo, a raiva relativa à frustração (diferentemente dos primórdios que não existiria uma frustração, mas uma ameaça de aniquilamento pelo fato do bebê ainda não ter fortificado o seu ego e ter se tornado capaz de reconhecer o não-

eu). Por isso que também relacionamos o elemento masculino a uma parte do EU SOU. Contudo, observamos que para uma pessoa conquistar o EU SOU e adquirir uma vida criativa, além de uma forma unitária, ela deve ter unido o elemento masculino junto ao elemento feminino – elemento primordial para a base da identidade -, podendo experimentar o SER antes da possibilidade de FAZER. Winnicott entende que, provavelmente, a psicanálise tenha concedido maior atenção a esse elemento masculino que faz, negligenciando a identidade que se encontra na base da capacidade de SER.

Em contraste com o elemento masculino, Winnicott analisa o elemento feminino puro, relacionando-o com o seio ou com a figura materna no sentido do lactente se tornar o seio ou a figura materna. Neste caso em que o objeto é o sujeito, não havendo separação, não haveria espaço para o impulso instintivo. No relacionamento do elemento feminino puro com o seio, Winnicott encontra uma aplicação prática de sua ideia sobre o objeto subjetivo - aquele objeto que ainda não foi repudiado como um fenômeno não-eu – pensando que seria essa experiência que abriria caminho para “o sujeito objetivo, isto é, a ideia de um eu (self) e a sensação de real que se origina do sentimento de possuir uma identidade” (Winnicott, 1975a, p. 114). Para o autor, é o estudo do elemento feminino puro, destilado e não contaminado que nos transporta ao SER, constituindo o fundamento essencial e único para a autodescoberta e para o sentimento de existir (imprescindível para a capacidade de estar só).

À proporção que o bebê cresce e amadurece, o sentimento de si mesmo apenas pode surgir caso haja como base o relacionamento no sentido de SER, relacionamento este que o bebê e o objeto são um. Portanto, a mãe, nesse contexto, deve adaptar-se ao bebê, concedendo uma provisão suficientemente boa de elemento feminino, ou seja, fornecendo a oportunidade do bebê achar que o seio – símbolo de SER e não do FAZER - é ele. Para isso, a mãe precisa possuir um seio que é, de forma que o bebê também possa ser quando os dois ainda não estão separados do ponto de vista do bebê. Quando o elemento feminino no bebê ou no paciente masculino ou feminino encontra o seio, Winnicott diz que é o eu (self) que foi encontrado. Por outro lado, quando a mãe é incapaz de possuir um seio que é, o bebê é obrigado a se desenvolver sem a capacidade de SER, ou, como diz Winnicott, com uma capacidade mutilada de SER.

Clinicamente, necessita-se lidar com o caso do bebê que tem de se haver com uma identidade com um seio que é ativo, que é um seio de elemento masculino, mas que não é satisfatório para a identidade inicial, a qual necessita de um seio que é, não de um seio que faz. Ao invés de ‘ser como’, esse bebê tem de ‘fazer como’, ou ser-lhe feito, o que, do nosso ponto de vista aqui, constitui a mesma coisa (Winnicott, 1975a, p. 116-117)

A partir dessas considerações, podemos cogitar que tanto a mãe quanto o pai da paciente de Winnicott (que vivia no fantasiar) não conseguiram conceder uma provisão suficientemente boa de elemento feminino para a filha em um momento de dependência absoluta, contribuindo, assim, para a sua dissociação. Desta forma, ela - enquanto bebê - não pôde ter a oportunidade de achar que o seio era ela própria, sendo, provavelmente, obrigada a se desenvolver sem a capacidade de ser. Havia motivos, portanto, para a sua onipotência vincular-se à desesperança em relação à dependência de suas figuras parentais. Ao invés de ser, imaginamos que ela teve que lidar com uma identidade com um seio de elemento masculino, ativo em um momento muito precoce. Talvez seja por isso que Winnicott comente que o pai ignorou o fato dessa paciente ser potencialmente masculina, no sentido da predominância da experiência de um seio de elemento masculino, que direciona a pessoa a ter que fazer ao invés de ser, comprometendo, futuramente, a capacidade de estar só e viver criativamente junto a uma imaginação fértil e ampla que se dá no espaço potencial.

Segundo Ogden (2018), Winnicott diz que os símbolos surgem dentro do espaço potencial, ou seja, no interior de um espaço no qual a imaginação pode se desenvolver. Na ausência de espaço potencial, a imaginação fica comprometida, existindo somente a fantasia. Neste caso, o autor explica que um elemento pode ser fixado nele mesmo, não conseguindo envolver camadas de significados simbólicos, como no caso da imaginação. Uma cadeira, apenas pode ser uma cadeira e ponto final. Com o comprometimento da imaginação, não podemos, por exemplo, nos aventurar pela poesia de Manoel de Barros, que amplia a nossa criatividade ao nos dizer para desinventarmos os objetos simples do cotidiano:

Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha. Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma (Barros, 2016 , p. 15).

Em termos de saúde, vimos na segunda parte da dissertação que, nos primórdios do desenvolvimento, os símbolos não são necessários, já que no contexto da unidade mãe-bebê, a figura materna é invisível para o lactente, isto é,

ela ainda não é reconhecida como alteridade e existe basicamente para a satisfação das necessidades do bebê. Somente quando a mãe começa a falhar, provocando algumas intrusões no desenvolvimento, que o bebê poderá reconhecer suas necessidades como desejos. Contudo, Ogden explica que há um limite no qual as intrusões repetidas deixam de ser benéficas para o desenvolvimento, constituindo um trauma cumulativo. Recorrendo ao pensamento de Khan, o autor explica que o trauma cumulativo surge como uma das causas de rompimento prematuro da unidade mãe-bebê. É importante lembrar como que, inicialmente, o bebê não está preparado e equipado para suportar o peso da realidade, devendo o ambiente se adaptar ao máximo às suas necessidades para que, aos poucos, a realidade seja conquistada. É primeiro criando, experimentando a ilusão de onipotência, que um dia a realidade poderá ser alcançada. Quando há o rompimento prematuro da unidade mãe-bebê, podem surgir, de acordo com Ogden, alguns tipos de limitação no estabelecimento de um plano igualitário entre realidade e fantasia: a realidade pode ser subordinada à fantasia, fazendo com que a pessoa não consiga diferenciar realidade externa da fantasia; a realidade pode surgir como defesa contra a fantasia, roubando a fantasia de sua vitalidade e bloqueando a imaginação; a realidade e a fantasia podem se dissociar e também pode haver o impedimento da criação tanto da realidade quanto da fantasia. Neste último exemplo, a conscientização prematura e traumática do bebê de estar separado torna a experiência tão insuportável, que rapidamente medidas defensivas extremas são criadas, de forma a haver um impedimento da atribuição de significados à percepção.

Quando realidade e fantasia se dissociam, como parece ocorrer no caso comentado sobre a paciente de Winnicott, Ogden aponta para uma clivagem do ego relacionada às perversões e ao fetichismo que não envolve apenas a negação, como também o impedimento da geração de significados conscientes e inconscientes. E não é justamente a clivagem psicológica que conduz ao desenvolvimento do falso self, uma organização defensiva de personalidade que isola e protege o verdadeiro self, levando a pessoa a experimentar sentimentos de futilidade, de vazio e de estar morto?

Mello Filho (1989) comenta que o caso relatado em “Sonhar, Fantasiar e Viver” aborda o tema do viver dissociado do esquizóide, condição a qual surge a carência do sentimento de ser e que possui como uma de suas defesas mais utilizadas a dissociação precoce e a construção de um falso self não ruidoso.

“Através desse falso self, representativo de uma existência dissociada da realidade, cheia de devaneios, estes pacientes vivem precariamente” (Mello Filho, 1989, p. 138).

Winnicott (1975j) também aponta como a sua paciente era a filha mais nova no meio de diversos outros irmãos e irmãs mais velhos, descobrindo-se em um mundo que já estava organizado antes que chegasse a conviver com todos. Isto é, seu ambiente de infância não era capaz de permitir que ela fosse amorfa. De forma contrária, seu ambiente lhe modelou e lhe recortou em formas criadas por outras pessoas, não compreendendo a importância de uma criança iniciar a vida pela amorfia, pela não-integração, ou seja, pela possibilidade de SER. Por ser inteligente, ela conseguiu se adaptar de alguma maneira naquele meio, porém, nunca conseguiu tornar-se recompensante como membro do grupo, seja do seu próprio ponto de vista ou seja do ponto de vista das outras crianças, uma vez que apenas podia adaptar-se na base da submissão. Segundo o autor, suas brincadeiras não lhe satisfaziam porque se encontrava em uma situação de luta em uma tentativa de representar qualquer papel que lhe fosse designado. “Os outros sentiam também a carência de algo, no sentido de que ela não contribuía ativamente. É provável, contudo, que as crianças mais velhas não se dessem conta de que sua irmã permanecia essencialmente ausente” (Winnicott, 1975j, p. 48). Podemos dizer que, provavelmente, seu ambiente não foi capaz de sentir as suas necessidades, substituindo seu gesto espontâneo por padrões já modelados. Assim, ela teve que se submeter a esse ambiente, dando início a construção de um grau considerável de falso self que fragmentou e comprometeu a sua capacidade para usar símbolos, se fixando, assim, em um tipo de fantasiar estático. Sua carência, portanto, seria a carência de espontaneidade, de SER. Carecimento do funcionamento espontâneo de seu verdadeiro self.

Um outro ponto intrigante deste caso é que Winnicott comenta que o fantasiar de sua paciente provavelmente se iniciou como uma cura do sugar o polegar. Além disso, o autor aponta que o sugar o polegar surgia como um disfarce de seu fazer absolutamente nada. No texto “Desenvolvimento emocional primitivo” (1945), Winnicott acrescenta um comentário sobre a sucção do dedo ao postular a existência de uma relação objetal primitiva, na qual o objeto age de forma retaliativa. O autor entende que a sucção pode ser observada desde o nascimento do bebê, podendo-se conjecturar que tenha um significado que pode ir do primitivo até

a sofisticação, sendo relevante tanto como uma atividade natural, quanto como um sintoma de comprometimento emocional. Winnicott supõe que o dedo seja sugado como consolo e não apenas por prazer, já que o punho ou o dedo substituem o seio ou a figura materna. O autor cita o exemplo de um bebê de mais ou menos quatro meses que reagiu à morte da mãe através de uma tentativa de colocar o seu punho no fundo da garganta, de maneira que ele teria morrido caso não tivesse sido impedido fisicamente de agir assim.

Enquanto o sugar o dedo é normal e universal, estendendo-se até o uso da chupeta e a várias atividades de adultos normais, é também verdade que o hábito persiste em personalidades esquizóides, sendo extremamente compulsivo em tais casos. Em um dos meus pacientes, este hábito, aos dez anos de idade, tornou-se uma compulsão de estar sempre lendo. (...) Trata-se ou de uma defesa contra a perda do objeto no mundo externo, ou no interior do corpo, isto é, contra a perda do controle sobre o objeto (Winnicott, 1945, p. 284)

Essa afirmação não estaria apontando para uma certa similaridade com o caso do menino do cordão? Naquele caso, vimos a possibilidade do uso exagerado de um objeto transicional como parte da negação de que haja ameaça de ele se tornar sem sentido para a criança. Observamos como a figura materna do menino permaneceu indisponível por um tempo maior do que o seu filho podia suportar, fazendo com que a representação interna dela começasse a se apagar, tornando, assim, os fenômenos transicionais sem sentido para ele. Então, devido a toda insegurança ambiental e falta de comunicação, o menino fez um uso exagerado do cordão de forma a negar a separação. Nesse sentido, é importante recordar que a insegurança gerada por um ambiente desfavorável não permite que o bebê consiga estar só na presença materna, comprometendo, assim, o destino do espaço potencial e da capacidade de fantasiar de forma criativa e fértil. Tomando como base esses entendimentos, podemos refletir que talvez o ato de sugar o polegar de forma compulsiva da paciente de Winnicott, por mais que não represente o uso exagerado de um verdadeiro objeto transicional, seja uma forma de defesa contra a perda do objeto no mundo externo, ou contra a perda do controle sobre o objeto, que, caso fosse perdido, poderia conduzir o sujeito à experimentação de ansiedades terríveis.

5 Conclusão

O objetivo deste trabalho foi investigar os principais fundamentos da capacidade de um indivíduo estar só e apreender o que comprometeria a possibilidade de alguém ser, existir e de se constituir em uma unidade, alcançando o crescimento emocional e a autonomia. Assim, foi considerado, essencialmente, o pensamento do psicanalista inglês Donald Winnicott.

Em um primeiro momento, ao investigarmos o aspecto positivo da solidão, elucidamos a capacidade do indivíduo de estar só como um dos sinais mais importantes do amadurecimento do desenvolvimento emocional, compreendendo, assim, a existência de momentos cruciais para o alcance dessa solidão madura. Mostramos a importância da integração e da não-integração para a capacidade de estar só; a necessidade de alcançar o estágio EU SOU a fim da aquisição de vida; além da necessidade da criança apreciar a existência contínua de alguém consistentemente disponível para essa sofisticada conquista. Vimos que a qualidade do ambiente é crucial para o desenvolvimento da capacidade de estar só. Portanto, entendemos que essa sofisticada conquista está articulada com a possibilidade do indivíduo ser, isto é, de existir e de se constituir em uma unidade, internalizando um ambiente confiável, seguro e suficientemente bom. Segundo a perspectiva de Ogden, vimos que a criança estaria assumindo o controle da função materna de *holding* ambiental de maneira a criar a matriz de sua mente, fazendo com que a capacidade de estar só possa ser pensada como uma faceta do processo de internalização da mãe ambiental que sustenta uma situação emocional do bebê no tempo. Também enfatizamos que o contexto de afinidade egóica é fundamental para entendermos a base de uma solidão mais madura.

Ainda nessa primeira parte da dissertação, investigamos o crescimento emocional do indivíduo em termos da dependência em direção à independência (que nunca é completa, uma vez que somos seres dependentes) a fim de apreender os conceitos abordados dentro de uma concepção teórica específica.

Em um segundo momento, nosso objetivo foi relacionar a área intermediária, transicional, com a capacidade de estar só. Assim, refletimos sobre a importância do espaço potencial na vida de uma pessoa, ampliando a compreensão desse conceito, bem como investigando seus principais requisitos. Entendemos que uma pessoa madura, quando é capaz de estar só, encontra-se em uma terceira área de experiência existente entre o indivíduo e o meio ambiente que é determinada pelas experiências de vida que se dão nos primórdios da existência. Observamos, desta maneira, como a existência do espaço potencial depende da internalização de um sentimento de confiança relacionada à fidedignidade da figura materna ou dos elementos ambientais. Vimos que a separação da alteridade (não-eu) a partir do eu somente ocorre caso o bebê adquira um sentimento de confiança. Paradoxalmente, apreendemos que a separação é evitada pela ocupação do espaço potencial com o brincar criativo, com o uso de símbolos e tudo que se soma a uma vida cultural. Depois, entendemos, a partir do ponto de vista de Ogden, que na capacidade de estar só, o bebê torna-se capaz de gerar o espaço potencial. Segundo o autor, o indivíduo saudável, ao se encontrar sozinho, sempre estará na presença da mãe ambiental gerada por ele mesmo. Desta forma, ao discutirmos o conceito de processo dialético segundo o autor, questionamos o fundamento teórico da dialética utilizada por Ogden ao considerarmos a base do paradoxo winnicottiano e pensamos que se a dialética hegeliana é problemática para apreendermos o espaço potencial winnicottiano, por outro lado, a dialética sem síntese de Merleau Ponty parece ser um caminho possível para apreensão desse espaço transicional. Também apreendemos que a capacidade de estar só implica a conquista da capacidade de se preocupar, sendo necessário que o bebê tenha a capacidade de ver a mãe como um alguém diferente dele. Ou seja, torna-se importante que a ilusão de onipotência vá dando cada vez mais espaço para a criação da realidade compartilhada, fazendo com que a criança seja capaz de reconhecer e de se preocupar com o outro. Nessa direção, vimos que é a destruição do objeto junto à sobrevivência do mesmo que o coloca fora da área do controle onipotente do sujeito, isto é, é a destruição e a permanência do objeto sem retaliar que criam a realidade, dando espaço para o bebê um dia subjetivar-se, colocar o objeto fora do eu, preocupar-se com o outro, brincar e ser capaz de estar só. Por fim, refletimos, ainda nessa segunda parte, sobre a relevância de respeitarmos certos momentos de silêncio tanto na conduta clínica quanto na vida, uma vez que existe algo tão íntimo no ser humano que ninguém

deveria penetrar. Desta forma, vimos que a não-comunicação do paciente pode ser expressa como uma contribuição positiva na clínica. Entendemos que na saúde há um eu central que não se comunica, portanto, silencioso, estando sempre imune ao princípio de realidade. Ou seja, de acordo com o pensamento winnicottiano, haveria um isolamento permanente no indivíduo, um núcleo que não se comunica com o mundo não-eu, correspondendo ao verdadeiro *self* da personalidade cindida. Constatamos, assim, mais um paradoxo de Winnicott: ao mesmo tempo que é importante para o indivíduo adquirir autonomia, indo ao encontro da alteridade, da preocupação com o outro e da vida cultural, também se torna relevante a sua reclusão silenciosa e tranquila, associada à espontaneidade e autenticidade. Também vimos que a aquisição da capacidade de estar sozinho permite que, momentaneamente, possamos repousar em um espaço de amorfia, sentindo-nos reais, sem, para sempre, ficarmos alheios ao mundo. Também compreendemos a importância dos estados silenciosos, ao percorrermos o texto “*On lying fallow*” de Massud Khan (1983b), autor que entende que a capacidade de permanecer em repouso é uma função do processo de personalização do indivíduo. Para ele, o estado de repouso é um nutriente do ego e um estado preparatório, gerador do substrato energético para a maioria dos nossos esforços criativos. Supomos que talvez seja nos estados tranquilos e silenciosos que podemos elaborar nossas experiências, integrando passado, presente e futuro.

Finalmente, em um terceiro e último momento desta dissertação, nosso objetivo foi refletir sobre o aspecto desértico da solidão, buscando apreender possíveis dificuldades no desenvolvimento emocional primitivo que inviabilizariam a vivência do estar só. Assim, primeiramente, percorremos alguns fragmentos clínicos contemporâneos presentes na literatura psicanalítica buscando ilustrar o comprometimento da capacidade de estar só, bem como ampliar a apreensão da vivência da solidão, e ainda compreender as ansiedades primitivas e os processos defensivos envolvidos nesses casos, relacionando-os à teoria winnicottiana sobre o desenvolvimento emocional primitivo. Partimos do artigo *The capacity to be alone: reflections on Winnicott's 1958 article* de Bonaminio (2020), confirmando que a condição de estar e de se sentir sozinho de forma saudável envolve o paradoxo da necessidade de estar só na presença de alguém. Ou seja, o contexto de afinidade egóica torna-se a base fundamental para a conquista de uma solidão mais madura, solidão esta que no contexto clínico pode se expressar

a partir de um silêncio tranquilo que deve ser respeitado e não invadido. Conseguimos imaginar o sofrimento de um paciente que pairava no vazio, experimentando fortes ansiedades e ataques de pânico invasivos, apreendendo uma vivência de solidão que vai na contramão da capacidade de estar só. Vimos como a possibilidade da continuidade ao encontro de um analista presente e vivo pode ser crucial para a transformação de uma solidão apavorante e vazia em uma solidão cada vez mais suportável e madura. Pensamos que um paciente que ainda não se tornou maduro precisa que seus impulsos sejam contidos na vivência do ego com um analista suficientemente bom. Assim, quem sabe, o analista possa ser um dia internalizado como ambiente auxiliar do ego do paciente, uma vez que, bem como ocorre no desenvolvimento emocional primitivo, o fato do analista estar perto do paciente sem fazer exigências, sem retaliar, e sobrevivendo às suas destruições, tudo isso contribui para o estabelecimento de um meio interno favorável e para a geração do espaço potencial.

Nessa terceira parte, entendemos que o sentimento de solidão aponta para uma falha na experiência primordial de estar só na presença da mãe ou de um outro fundamental. Vimos com Ogden que o rompimento da provisão materna é um evento vivenciado pelo bebê como uma aniquilação iminente de si, um estado caótico, fazendo com que o processo de apropriação pelo bebê da matriz psicológica torna-se incompleto ou inadequado, conduzindo à intrusão desastrosa da consciência de dependência da alteridade. Refletimos que em casos clínicos que apresentem – por parte do paciente - uma experiência paradoxal de ameaça de invasão (quando o outro se aproxima demais) ou de perda da alteridade (quando o outro se afasta), o analista, talvez, necessite proporcionar um tato sensível, parecendo quase impotente, inofensivo, porém, concomitantemente, precisando ser uma presença discreta e humilde, ao aguardar um reconhecimento que, no início do tratamento, é impensável. Pensamos que seria interessante nos aprofundarmos, futuramente, em um estudo e revisão sobre a técnica psicanalítica no intuito de ampliarmos o conhecimento sobre o tratamento de casos os quais o paciente não é capaz de desfrutar de uma solidão madura.

Ao vislumbrarmos uma passagem clínica de Bolognini sobre um paciente bastante amedrontado, entendemos que o analista pode não conseguir fornecer o suporte necessário para o paciente estar só na sua presença, conduzindo a situações perigosas. Assim, vimos como situações imprevisíveis podem ser caóticas para

peessoas que não demonstram uma solidão madura, levando-as a agir por impulso em um estado sem continência.

Observamos que em casos que uma falha relacionada ao *holding* se dá em uma menor proporção, o bebê pode desenvolver um *self* defensivo e cuidador que é estabelecido com o intuito de proteger seu verdadeiro *self*. Quando há falta de apoio egóico, o bebê é impedido de descansar e de se recuperar em um ambiente que possa novamente se adaptar ao máximo as suas necessidades, fazendo com que sua linha de continuidade de ser enfrente dificuldades para ser restaurada. Vimos que o ambiente que não consegue ser suficientemente bom, não é capaz de completar a ilusão de onipotência da criança, falhando repetidamente, por assim dizer, na satisfação do gesto do bebê. Em vez da figura materna conseguir sentir as necessidades de seu filho, ela substitui o gesto espontâneo pelo seu próprio gesto, tornando seu bebê submisso, dando início, desta maneira, ao estágio inicial do falso *self*. Observamos que o importante é entender o grau de falso *self* que impede o gesto espontâneo. Quando há o desenvolvimento de um alto grau de falso *self*, o processo que leva a capacidade de usar símbolos se torna fragmentado ou não se inicia. Nestas condições, a criança torna-se incapaz de vivenciar um estado de relaxamento, sendo, provavelmente, incapaz de ser criativa e de estar só na presença do outro.

Também observamos que é o estar só na presença viva e real de uma figura materna não intrusiva que sustenta o uso dos objetos e fenômenos transicionais de forma saudável, permitindo que a criança ingresse no mundo dos símbolos, da cultura e de um viver criativo distante de um vazio infértil. Pois, uma figura materna que repetidamente ausenta-se por um período de tempo maior do que o bebê pode suportar, faz com que a representação interna dela comece a se esmaecer, tornando os fenômenos transicionais sem sentido para o bebê, já que ele não consegue experimentá-los. Desta forma, vimos que a presença de um adulto não disponível psiquicamente nos momentos iniciais de dependência pode conduzir a criança a experienciar uma patologia no espaço potencial. Nesse sentido, a criança pode se tornar um sujeito semi-morto que se submete ao ambiente, fazendo uso fetichizado dos objetos e sendo incapaz de estar só, como no caso do menino do cordão de Winnicott.

Por último, ao refletirmos sobre as vivências de não existência e de solidão, investigamos o caso de uma paciente de Winnicott que construiu uma vida em que

tudo para ela era insignificante, apresentando uma dissociação que lhe fazia passar a maior parte da sua existência em um fantasiar compulsivo e não relaxado. Cogitamos que tanto a mãe quanto o pai da paciente de Winnicott não conseguiram conceder uma provisão suficientemente boa de elemento feminino para a filha em um momento de dependência absoluta, contribuindo, assim, para a sua dissociação. Desta forma, ela - enquanto bebê - não pôde ter a oportunidade de achar que o seio era ela própria, sendo, provavelmente, obrigada a se desenvolver sem a capacidade de ser. Havia motivos, portanto, para a sua onipotência vincular-se à desesperança em relação à dependência de suas figuras parentais. Ao invés de ser, imaginamos que ela teve que lidar com uma identidade com um seio de elemento masculino, ativo em um momento muito precoce que pode ter comprometido a capacidade de estar só e viver criativamente junto a uma imaginação fértil e ampla que se dá no espaço potencial. Imaginamos que o seu ambiente, não sendo capaz de sentir as suas necessidades, substituiu o seu gesto espontâneo por padrões já modelados. Assim, ela teve que se submeter a esse ambiente, dando início a construção de um grau considerável de falso *self* que fragmentou e comprometeu a sua capacidade para usar símbolos, se fixando, assim, em um tipo de fantasiar estático. Sua carência, portanto, seria a carência de espontaneidade, de SER.

Esta pesquisa contemplou o vértice do desenvolvimento emocional, focalizando na trajetória da dupla mãe-bebê para pensarmos sobre a aquisição (ou não) de determinadas conquistas do bebê. Diante do encerramento desta pesquisa, questiono-me sobre a influência da cultura tanto no desenvolvimento emocional quanto na qualidade dos papéis parentais, especialmente, nas futuras (ou atuais) figuras maternas. Vimos o quanto é importante o ambiente ser suficientemente bom e poder não retaliar (principalmente nos primórdios da vida de um bebê), sendo paciente, presente, vivo e monótono. Observamos o quanto o bebê precisa de alguém que sustente uma situação emocional no tempo para se desenvolver e internalizar a sua mãe ambiente. Será que uma cultura que aparentemente valoriza a rapidez, a tecnologia (que utilizada sem controle, parece dispersar a atenção), a produção em larga escala, não teria influência direta sobre as futuras mães (mesmo sobre aquelas que já teriam conquistado a capacidade de estar só)?

Também fico pensando sobre o lugar e o papel do silêncio, da não comunicação, na cultura contemporânea ocidental, cultura da informação, das notícias rápidas, das *fake News*, do bombardeamento de sons, ruídos, falas - que

podem ser destituídas de conhecimento, de verdade e de espontaneidade -. Parece que lidamos com um mundo cada mais veloz e mais difícil de digerir e elaborar, diante de tanta informação catastrófica e, por vezes, inverídica. Ao mesmo tempo que parece haver uma grande troca de comunicações em escala global, podemos encontrar pessoas que, mesmo estando conectadas a redes sociais, se sentem isoladas e mecanizadas em um mundo de fantoches, de faz de conta. Um mundo “como se”, um lugar como mostrado no filme O Show de Truman. O que de mais autêntico estaria escapando a essas pessoas? Será que apenas poderíamos pensar em uma incapacidade de estar só vinculada a falhas e traumas precoces no desenvolvimento emocional primitivo? Após conquistar a capacidade de estar só e viver criativamente, será que é possível alguém perder, ser privado dessa capacidade, junto ao viver criativo por influência cultural? O que tem sido observado ao longo dos atendimentos na Pandemia em relação a incapacidade de estar só? Até que ponto a teoria do amadurecimento emocional primitivo de Winnicott, junto à compreensão sobre a capacidade de estar só, poderiam auxiliar na reflexão sobre o silêncio (ou a falta dele) na cultura contemporânea? Ou, em um sentido inverso, como a cultura pode nos ajudar a repensar e a reelaborar a teoria psicanalítica? Deixo essas dúvidas em aberto para uma futura pesquisa que contemple outras áreas do saber junto à teoria psicanalítica.

6

Referências bibliográficas

ABRAM, J. **A linguagem de Winnicott**: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Revinter, 2000.

ALVES SOBRINHO, A. **Sozinho**. Paradoxx Music, 1997.

ALVES, R. **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

ANDRADE, A. B.; Herzog, R. A fixidez da fantasia na clínica contemporânea. **Trends in Psychology**, v. 25, n. 1, p. 169-179, 2017.

ARENDDT, H. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Trad. Roberto Raposo.

BALINT, M. **A falha básica**: aspectos terapêuticos da regressão. São Paulo: Zagodoni Editora Ltda, 2014.

BARROS, M. **Exercícios de ser criança**. São Paulo: Salamandra, 2000.

BARROS, M. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

BATISTA, J. L. **A capacidade de estar só**: a perspectiva psicanalítica de D. W. Winnicott. 2017. Dissertação (Mestrado) - Programa de Estudos Pós-Graduandos em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2017.

BAUDELAIRE, C. As Multidões. In: BAUDELAIRE, C. **O Spleen de Paris**: pequenos poemas em prosa. Rio de Janeiro: Imago, 1955. Trad. Leda Tenório da Mata.

BOLOGNINI, S. O bar no deserto. Simetria e assimetria no tratamento de adolescentes difíceis. **Revista Brasileira de Psicanálise**, 2004.

BOLOGNINI, S. A coragem de ter medo. **Revista Psicanálise e Cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo. Homenagem da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre aos 150 anos de Sigmund Freud, 2007.

BONAMINIO, V. The capacity to be alone: reflections on Winnicott's 1958 article. *La Rivista di Psicoanalisi*. **The Italian Psychoanalytic Annual**, v. 14, p.127-136, 2020.

COELHO JUNIOR, N. E. Merleau-Ponty e o primado da percepção: Diálogos com a Psicanálise. **Revista de Psicologia**, v. 15/16, n. 2, p. 11-25, 1998.

COELHO JUNIOR, N. E. Figuras da terceiridade na psicanálise contemporânea: suas origens e seus destinos. **Cadernos de psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 32, p. 175-195. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952015000100010&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 08 jan. 2022.

DAVIS, M; WALLBRIDGE, D. **Limite e espaço**: Uma introdução à obra de D. W. Winnicott. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

DIAS, E. O. Incorporação e introjeção em Winnicott. **Winnicott e-prints**, v. 2, n. 2, p. 1-30. 2007

DIAS, E. O. A teoria winnicottiana do amadurecimento como guia da prática clínica. **Natureza humana**, v. 10, n. 1, p. 29-46, 2008. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302008000100002&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 21 fev. 2022.

FREUD, S. (2017). Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. **Obras Completas de Sigmund Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 1920. p. 13-172.

GALVÁN, G. B.; AMIRALIAN, M. L. T. M. Os conceitos de verdadeiro e falso self e suas implicações na prática clínica. **Aletheia**, v. 30, p. 50-58, 2009.

GARCIA, C. A. O conceito de ilusão em psicanálise: estado ideal ou espaço potencial? **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 12, p.169-175, 2007.

GURFINKEL, D. Adições: da perversão da pulsão à patologia dos objetos transicionais. **Psychê**, v. 11, n. 20, p. 13-28, 2007.

HINSHELWOOD, R. D. **Dicionário do pensamento kleiniano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

HOUAISS, A. **Dicionário online de português**. São Paulo, 2020.

JOHN, E. **Rocket Man**. In: JOHN, E., Honky Chateau. Mercury Records Limited, 1995.

JORDÃO, A. A. Pequeno ensaio metapsicológico sobre a solidão e suas implicações. **Cad. Psicanál**, Rio de Janeiro, p. 99-118, 1982.

KHAN, M. M. R. Infancy, aloneness, and madness. In: KHAN, M. M. R. **Hidden Selves**. London: The Hogarth Press Ltd., 1983a.

KHAN, M. M. R. On lying fallow. In: KHAN, M. M. R. **Hidden Selves**. London: The Hogarth Press Ltd., 1983b.

KHAN, M. M. R. **Prefácio**. In: KHAN, M. M. R. **DW Winnicott, Textos selecionados**: da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

KLATAU, P., DAMOUS, I., KISLANOV, S. Escutando o não dito: limites ou possibilidades da clínica psicanalítica? In: Figueiredo, L. C. (Org.). **Atendimento psicanalítico de pacientes-limite**. São Paulo: Zagodoni Editora, 2016.

KUPERMANN, D. Presencia sensible: la experiencia de la transferencia en Freud, Ferenczi y Winnicott. **Jornal de psicanálise**, v. 41, n. 75, p. 75-96, 2008.

LEJARRAGA, A. L. A noção de amizade em Freud e Winnicott. **Natureza humana**, v. 12, n. 1, p. 1-20, 2010.

LOPARIC, Z. O pai e o monoteísmo em Winnicott/Winnicott on monotheism and the father. Winnicott ePrints. **Revista Internacional de Psicanálise Winnicottiana**, v. 8, 2013.

MEDEIROS, E. **A problemática do trauma**: aspectos teóricos e clínicos. 2020. Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do RJ: Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, 2020.

MELLO FILHO, J. **O ser e o viver**: uma visão da obra de Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

MINERBO, M. O tédio e a clínica do vazio. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 51, 2017.

NAFFAH NETO, A. El problema del falso self en pacientes de tipo borderline: revisitando Winnicott. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 41, n. 4, p. 77-88, 2007.

NEVES, P. H.; KUPERMANN, D. Thomas Ogden, leitor de Winnicott: diálogos epistemológicos, teórico-clínicos e estéticos. **Estudos de Psicanálise**, v. 55, p. 235-246, 2021.

OGDEN, T. Sobre sustentar e conter, ser e sonhar. In: OGDEN, T. **Esta arte da psicanálise**: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos. Porto Alegre: Artmed, 2010.

OGDEN, T. **A matriz da mente: relações objetais e o diálogo psicanalítico**. São Paulo: Editora Blucher, 2018.

OGDEN, T. On holding and containing, being and dreaming. **The International Journal of Psychoanalysis**, v. 85, n. 6, p. 1349-1364, 2004.

OUTEIRAL, J. O. Transicionalidade e criatividade: rabiscos sobre o viver criativo. **Jornal de psicanálise**, v. 43, n. 78, p. 91-98, 2010.

PEIXOTO JUNIOR, C. A. Sobre a importância do corpo para a continuidade do ser. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 8, p. 927-958, 2008.

PEIXOTO JUNIOR, C. A. As relações objetais primárias no contexto da falha básica. **Natureza Humana**, v. 6, n. 2, p. 235-253, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151724302004000200002&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 04 out. 2020.

PEREIRA, M.C. **Só...Solidão...**. Comunicação proferida na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 2020.

PESSOA, F. **Livro do Desassossego**. Ed. Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PLASTINO, C. A. **Vida, criatividade e sentido no pensamento de Winnicott**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

SAFRA, G. Os registros do masculino e feminino na constituição do self. **Jornal de Psicanálise**, v. 42, n. 76, p. 77-89, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352009000100006&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 19 jul. 2021.

SAMPAIO, L. B. P. Lendo Ogden: corpo, voz, poesia: uma experiência de leitura e escrita. 2013. Tese (doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2013.

SANTOS, M. A. D. A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 12, 1999.

SILVA, S. G. A gramática do silêncio: um estudo sobre a comunicação e a não comunicação na psicanálise. 2014. Tese (Doutorado) - em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014.

SILVA, S. G. **A gramática do silêncio em Winnicott**. São Paulo: Zagodoni Editora Ltda, 2017.

SPINIELI, A. L. P. O conceito de dialética na filosofia hegeliana: a síntese dos opostos e a busca pela liberdade. In: IV Congresso Interdisciplinar de Pesquisa, Iniciação Científica e Extensão Universitária, 2019, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. v. 1. p. 317-332, 2019.

SVARTMAN, B. Winnicott: conceitos que abrem novos caminhos. **Revista da SPAGESP**, v. 1, n. 1, p. 117-125, 2000. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702000000100016&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 21 fev. 2022.

WINNICOTT, D. W. Desenvolvimento emocional primitivo. In: WINNICOTT, D. W. **Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise** Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1945.

WINNICOTT, D. W. The depressive position in normal emotional development. **British Journal of Medical Psychology**, 1955.

WINNICOTT, D. W. (). Raízes da agressão In: WINNICOTT, C. (Org.) **Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1968.

WINNICOTT, D. W. A criatividade e suas origens In: WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975a.

WINNICOTT, D. W. A localização da experiência cultural. In: WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975b.

WINNICOTT, D. W. Aggression in relation to emotional development. **Through paediatrics to psycho-analysis**, 1975c.

WINNICOTT, D. W. Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior. In: WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975d.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975e.

WINNICOTT, D. W. O lugar em que vivemos. In: WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975f.

WINNICOTT, D. W. (). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975g. p. 153-62.

WINNICOTT, D. W. O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In: WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975h.

WINNICOTT, D. W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975i.

WINNICOTT, D. W. Sonhar, fantasiar e viver In: WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975j.

WINNICOTT, D. W. (1956) Preocupação materna primária. In: WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978.

WINNICOTT, D. W. (1958) A capacidade para estar só. In: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre, RS: ArtMed, 1988a.

WINNICOTT, D. W. (1962). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: ArtMed, 1988b.

WINNICOTT, D. W. (1963). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: ArtMed, 1988c.

WINNICOTT, D. W. (1963). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: ArtMed, 1988d.

WINNICOTT, D. W. (1960). Distorção do ego em termos de verdadeiro e falso self. In: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: ArtMed, 1988e.

WINNICOTT, D. W. (1963). O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: ArtMed, 1988f.

WINNICOTT, D. W. A posição depressiva. In: WINNICOTT, D. W. **Natureza humana**, 1990a. p. 89-103.

WINNICOTT, D. W. Caos. In: WINNICOTT, D. W. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990b.

WINNICOTT, D. W. **Home is where we start from**: Essays by a psychoanalyst. WW norton & Company, 1990c.

WINNICOTT, D. W. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990d.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

WINNICOTT, D. W. (1968). A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebe: convergências e divergências. In: WINNICOTT, D. W. **os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2018^a.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.